



# TERRAS ROXAS & PÉS VERMELHOS:

EXPERIÊNCIAS TELÚRICAS E O SENTIDO DOS  
LUGARES E DAS PAISAGENS DO NORTE DO PARANÁ





UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

JOSÉ RAFAEL VILELA DA SILVA

**TERRAS ROXAS & PÉS VERMELHOS:**  
EXPERIÊNCIAS TELÚRICAS E O SENTIDO DOS LUGARES  
E DAS PAISAGENS DO NORTE DO PARANÁ

---

LONDRINA  
2023

JOSÉ RAFAEL VILELA DA SILVA

**TERRAS ROXAS & PÉS VERMELHOS:**  
EXPERIÊNCIAS TELÚRICAS E O SENTIDO DOS LUGARES  
E DAS PAISAGENS DO NORTE DO PARANÁ

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina, no curso de Mestrado em Geografia, para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jeani Delgado Paschoal Moura

Londrina  
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Silva, José Rafael Vilela da.

Terras Roxas & Pés Vermelhos : Experiências Telúricas e o Sentido dos Lugares e das Paisagens do Norte do Paraná / José Rafael Vilela da Silva. - Londrina, 2023.  
153 f. : il.

Orientador: Jeani Delgado Paschoal Moura.

Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Exatas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2023.  
Inclui bibliografia.

1. Solos - Tese. 2. Relação Homem-Terra - Tese. 3. Experiência geográfica - Tese. 4. Geopoética - Tese. I. Moura, Jeani Delgado Paschoal. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Exatas. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Título.

CDU 91



JOSÉ RAFAEL VILELA DA SILVA

**TERRAS ROXAS & PÉS VERMELHOS:  
EXPERIÊNCIAS TELÚRICAS E O SENTIDO DOS LUGARES  
E DAS PAISAGENS DO NORTE DO PARANÁ**

**BANCA AVALIADORA DA DISSERTAÇÃO**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Fernandes Paula-Shinobu  
Docente do Programa de Pós-Graduação em  
Geografia da Universidade Estadual de Londrina  
(UEL) – Londrina, Paraná, Brasil.

---

Prof. Dr. Marciel Lohmann  
Docente do Programa de Pós-Graduação em  
Geografia da Universidade Estadual de Londrina  
(UEL) – Londrina, Paraná, Brasil.

---

Prof. Dr. Túlio Barbosa  
Docente do Programa de Pós-Graduação em  
Geografia da Universidade Federal de Uberlândia  
(UFU) - Uberlândia, Minas Gerais, Brasil.

Londrina, 03 de outubro de 2023.

# AGRADECIMENTOS

A pesquisa científica revela-se como um processo coletivo. Assim, assumindo esta característica do saber-fazer da pesquisa, são muitos os alvos de agradecimentos, tornando impossível enumerar ou nomear minuciosamente todos aqueles que possuem a sua parcela de contribuição neste processo.

Contudo, sem dúvida alguma, é preciso fazer menção a alguns nomes, pessoas, eventos e acontecimentos pelos quais reconhecemos nossa gratidão neste fazer científico.

Inicialmente, destaco meus agradecimentos à Geografia, ciência a qual tenho grande carinho e gratidão, por me permitir (re)descobrir diferentes formas de perceber e compreender mundo, e por possibilitar conhecer novas pessoas, paisagens, lugares e realidades geográficas.

Agradeço à minha família, a qual sempre me apoiou em minha trajetória de vida e ofertou suporte e base para a dedicação aos estudos, durante minha Graduação, Especialização e Mestrado, permitindo fortalecer a minha formação por completo, profissional e humana.

Sinceros agradecimentos a todos os docentes, com os quais tive o privilégio de conviver e aprender dentro e fora de sala de aula e em campo. Em especial, destaco os mais profundos agradecimentos à Professora Jeani Delgado Paschoal Moura, orientadora e amiga, a qual desde 2017, acompanha minha trajetória na universidade – da graduação à pós-graduação, orientando-me em diversos trabalhos e atividades. Sobretudo, no período em que participei como bolsista do Programa de Educação Tutorial – PET Geografia, durante o qual vivenciei ricas experiências. Agradeço por seu espírito fraterno e humano que nos inspira a sempre avançarmos pelos caminhos fenomenológicos da Geografia.

Agradeço aos professores da banca, Professora Patrícia Fernandes de Paula-Shinobu (UEL), Professor Marciel Lohmann (UEL) e Professor Túlio Barbosa (UFU) por aceitarem o convite e disporem de seu tempo e atenção na leitura e avaliação deste trabalho, e pelas contribuições e apontamentos feitos à pesquisa.

Agradecimentos aos meus amigos e colegas de curso, com os quais pude trilhar a caminhada de formação enquanto professor-geógrafo, durante a graduação e o mestrado. Juntos, vivenciamos momentos de aulas, debates e discussões,

trabalhos em grupo, seminários e trabalhos de campo – momentos de aprendizado e experiências únicas que guardo com carinho, por meio de fotos e memórias.

Em especial, agradeço aos amigos do Grupo de Estudos e Pesquisas em Fenomenologia, Geografia & Educação, que a partir dos ricos diálogos permitiram ampliar a minha compreensão sobre os desafios e possibilidades de investigação no campo da Geografia Humanista e da Fenomenologia.

Agradecimentos, a amiga Jessica Mayara Siqueira Silva, responsável pela espacialização e elaboração dos mapas presentes nesta pesquisa.

Expresso meus agradecimentos ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO-UEL), ao Departamento de Geociências (DGEO), ao Colegiado do Curso de Geografia e a todos os funcionários, sempre presentes e dispostos a auxiliar nos diversos momentos da graduação e pós-graduação.

Agradecimentos à Universidade Estadual de Londrina (UEL) – Universidade pública, gratuita e de qualidade – que me acolheu como estudante em todos os seus ambientes, oferecendo múltiplas oportunidades de construção do conhecimento e experiências únicas que contribuíram na formação profissional, pessoal e humana.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Devido a isso agradecemos à CAPES, pelo fomento à pesquisa por meio do pagamento da bolsa de mestrado durante o período de 1 ano e pelo custeio na participação de eventos científicos.

***Dedico esta pesquisa a todos os pés-vermelhos que preservam esta marca, com carinho, nas solas dos pés e/ou no coração.***



SILVA, José Rafael Vilela da. Terras Roxas & Pés Vermelhos: Experiências Telúricas E O Sentido Dos Lugares E Das Paisagens Do Norte Do Paraná. **Dissertação de Mestrado** (Programa de Pós-Graduação em Geografia), Universidade Estadual de Londrina, 2023.

## RESUMO

Compreender e resgatar as experiências telúricas é essencial para desvelar múltiplos sentidos atribuídos aos lugares e às paisagens. Isso pode ser alcançado por meio do cotidiano, das memórias e do imaginário popular, que atuam como catalisadores de vínculos afetivos entre os indivíduos e a Terra. Essa abordagem revela identidades e geograficidades resultantes da íntima relação Homem-Terra, para além dos aspectos morfológicos visíveis. A problemática central desta pesquisa se concentra na seguinte questão: Como se apresentam as expressões “terra roxa” e “pé vermelho” considerando os valores culturais, o pertencimento e a ligação dos sujeitos a esta Terra, popularmente conhecida como terra roxa, no contexto histórico-geográfico do Norte do Paraná? Em outras regiões de solo avermelhado tal expressão faz algum sentido? O objetivo central é compreender o fenômeno de formação das expressões “terra roxa” e “pé vermelho” a partir da experiência geográfica entre os indivíduos e os solos e a Terra nessa região. A metodologia baseia-se na revisão bibliográfica voltada para a abordagem geográfica humanista com uma perspectiva fenomenológica, no levantamento e coleta de dados em diversas fontes de pesquisa, práticas de campo exploratórias com o uso de caderneta de campo para registros de observações, croquis, diálogos e conversas, mapeamento de narrativas geográficas coletadas em mídias sociais, além de um exercício fotográfico. Os resultados revelaram que as expressões “terra roxa” e “pé vermelho” apresentam-se como expressões de identidade e pertencimento que emergiram das múltiplas experiências vividas e, até os dias atuais, se revestem de um sentimento de pertencimento e ligação com a Terra. A partir de nossas escavações consideramos ter aflorado à superfície novas compreensões destas relações entre as e pessoas e a Terra, e sobre as expressões foco da pesquisa, as quais compreendemos enquanto fragmentos e peças de um complexo “quebra-cabeças geográfico”.

**Palavras-chave:** Solos; Relação Homem-Terra; Experiência geográfica; Geopoética.

SILVA, José Rafael Vilela da. Purple Soils & Red Feet: Telluric Experiences and the Sense of Places and Landscapes in Northern Paraná. **Dissertação de Mestrado** (Programa de Pós-Graduação em Geografia), Universidade Estadual de Londrina, 2023.

## **ABSTRACT**

Understanding and reclaiming the telluric experiences is essential to unveil the multiple meanings attributed to places and landscapes. This can be achieved through everyday life, memories, and popular imagination, which act as catalysts for emotional bonds between individuals and the Earth. This approach reveals identities and geographicity resulting from the intimate relationship between humans and the Earth, beyond visible morphological aspects. The central issue of this research focuses on the following question: How do the expressions “terra roxa” and “pé vermelho” present themselves considering the cultural values, belonging, and connection of individuals to this Earth, popularly known as “terra roxa,” in the historical-geographical context of Northern Paraná? In other regions with reddish soil, does such an expression make any sense? The main objective is to understand the phenomenon of the formation of the expressions “terra roxa” and “pé vermelho” based on the geographic experience between individuals and the soil and Earth in this region. The methodology is based on bibliographic review focused on the humanistic geographic approach with a phenomenological perspective, data collection from various research sources, exploratory field practices using field notebooks for observations, sketches, interviews, and conversations, mapping of geographic narratives collected on social media, as well as a photographic exercise. The results revealed that the expressions “terra roxa” and “pé vermelho” appear as expressions of identity and belonging that emerged from multiple lived experiences and, to this day, are imbued with a sense of belonging and connection to the Earth. From our “excavations,” we consider that new understandings of these relationships between people and the Earth have emerged to the surface, as well as insights into the expressions research focus, which we understand as fragments and pieces of a complex “geographic puzzle.”

**Keywords:** Soils; Man-Earth Relationship; Geographic experience; Geopoetics.

# LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Marcas do contato com a terra vermelha.....	30
<b>Figura 2:</b> Procedimentos metodológicos adotados na pesquisa.....	37
<b>Figura 3:</b> Propaganda da Companhia de Terras Norte do Paraná – CTNP, que destaca o termo terra roxa.....	41
<b>Figura 4:</b> Categorias de interpretação das narrativas telúricas.....	45
<b>Figura 5:</b> Municípios do Norte do Paraná visitados em trabalho de campo.....	47
<b>Figura 6:</b> Caderno de campo produzido a partir de trabalho de campo.....	49
<b>Figura 7:</b> Fotografia da exposição “Com os pés na terra, com o olhar na paisagem” .....	52
<b>Figura 8:</b> A dança dos continentes.....	67
<b>Figura 9:</b> Narrativas telúricas sobre as origens da terra roxa.....	72
<b>Figura 10:</b> Propaganda da CTNP sobre as terras do Norte do Paraná.....	75
<b>Figura 11:</b> Propaganda da CTNP sobre as terras do Norte do Paraná.....	76
<b>Figura 12:</b> Tríade terra roxa-pé vermelho-ouro verde.....	79
<b>Figura 13:</b> Mapa cultural do estado do Paraná por região.....	86
<b>Figura 14:</b> Mapa das narrativas pé vermelho.....	90
<b>Figura 15:</b> Resultado da Pesquisa “A Londrina que amamos!” - IPPU.....	93
<b>Figura 16:</b> Praça Pé Vermelho em Londrina - PR.....	95
<b>Figura 17:</b> Mapa de palavras gerado a partir das narrativas telúricas.....	97
<b>Figura 18:</b> Categoria 2 – Narrativas telúricas.....	100
<b>Figura 19:</b> Categoria 3 – Narrativas telúricas.....	102
<b>Figura 20:</b> Categoria 4 – Narrativas telúricas.....	104



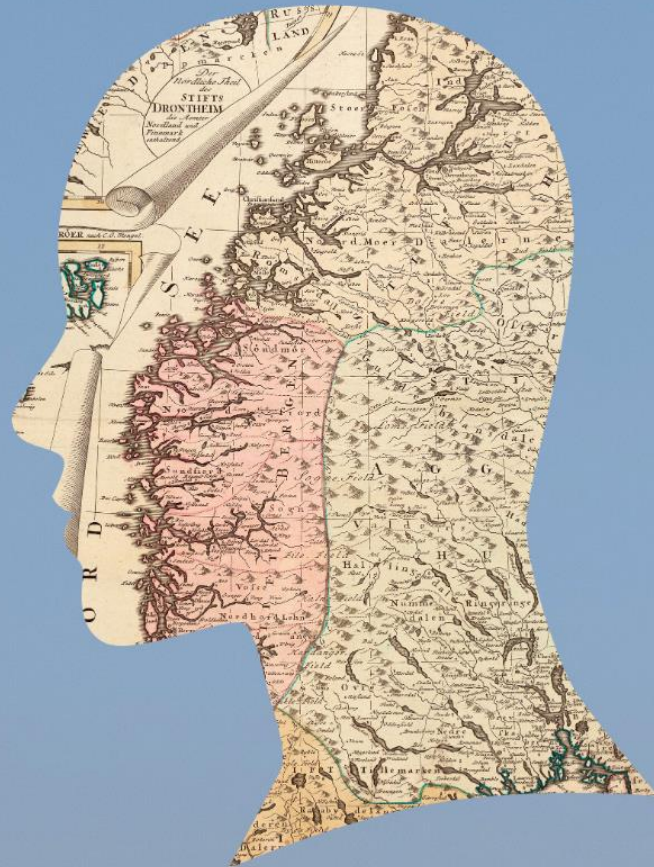
# SUMÁRIO

<b>PRÓLOGO – UMA JORNADA GEOGRÁFICA PELAS TERRAE SCIENTIAE.....</b>	<b>10</b>
I – O INÍCIO DA JORNADA.....	11
II –A JORNADA SE ENCAMINHA PARA O FIM OU UM NOVO COMEÇO.....	26
 <b>CAMINHADAS INICIAIS PELAS TERRAS ROXAS.....</b>	<b>28</b>
 <b>CAPÍTULO 1 - ALÉM DA SUPERFÍCIE: ESCAVAÇÕES FENOMENOLÓGICAS NAS TERRAS ROXAS.....</b>	<b>35</b>
 <b>CAPÍTULO 2 - DO SOLO VERMELHO À TERRA ROXA: NATUREZA TELÚRICA DO NORTE DO PARANÁ.....</b>	<b>56</b>
2.1 POLISSEMIAS DA TERRA: MÚLTIPLOS SENTIDOS ENTRE OS TERMOS “TERRA” E “SOLO” .....	59
2.2 COMPREENSÕES FENOMENOLÓGICAS DA FORMAÇÃO GEOLÓGICA.....	65
 <b>CAPÍTULO 3 - PÉS VERMELHOS: A TERRA QUE PULSA NO CORAÇÃO.....</b>	<b>82</b>
3.1 PÉS VERMELHOS NO NORTE DO PARANÁ: AS ESPACIALIDADES E GEOGRAFICIDADES DE UM FENÔMENO CULTURAL.....	84
3.2 NARRATIVAS TELÚRICAS SOBRE O QUE É SER “PÉ VERMELHO” .....	96
 <b>4 ESCAVAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>107</b>
 <b>5 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>110</b>
 <b>6 APÊNDICES.....</b>	<b>116</b>
A) PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA.....	116
B) NARRATIVAS TELÚRICAS ORGANIZADAS CONFORME LOCALIDADE.....	123
C) NARRATIVAS TELÚRICAS COLETADAS NAS MÍDIAS SOCIAIS.....	126



JOSÉ RAFAEL VILELA DA SILVA

# UMA JORNADA GEOGRÁFICA PELAS TERRAE SCIENTIAE



## I O INÍCIO DA JORNADA

***“O mundo não está em seus livros e mapas. Ele está lá fora” – Gandalf***  
*JACKSON, Peter. O Hobbit: Uma Jornada Inesperada*

**A**o longo deste prólogo compartilho experiências e aprendizados construídos durante a singular jornada empreendida pelas terras do conhecimento - *Terrae Scientiae*. Cada encontro, descoberta e desafio enfrentado delinearam minha caminhada acadêmica, instigando a busca pelo conhecimento e por respostas a perguntas inquietantes.

Buscamos expor a riqueza dessas experiências vividas e quiçá inspirar outros(as) pesquisadores(as) a se aventurarem por terras desconhecidas – *Terrae Incognitae* (WRIGHT, 2014), em um encontro com o “mundo”, para além de seus livros e mapas, a fim de descobrir novas perspectivas geográficas de investigação e propor avanços científicos significativos.

Esta é uma oportunidade de compartilhar a trajetória acadêmica vivenciada durante esta pesquisa empreendida no Curso de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) na Universidade Estadual de Londrina (UEL). Percurso desafiador, ao longo do qual tive o privilégio de participar de diversos eventos científicos e atividades que permitiram a troca de conhecimentos e experiências com pesquisadores, amigos e colegas da área.

As disciplinas e atividades curriculares desempenharam um papel fundamental nesta formação. Por meio delas, obtive os fundamentos teóricos e metodológicos necessários para aprofundar a compreensão da Ciência Geográfica. Além de que, os debates e discussões em sala de aula incentivaram a crítica e a abordagem de questões complexas do campo da Geografia.

Além disso, os encontros em grupos de estudo e pesquisa, especialmente o Grupo de Estudos e Pesquisas em Fenomenologia, Geografia & Educação, foram essenciais para ampliar a percepção sobre os desafios e possibilidades de investigação no campo da Geografia Humanista e da Fenomenologia. Com o diálogo entre amigos e colegas, participei ativamente de projetos de pesquisa, explorando novas abordagens do pensar e fazer científico.



Ao longo dessa jornada, cada etapa vivenciada foi motivada pela busca pelo conhecimento geográfico e por respostas às questões que permeiam o nosso mundo. Seguimos assim, em busca de compartilhar as aprendizagens e descobertas obtidas ao longo dessa trajetória, destacando a importância da participação em eventos científicos, das trocas de conhecimentos e experiências, dos aprendizados construídos nas disciplinas e atividades (extra)curriculares.

Durante estes últimos dois anos, como um pesquisador intrépido embarquei em uma jornada geográfica pelas terras do conhecimento, explorando territórios até então desconhecidos. O que me fez recordar a seguinte frase...

***“É perigoso sair porta afora... ‘Você pisa na Estrada, e, se não controlar seus pés, não há como saber até onde pode ser levado’”*** (Tolkien, 2001, p.96).

Mesmo sem saber muitas vezes, a quais lugares seria conduzido por estas estradas, ousei, buscar estas terras desconhecidas, tendo sido conduzido por lugares como Lisboa, Madri, Málaga, Gibraltar, Santiago de Compostela, Buenos Aires, Ushuaia, La Plata, Santiago, Montevideu, Londrina, Califórnia, Apucarana, São Paulo, Rio de Janeiro, Ilhéus, Fortaleza, Cuiabá, Curitiba, Porto Velho... mergulhando em naturezas, culturas, modos de vida e contextos acadêmicos e científicos distintos.

Ao longo dessas viagens, vivenciei um mundo de possibilidades de sentido, em que cada destino representava uma nova página a ser escrita no livro da minha vida.

*Jornadas Geográficas pelas Terrae Scientiae*



*Org. José Rafael Vilela da Silva (2023)*

Essa jornada geográfica não apenas expandiu meus horizontes, mas desafiou minhas próprias limitações, proporcionando uma compreensão mais ampla e profunda da Geografia, não enquanto apenas ciência, mas também enquanto conhecimento, saber, modo de ser e estar no mundo.



### **Londrina, outono de 2022**

O início do curso de mestrado em Geografia na Universidade Estadual de Londrina (UEL), a princípio foi marcado pela dinâmica de participação em disciplinas obrigatórias e opcionais, que reforçaram as bases para a minha formação teórico-conceitual e, sobretudo, existencial.

A experiência de imersão nas disciplinas do Mestrado foi essencial. Por meio das discussões em sala de aula e atividades práticas, desenvolvi uma base de

conhecimentos teóricos e práticas metodológicas para deixar-me ser conduzido por futuras investigações.

Essas disciplinas proporcionaram valiosas oportunidades de interação com colegas e professores, por meio do compartilhamento de conhecimentos e a troca de experiências. As discussões em sala de aula nos desafiaram a refletir sobre as diferentes perspectivas e abordagens geográficas que nos foram apresentadas.

Ainda em março de 2022, participei da organização da palestra "Planejamento de Cidades Saudáveis - dos velhos desafios à futura premente necessidade". Evento que contou com a participação especial da Professora Eduarda Marques da Costa, da Universidade de Lisboa, e foi transmitido ao vivo pelo YouTube.

A palestra abordou de forma abrangente os desafios enfrentados no planejamento urbano, especialmente no contexto das cidades saudáveis. A referida professora compartilhou seu conhecimento e experiência, explorando questões relacionadas à qualidade de vida, sustentabilidade, mobilidade urbana, espaços públicos e outras temáticas relevantes para o desenvolvimento de cidades saudáveis



e inclusivas. Como parte da equipe responsável pela organização desse evento, pude contribuir com a divulgação e suporte técnico necessário para a realização da palestra.

Ao longo do primeiro semestre de 2022, contribui na organização e divulgação do XIX Ensigeo - Encontro de Ensino de Geografia da Universidade Estadual de Londrina. Experiência que possibilitou vivenciar a preparação e realização deste evento científico com relevância para a área de Ensino de Geografia da UEL.

Como parte da equipe responsável pela organização do Ensigeo, estive envolvido em atividades que incluíam a programação e a divulgação do evento. Colaborar na elaboração do cronograma de palestras, minicursos, mesas-redondas e demais atividades proporcionou uma percepção abrangente das diferentes temáticas e a oportunidade de contribuir para a construção de uma programação diversificada.

Além disso, as investigações bibliográficas para o projeto de pesquisa foram importantes para embasar as questões de pesquisa, os objetivos, as hipóteses e a metodologia a serem adotadas. Aprofundei-me em estudos sobre a relação entre as pessoas e a terra vermelha presente no Norte do Paraná, bem como sobre a expressão de pertencimento e identidade "pé vermelho".

Durante o mês de maio, tive a oportunidade de realizar uma viagem ao estado de Rondônia, na região Norte do Brasil, e a sua capital, Porto Velho. Essa cidade nos recebeu com uma atmosfera vibrante e sua história, marcada pelo ciclo da borracha e pela construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Durante a estadia em Porto Velho, pude visitar seus pontos turísticos e entrar em contato com a cultura local, que se expressou por meio de sua gastronomia e artesanato. Além da capital, conheci duas cidades do interior: Jaru e Ji-Paraná. Localidades que apresentam uma atmosfera diferente da capital, com um ritmo mais tranquilo e pacato.

A viagem à Rondônia foi uma experiência única, que proporcionou uma imersão na cultura e na realidade dessa região do Brasil. A oportunidade de explorar lugares tão distintos, desde a cidade movimentada até as pequenas localidades do interior, permitiu-me compreender melhor a diversidade geográfica e cultural do país.

Nessa experiência de viagem pude vivenciar na prática alguns conceitos e discussões trabalhados em sala de aula. Além disso, a interação com as diferentes paisagens, as pessoas e os lugares visitados despertaram em mim novas reflexões e questionamentos, incorporando novos elementos em minha perspectiva geográfica.

Durante o mês de maio, participei da organização de uma atividade na disciplina ministrada pela professora Jeani D. P. Moura. Intitulada de "ABCdário", esta

teve como objetivo promover uma reflexão profunda sobre as palavras e conceitos que permeiam a docência e a sala de aula.

Inspirados pela dinâmica realizada por Jorge Larossa<sup>1</sup>, embarcamos em uma jornada de reflexão e significação das palavras. Cada letra do alfabeto representava um conceito ou termo relacionado à nossa prática como professores e ao ambiente escolar. A proposta - repensar e refletir sobre o verdadeiro significado e a carga simbólica que essas palavras carregam.

Exploramos uma série de palavras, desde as mais comuns até as mais complexas, abordando aspectos como o papel do professor, a relação com os estudantes, as estratégias de ensino, a inclusão, a avaliação, entre outros temas relevantes para a prática pedagógica. Foi uma experiência enriquecedora poder mergulhar nas múltiplas camadas de sentido que cada palavra apresentava. Questionamos nossas concepções prévias, desconstruímos estereótipos e ampliamos a nossa compreensão sobre os desafios e as possibilidades da docência.

Além disso, o ABCdário nos proporcionou momentos de troca e diálogo com os colegas de classe. Compartilhamos nossas percepções, vivências e reflexões, enriquecendo ainda mais a experiência coletiva. Percebemos como as palavras têm o poder de transformar a nossa prática educativa e o ambiente de sala de aula. Sendo instigados a repensar nossas práticas, a questionar conceitos arraigados e a buscar novas abordagens e significados.

Durante este mês, vivenciei também a experiência de realizar uma atividade no estágio de docência na graduação. Fui responsável por orientar estudantes do 3º ano de Geografia em uma discussão sobre a importância dos jogos e seu caráter lúdico no ensino dessa disciplina, com foco no tema dos Direitos Humanos (DH).

O estágio de docência proporcionou um espaço de troca e aprendizado mútuo, em que pude compartilhar meus conhecimentos e experiências, ao mesmo tempo em que aprendi com os estudantes. Juntos, exploramos diferentes abordagens e estratégias para inserir os jogos como ferramenta pedagógica no ensino de Geografia, especialmente na abordagem dos DH.

Os estudantes tiveram a oportunidade de conhecer e discutir diversos jogos educacionais que abordam questões relacionadas aos DH, como a igualdade, a diversidade, a inclusão social e a justiça. Exploramos jogos de tabuleiro e outras

---

<sup>1</sup> ABCEDÁRIO com Jorge Larossa Bondía. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5FtY1psRoS4>

dinâmicas lúdicas, buscando o pensamento crítico e participação dos estudantes. Por meio dessas vivências, os estudantes perceberam os jogos como uma metodologia para despertar o interesse dos alunos, promover a participação ativa, a construção colaborativa do conhecimento e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais.

Foi gratificante ver o engajamento e o entusiasmo dos estudantes ao participarem das atividades, percebendo o potencial transformador dos jogos no processo de ensino e aprendizagem. Essa experiência reforçou a minha convicção sobre a importância de utilizar estratégias lúdicas no processo educativo, especialmente no ensino de disciplinas como a Geografia, que podem se beneficiar do uso dos jogos em sua didática.

### **Califórnia, inverno de 2022**

Durante o segundo semestre do mestrado, cursei disciplinas que ampliaram a minha leitura sobre a relação entre Geografia, Educação e Meio Ambiente. Em uma dessas, "Tópicos Especiais em Educação em Solos", oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências do Solo da Universidade Federal do Paraná (UFPR), observei a importância dos solos como um elemento natural fundamental e sua relação com a educação

ambiental. Por meio de estudos teóricos e práticos, construí conhecimentos sobre a formação dos solos, sua classificação e propriedades, bem como estratégias educacionais para abordar a importância de sua conservação e do uso sustentável.

No mês de agosto de 2022, participei como ouvinte na Conferência de Abertura da XXXVIII Semana de Geografia da Universidade Estadual de Londrina. O evento, tradicional na instituição, reuniu estudantes, professores, pesquisadores e profissionais da área, constituindo um ambiente propício para a troca de conhecimentos e debates sobre temas relevantes da Geografia.

Além das atividades acadêmicas, a participação na Semana de Geografia proporcionou um mergulho na dinâmica da Universidade e na atmosfera acadêmica,



fortalecendo o vínculo com a comunidade universitária e expandindo a minha vivência como estudante de pós-graduação.



### **Lisboa, outono (europeu) / primavera (brasileira) de 2022**

No mês de setembro, atravessei o Oceano Atlântico para viajar para Lisboa e pela Espanha (Madri, Málaga, Santiago de Compostela), onde apresentei quatro trabalhos em eventos científicos. Essa experiência não só permitiu compartilhar minhas pesquisas, mas me proporcionou um mergulho nas discussões nas áreas da geografia, saúde, insegurança urbana, educação, sob distintas perspectivas.

Na Universidade de Lisboa, no Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT), participei do Congresso Internacional GeoSaúde, onde apresentei dois trabalhos que despertaram reflexões interessantes. O primeiro deles, "Solos e saúde: em que terreno estamos pisando?", abordou a relação entre a qualidade dos solos e seu impacto na saúde humana. Essa apresentação gerou discussões e proporcionou-me uma compreensão ampliada das implicações geográficas da qualidade dos solos para a saúde das comunidades.

No segundo trabalho apresentado em Lisboa, "O Neoliberalismo e a Produção da Insegurança Urbana: Reflexões e Considerações Acerca da Crise na Vida Cotidiana", escrito em co-autoria com Osmar Fabiano de Souza Filho, discutimos como o modelo neoliberal contribui para a produção de insegurança nas áreas urbanas e suas consequências na vida cotidiana. Essa apresentação despertou debates com outros pesquisadores e possibilitou uma compreensão das dinâmicas sociais das cidades.

Além das atividades no congresso, realizei um trabalho de campo pela cidade de Lisboa, o que enriqueceu a minha experiência ao conhecer a cidade sob novas perspectivas, a sua cultura e sua história.

Na Espanha, mais especificamente na Universidade de Santiago de Compostela, participei do evento “*X Coloquio del Grupo de Historia del Pensamiento Geográfico*” apresentando dois trabalhos. O primeiro, “Corpo e lugar na perspectiva da experiência escolar: reflexões sobre a educação pós-pandemia”, escrito em parceria com Jéssica Bianca dos Santos e Jeani Delgado Paschoal Moura, com reflexões sobre o impacto da pandemia na educação e como o corpo e o lugar podem influenciar e modificar a experiência escolar. O segundo trabalho, “*La tierra y el hombre: una mirada al vínculo entre personas y suelos en la realidad histórico-geográfica de Londrina*”, abarcou a relação entre as pessoas, os solos e a terra na realidade histórico-geográfica de Londrina, o que permitiu compartilhar um pouco da pesquisa destacando esta conexão entre as comunidades e o ambiente em que vivem.

Participar desses eventos científicos em Lisboa e Santiago de Compostela foi uma experiência transformadora. A troca de conhecimentos, as discussões e a oportunidade de conhecer novos pesquisadores e profissionais ampliaram a minha percepção sobre a Geografia e suas interações com outras áreas. Além disso, a experiência de vivenciar a cultura e a dinâmica das cidades e das universidades de Lisboa e Santiago de Compostela adicionaram uma dimensão única à minha viagem, proporcionando momentos de aprendizado, inspiração e descobertas.

De volta ao Brasil, em outubro de 2022, como estudante da disciplina “Geografia Física e Educação Ambiental” pude participar de oficinas pedagógicas na Casa do Caminho, uma instituição escolar na cidade de Londrina que atende crianças de diferentes idades no contraturno, proporcionando atividades educacionais diversificadas. Durante essas oficinas, ofertei uma oficina de pinturas e desenhos com tintas e aquarelas de solos e giz de terra. Foi uma experiência gratificante compartilhar meus conhecimentos e despertar o interesse das crianças pela Geografia e pelo ambiente, sobretudo os solos.

Durante a oficina, apresentamos os diferentes tipos de solos, suas cores, texturas e composição. Conversamos sobre a importância dos solos para o crescimento das plantas e sua relação com a vida no planeta. Em seguida, fornecemos as tintas, aquarelas de solos e giz de terra para que as crianças pudessem expressarem a sua criatividade e criarem obras de arte utilizando esses materiais.

As crianças exploraram as cores e texturas dos solos de forma lúdica e divertida, expressando suas percepções e interpretações por meio da arte. A oficina

proporcionou um ambiente propício para trocas de conhecimento, em que elas compartilhavam suas descobertas e experiências relacionadas aos solos.

Além da realização da oficina na Casa do Caminho, essa experiência inspiradora nos proporcionou a escrita de um capítulo publicado em uma coletânea de textos voltados à temática da educação ambiental e práticas didáticas. Essa publicação nos permitiu compartilhar nossas reflexões e contribuições com outros profissionais e pesquisadores da área, ampliando o alcance e o impacto das nossas experiências e aprendizados no campo da Geografia e Educação Ambiental.

No conjunto, as disciplinas cursadas no segundo semestre proporcionaram uma base sólida de conhecimentos teóricos e práticos, aprofundando a minha compreensão sobre a relação entre Geografia, Educação e Meio Ambiente, além de fortalecer as técnicas metodológicas para a pesquisa.

Em novembro de 2022, na companhia de amigos, pude participar do XIX Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada (SBGFA), na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Durante o evento, apresentei o trabalho "Geografias em Jogo: Experiências e Potencialidades no Ensino das Temáticas Físico-Naturais", além de participar do minicurso "Propostas práticas para o ensino de Geografia Física na educação básica".

O evento revelou-se um ambiente propício para a troca de conhecimentos e experiências com profissionais e pesquisadores. Nas atividades, palestras e grupos de trabalho, vivenciamos a troca de ideias e conhecimentos, o que contribuiu para o enriquecimento do meu trabalho e para uma leitura ampla e atualizada das temáticas abordadas. A apresentação do trabalho permitiu compartilhar minhas pesquisas, além de receber *feedbacks*, sugestões e críticas construtivas dos colegas presentes.

O minicurso sobre propostas práticas para o ensino de Geografia Física na educação básica foi uma oportunidade de aprofundar meus conhecimentos e construir novas metodologias para a abordagem das temáticas físico-naturais em sala de aula.

Além das atividades acadêmicas, a experiência de vivenciar a cidade do Rio de Janeiro foi literalmente "maravilhosa". A cidade oferece uma atmosfera única, repleta de diversidade cultural, belezas naturais e uma rica geografia. Exploramos diferentes pontos turísticos, museus e locais emblemáticos, que enriqueceram a minha percepção dos aspectos geográficos e culturais do Rio de Janeiro.



## Rio de Janeiro, verão de 2023

Durante os meses de dezembro de 2022, janeiro e fevereiro de 2023, minha trajetória acadêmica foi marcada por atividades que contribuíram para o aprofundamento do meu conhecimento e o avanço da minha pesquisa.

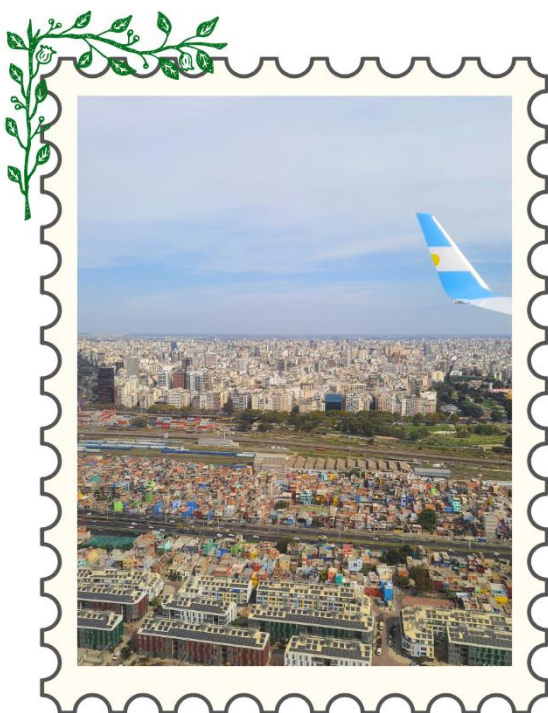
No mês de dezembro, dediquei-me à leitura de referências bibliográficas relevantes para a minha área de estudo. Busquei ampliar minha base teórica, explorando obras clássicas e

contemporâneas que abordam a relação entre as pessoas e o ambiente, no caso, em especial sobre a terra vermelha presente no Norte do Paraná, bem como a expressão de pertencimento e identidade "pé vermelho".

Além das atividades de leitura, aproveitei o período para realizar atividades de campo, compreendendo a importância de conhecer *in loco* as áreas que constituem a área de estudo da minha pesquisa. Por isso, realizei visitas a diferentes localidades no Norte do Paraná, explorando as paisagens, conversando com as pessoas locais e coletando dados relevantes para a construção desta leitura das conexões entre as pessoas e a terra vermelha.

No mês de fevereiro, retornei ao foco em minha pesquisa, consolidando os conhecimentos construídos nas leituras e nas atividades de campo. Aprofundei-me na interpretação dos dados coletados, organizando-os e relacionando-os com os conceitos e teorias estudados ao longo do curso. Esses processos me permitiram identificar novas perspectivas e possibilidades de investigação, fortalecendo e delineando os caminhos da pesquisa.





## Argentina, outono de 2023

No mês de março de 2023, fui convidado a participar como palestrante em um evento organizado pelo curso de Geografia na Universidade de Santa Cruz (UESC), localizada na encantadora cidade de Ilhéus, Bahia. O I Simpósio de Ensino de Geografia, foi uma oportunidade de compartilhar conhecimentos, trocar experiências e discutir práticas e perspectivas no ensino de Geografia na atualidade.

Minha participação no simpósio ocorreu por meio de uma mesa redonda, que reunia outros colegas de área. A mesa redonda, "O Ensino de Geografia na contemporaneidade: práticas e perspectivas", foi um espaço de diálogo e reflexão sobre os desafios e possibilidades encontrados no ensino de Geografia atualmente. Nessa ocasião, tive a oportunidade de apresentar o tema - "O que está em jogo no Ensino de Geografia?" - no qual abordei questões relevantes sobre o papel da disciplina no contexto educacional.

Participar dessa mesa redonda foi uma experiência enriquecedora, pois pude compartilhar minhas ideias e perspectivas com outros profissionais da área, promovendo um diálogo plural e estimulante. As discussões suscitadas durante o evento proporcionaram uma percepção abrangente e atualizada sobre as práticas de ensino de Geografia, permitindo-me aprender com as experiências e conhecimentos dos demais participantes.

Além da mesa redonda, ofertei o minicurso - "O lúdico no Ensino da Geografia: criação e aplicação de jogos didáticos em sala de aula" – com o objetivo de apresentar a produção e uso de jogos como estratégia pedagógica, proporcionando aos participantes a vivência de dinâmicas lúdicas e o desenvolvimento de habilidades geográficas de forma significativa. A interação com os participantes, a troca de experiências e a possibilidade de compartilhar práticas pedagógicas inovadoras foram aspectos marcantes dessa atividade.

Além das atividades do simpósio, não posso deixar de mencionar a experiência de estar em Ilhéus, cidade conhecida mundialmente como terra de Jorge Amado e do cacau. A atmosfera cultural e histórica do local proporcionou um contexto inspirador para o evento, adicionando uma dimensão especial à minha vivência como palestrante. Pude explorar a cidade, conhecer sua riqueza cultural e mergulhar em sua natureza e na atmosfera literária que permeia suas ruas e paisagens.

Retornando à casa, logo no início do mês de abril, realizei uma viagem à cidade de Ushuaia - Argentina, a qual visitei e conheci durante alguns dias, antes de retornar à Buenos Aires para participar de dois eventos científicos na cidade de La Plata. No primeiro evento, o *“III Coloquio de Conflictos Urbanos”*, apresentei o trabalho intitulado “O discurso da “terra vermelha” na constituição da cidade de Londrina, no Norte do Paraná”, o qual discutia como a expressão “terra vermelha”, difundida sobretudo na região norte do estado do Paraná, esteve ao longo do tempo, relacionada aos diversos discursos veiculados acerca da fundação, constituição e transformação das cidades localizadas nesta região, em especial no caso da cidade de Londrina.

No segundo evento, o *“III Encuentro Latinoamericano de Territorios Posibles”* ocorrido no mesmo local, na semana seguinte, apresentei a pesquisa “Contribuições da Etnopedologia e dos saberes populares à releitura da relação entre as sociedades e os solos”, a qual buscava investigar as contribuições da Etnopedologia e dos saberes populares à uma releitura das relações e vínculos entre as sociedades, os indivíduos, os solos e a terra, a partir de uma abordagem investigativa e reflexiva, amparada em leituras interdisciplinares.

Após participar nestes dois eventos em La Plata, pude conhecer e visitar alguns pontos da cidade de Buenos Aires, os quais me encantaram e prenderam a minha atenção. Após esta estadia na cidade, tracei um caminho de retorno, que passou pela cidade de Mendonça, da qual pude pegar um ônibus para atravessar as cordilheiras dos Andes rumo à Santiago, no Chile.

Em Santiago, estive por apenas dois dias, porém pude vivenciar experiências marcantes, como a viagem à *Cajon del Maipo*, no coração da cordilheira, um vale cercado pelas altas e imponentes montanhas, entrecortado por rios com águas gélidas, provenientes do degelo das geleiras superiores.

Ao retornar à Londrina, no final do mês de maio, ingressei em outra viagem. Desta vez, para participar juntamente com outros colegas da pós-graduação em Geografia da UEL e do Programa de Educação Tutorial (PET), de um evento científico

realizado na cidade de Montevidéu, Uruguai. O I Encontro Internacional de Metodologias Qualitativas de Pesquisa e/ou Ação, que reuniu pesquisadores e interessados em discutir os caminhos possíveis a serem percorridos na construção de pesquisas científicas de caráter humano, social, qualitativo e implicado na realidade

Durante o evento, apresentei o trabalho, "A Pesquisa e Educ-ação em Solos e sua Importância no Desenvolvimento de Territórios Rurais", escrito em parceria com a professora Jeani D. P. Moura. Neste trabalho, exploramos a relevância das ações de pesquisa, educação e extensão em solos como uma estratégia fundamental para o desenvolvimento sustentável de territórios rurais e das populações do campo. Destacando a importância de compreender os solos como um bem vital para a agricultura, a conservação ambiental e o bem-estar das comunidades rurais.

A participação neste evento possibilitou o compartilhamento de conhecimentos e experiências com pesquisadores de diferentes países. Além disso, pude ampliar minha compreensão sobre as metodologias qualitativas de pesquisa e/ou ação aplicadas à pesquisa geográfica.

Ao chegar em Montevidéu, fomos recebidos por uma atmosfera vibrante e acolhedora. Pudemos explorar e nos deslocar pelas ruas da cidade, apreciar a arquitetura e vivenciar as dinâmicas dessa cidade cosmopolita.

Durante os momentos de folga entre as atividades do evento, exploramos alguns dos pontos turísticos mais famosos de Montevidéu. Visitamos a *Ciudad Vieja*, o bairro histórico que preserva a herança colonial e abriga edifícios icônicos, como o Teatro Solís e Mercado del Puerto, um local vibrante repleto de restaurantes de comida típica.

A experiência de viajar para Montevidéu certamente ampliou meus horizontes acadêmicos e culturais. Conhecer uma nova cidade, explorar suas peculiaridades e vivenciar a sua atmosfera inspiradora foi uma verdadeira fonte de aprendizado.

## Curitiba, inverno de 2023

Retornando à Londrina, pude me dedicar a pesquisa e ao seu encaminhamento para as fases finais de qualificação e defesa. E neste meio tempo, mais especificamente no final do mês de julho, realizei uma rápida viagem à Curitiba na companhia da Professora Jeani D. P. Moura e dos petianos do grupo PET Geografia e demais PETs da UEL, para participar das exposições da 75ª Reunião Anual da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência).



Nesta feira, na qual estavam presentes várias Universidades, Centros Técnicos e Institutos de Pesquisa e Inovação Científico e Tecnológica, apresentando seus projetos e atividades, pudemos saborear uma pequena amostra de tudo que é produzido pela ciência brasileira. Essa viagem nos motivou e nos conferiu esperança, ao vermos que estas *Terrae Scientiae* (terras do conhecimento) permanecem vivas, resilientes no Brasil e continuam a inovar, apesar das adversidades, dos percalços e ataques sofridos na atualidade.

## II A JORNADA SE ENCAMINHA PARA O FIM OU PARA UM NOVO COMEÇO...

***“A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmos estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa”***

José Saramago, In: “Viagem a Portugal”

A medida que nos aproximamos da reta final do percurso no Mestrado em Geografia, refletimos sobre as experiências vivenciadas ao longo dessa trajetória, que de tão significativa, almejamos a oportunidade de um novo começo com a possibilidade de entrada no Doutorado.

Durante esse período, mergulhei em diferentes experiências, discuti conceitos, teorias e práticas espaciais, além de vivenciar momentos que ampliaram o meu entendimento sobre a Geografia. Desde o início, cada disciplina, evento científico, viagem e atividade acadêmica pavimentaram a minha caminhada e fortaleceram o meu pensamento crítico-reflexivo.

As participações em eventos científicos, tanto nacionais quanto internacionais, foram momentos de trocas de conhecimentos, diálogos e aprendizados. Conhecer professores-pesquisadores, ouvir suas palestras, apresentar meus próprios trabalhos e interagir com colegas de diferentes instituições foram experiências que contribuíram para o amadurecimento da minha pesquisa e ampliaram a minha rede de contatos acadêmicos.

Além disso, o estágio de docência na graduação e a participação na organização de eventos acadêmicos me proporcionaram a oportunidade de exercitar a docência, compartilhar saberes e conhecimentos. Essas experiências me trouxeram uma compreensão mais profunda da importância do ensino de Geografia e das práticas pedagógicas no contexto atual.

Neste momento, encontro-me em um estágio vital da jornada acadêmica: o encaminhamento para a defesa e o direcionamento para o desfecho da pesquisa. Todas as experiências vivenciadas ao longo do Mestrado foram fundamentais para essa etapa. Os desafios, as reflexões e os aprendizados contribuíram com meu projeto de pesquisa, forneceram embasamento teórico e metodológico e consolidaram a relevância da investigação.

É com gratidão que reconheço a importância de cada passo dado até aqui. As experiências vivenciadas ampliaram meus horizontes acadêmicos e transformaram a minha leitura de mundo e despertaram um compromisso maior com a Geografia.



À medida que nos preparamos para enfrentar os desafios que vem pela frente com a finalização da pesquisa, levo comigo todas as experiências vividas e o aprendizado ao longo deste percurso. Cada vivência deixou suas marcas em minha trajetória acadêmica e pessoal, preparando-me para os novos desafios.

A reta final dessa jornada por terras do conhecimento e da Ciência Geográfica é marcada pela dedicação, comprometimento e paixão pela pesquisa. Ao final deste percurso, olhamos para trás com a certeza de que em cada experiência vivida foram lançadas sementes para germinar propostas futuras, as quais deverão ser delineadas e aprimoradas neste movimento contínuo e permanente de investigação geográfica.

Terra roxa que vem de terra rossa  
(vermelho)

# *Caminhadas iniciais pelas terras roxas...*

Os imigrantes italianos falavam que a  
terra era “rossa” em alusão à vermelho!  
Aí o caipira logo emendou um “roxa”!

Ao empreender nossa caminhada de investigação pelas terras do Norte do Paraná, nos deparamos com uma série de expressões populares: data, toró, renca, arriado, córgo<sup>2</sup>... e entre essas, encontramos também as expressões “terra roxa” e “pé vermelho”. As quais revelam identidades e laços de afeto e pertencimento das pessoas aos lugares e às paisagens, constituídos a partir de vivências e experiências de acontecimentos, fenômenos e processos que constituem e dinamizam o cotidiano, e que nos marcam de maneira material e imaterial (Tuan, 1983; Le Bossé, 2004).

Partimos do pressuposto de que as expressões “terra roxa” e “pé vermelho”<sup>3</sup>, identificadas no linguajar popular da região norte do estado do Paraná (Boschilia, 2020), fundaram-se a partir das marcas “gravadas” material e imaterialmente no espaço geográfico, nas paisagens, nas memórias e no imaginário popular.

Considerando as experiências, as relações e as interações entre as pessoas e a Terra, em seu cotidiano, entendemos que tais expressões se constituíram histórica, espacial e culturalmente a partir das complexas e multifacetadas interações entre os sujeitos e a natureza telúrica do mundo e das paisagens. Conforme Dardel, em sua obra, “O Homem e a Terra” (2011, p.15), “Há uma experiência concreta e imediata onde experimentamos a intimidade material da “crosta terrestre”, um enraizamento, uma espécie de *fundação* da realidade geográfica”.

Como destaca Le Bossé (2004, p.161), a identidade pode ser traduzida no sentimento dos indivíduos ou grupos de “[...] pertencimento comum, de partilha e de coesão sociais”. As expressões “terra roxa” e “pé vermelho” manifestadas pelas pessoas que habitam ou que, de alguma forma, estão ligadas à esta região paranaense, podem ser compreendidas enquanto manifestações de afeto, pertencimento, identificação e de ligação à Terra.

---

<sup>2</sup> Significados:

DATA: “lote de terreno urbano” (Boschilia, 2020, p.140).

TORÓ: “Pé d’água, chuva de pancada, chuva com enxurrada” (Boschilia, 2020, p.224).

RENCA: “Porção, penca” (Boschilia, 2020, p.214).

ARRIADO: “Cansado, molenga, sem forças, sem vontade” (Boschilia, 2020, p.102).

CÓRGO: “Córrego, riacho, pequeno curso d’água” (Boschilia, 2020, p.134).

<sup>3</sup> “Pé vermelho ou “pé vermeio” (termo este usado assim mesmo, no singular) é uma designação comumente aplicada aos habitantes de algumas regiões dos estados de São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Goiás, onde predomina o solo vermelho-arroxeadado (latossolo roxo). Este tipo de terreno tem esta cor por causa da presença de minerais de ferro, sendo estas terras as mais afamadas do norte-paranaense pela sua fertilidade. Popularmente foram chamadas de ‘roxas’ ou ‘vermelhas’ por causa da palavra ‘rossa’ que na fala dos imigrantes italianos significava ‘vermelho’.” (Boschilia, 2020, p.38)

São expressões que se apresentam não somente como um fenômeno imaterial, mas que possuem suas materialidades nos lugares e nas paisagens, sendo percebidas como uma de suas maiores marcas - a coloração avermelhada dos solos da região – proveniente das altas concentrações de ferro (Fe) nas rochas da região, que ao se oxidarem e gerarem o óxido de ferro ( $\text{Fe}_2\text{O}_3$ ) tingiram os solos e a paisagem, se impregnando na sola dos pés, daqueles que entram em contato direto com estes ou com a lama em tempos de chuva.

Para os colonizadores, a fertilidade da terra teve um preço: quando Londrina não tinha **lama**, tinha **pó**. A terra vermelha seca gera um pó finíssimo, altamente penetrante e que pode ficar suspenso no ar por horas. Por outro lado, quando molhada, gera uma lama altamente aderente e escorregadia. (História de Londrina, 2013, online).

Lama e pó se revelam nas paisagens do norte paranaense como elementos marcantes e fundantes de uma natureza telúrica singular. Singularidade instigante, manifestada profundamente no imaginário popular, e em sua corporeidade, de forma mais visível, na pele dos indivíduos (Figura 1).

**Figura 1:** Marcas do contato com a terra vermelha.



Foto: Reprodução / RPC (2018).<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Disponível em: <https://redeglobo.globo.com/rpc/meuparana/noticia/os-caminhos-da-terra-vermelha-assista-ao-meu-parana-deste-sabado-20-na-integra.ghhtml> Acesso em: 21 jul. 2023.

A “terra roxa” se apresenta como uma marca compartilhada entre aqueles que assumem estas expressões em seu modo de falar e enquanto parte de sua cultura e modo vida, e como elemento de diferenciação de um grupo social (Le Bossé, 2004).

Relph (1976, p.45, tradução nossa) complementa esta ideia ao destacar que: “[...] A identidade de algo se refere a uma persistente igualdade e unidade que permite que esse objeto seja diferenciado dos outros”<sup>5</sup>.

Neste sentido, esta pesquisa movimenta-se no trilhar deste caminho científico de investigação pela inquietude de compreender como estas expressões “terra roxa” e “pé vermelho” se constituíram no contexto histórico-espacial da região Norte do Paraná, e como estas se materializam nos lugares e nas paisagens e se imaterializam no imaginário popular, considerando as dinâmicas da ocupação, interação e percepção dos solos e da terra pelas pessoas que, direta ou indiretamente, convivem com estes e os experienciam em suas práticas cotidianas.

As potencialidades da pesquisa são múltiplas. Com uma abordagem holística e humanista na interação solos-sociedade nos aproximamos das considerações de Maurice Merleau-Ponty (1999) sobre a relação “sujeito e mundo”, “consciência e natureza”, em que a corporeidade é um meio para compreender a relação entre os indivíduos, a natureza e o mundo (Lima, 2014, p. 103).

Cabe destacar que a pesquisa busca de maneira especial escutar as pessoas e às suas experiências com relação à sua ligação com a Terra, para que os fenômenos “terra roxa” e “pé vermelho” apareçam neles mesmos e possibilitem compreender as suas diversas manifestações.

Entre os procedimentos metodológicos que foram delineados para percorrer estes caminhos de investigação, incluiu-se a figura do pesquisador, enquanto sujeito desta pesquisa, considerando a sua própria experiência como pé vermelho.

Como problemática norteadora, questiona-se: - Como as expressões “terra roxa” e “pé vermelho” se constituíram no contexto histórico-espacial do Norte do Paraná? - Como estas se materializam nos lugares e nas paisagens e se ‘imaterializam’ no imaginário popular, considerando as experiências telúricas?

O objetivo central desta pesquisa é: **Compreender o fenômeno de formação das expressões “terra roxa” e “pé vermelho”, a partir da interpretação das**

---

<sup>5</sup> “[...] The identity of something refers to a persistente sameness and unity which allows that thing to be differentiated from others.” (Relph, 1976, p.45).

### **experiências telúricas, no contexto histórico-geográfico da região norte do estado do Paraná.**

Assim, para operacionalizar e avançar no alcance do objetivo central da pesquisa, lançamos os seguintes objetivos específicos:

- Compreender o processo de formação e constituição das expressões “terra roxa” e “pé-vermelho”, na região Norte do Paraná, a partir da consulta de diferentes fontes disponíveis sobre os processos de interação dos indivíduos com os solos e com a terra;
- Investigar a presença destas expressões no imaginário individual e coletivo, bem como na memória dos indivíduos, a partir de suas narrativas, experiências e histórias de vida compartilhadas;
- Interpretar a geograficidade e geopoética destas expressões nos lugares e paisagens do Norte do Paraná.

Como procedimentos de pesquisa destacamos: o levantamento e a revisão bibliográfica em diversas fontes disponíveis (históricas, científicas, jornalísticas, literárias, conhecimento popular), para a correlação entre fatos e dados histórico-espaciais e os trabalhos de campo com o uso de caderneta de campo para registros das observações e croquis, além de diálogos, conversas e coleta de narrativas em páginas públicas das mídias sociais (Facebook, Instagram, WhatsApp, YouTube, Blogs, entre outras).

Destacamos os registros fotográficos que se mostram essenciais ao desenvolvimento de pesquisas de caráter geográfico e, por último, a sistematização de dados, informações e narrativas coletadas e observadas nos campos como forma de demonstrar a geopoética das terras roxas. Geopoética entendida como uma valorização da relação sensível e inteligível com a Terra, assim como foi pensada pelo escritor-pesquisador Kenneth White, como destaca Bouvet (2012), buscando proporcionar a compreensão sobre o sentido dos lugares e das paisagens como mobilizadoras da existência humana sobre a Terra.

A pesquisa buscou atender à justificativas de âmbito pessoal, acadêmico, profissional e social, dimensões importantes para serem abarcadas, como apontam Pescuma e Castilho (2008).



A justificativa e relevância pessoal residem em minha própria experiência e trajetória acadêmica e de vida enquanto pesquisador. Antes mesmo de entrar na universidade já vivia uma estreita ligação com os espaços telúricos, assim como os define Dardel (2011), que conduziam à inquietude de compreender a formação dos solos (suas cores, texturas e diferentes características), dos relevos, das rochas e outros componentes físicos da natureza do município onde resido – Califórnia, no Norte do Paraná, me identificando como “pé vermelho”.

Sob o ponto de vista acadêmico, consideramos que as discussões e trabalhos que abordam a temática dos solos, de maneira geral, os tratam sob um ponto de vista técnico, com um enfoque pedológico, ao analisar sua composição química, estrutura física, os processos físico-químicos e biológicos envolvidos em sua formação e sua erosão e degradação – questões vitais para os estudos sobre os solos.

Contudo, neste processo alguns aspectos são pouco evidenciados e abordados, como por exemplo, as diferentes percepções das pessoas em seu cotidiano, assim, como o diálogo entre os saberes científicos e os populares sobre os solos e as terras.

Neste sentido, compreendemos a importância e a necessidade de se abordar questões e discussões relativas à íntima relação entre os indivíduos e a Terra, não enquanto apenas substrato, mas no sentido existencial, a partir de uma realidade geográfica e de uma experiência telúrica. Conforme Dardel (2011), entendemos que a relação estabelecida entre os indivíduos e a Terra, apresenta-se enquanto elemento fundante da experiência geográfica.

A pesquisa busca contribuir de forma teórico-metodológica com os trabalhos e pesquisas acadêmicas sobre solos a partir de uma compreensão holística, buscando se constituir em mais uma referência de apoio a construção e edificação teórica da temática, sobretudo, ao explorar a ligação entre a Terra e os sujeitos, e a formação e manifestação espacial de identidades e sentimentos que tem por base essa relação.

As justificativas profissionais que amparam a pesquisa desdobram-se em uma dimensão pessoal e coletiva, na qual almejamos que possa contribuir em nosso processo de formação pessoal enquanto pesquisador, e que sirva de apoio e fomento à pesquisas e pesquisadores futuros, preocupados em trabalhar os solos na Ciência Geográfica, valorizando esta relação solos-sociedade e dando protagonismo às experiências dos indivíduos e comunidades locais.

Por fim, as justificativas de dimensão social estão ligadas aos sujeitos e comunidades dentro e fora do ambiente universitário, em uma autorreflexão acerca de suas relações, visões e práticas sobre/com a Terra em seu cotidiano, bem como possibilitar a formação de um novo entendimento de suas identidades, e a relação que estas possuem com o ambiente no qual vivem e constroem suas vidas.

Para apresentar os resultados desta investigação, organizamos a estrutura do trabalho nos seguintes capítulos:

O capítulo 1, *“Além da superfície: escavações fenomenológicas nas terras roxas”*, descreve de forma sistematizada os procedimentos metodológicos utilizados e adaptados ao longo do percurso da pesquisa, bem como o embasamento epistemológico definido.

No capítulo 2, *“Do solo vermelho à terra roxa: a natureza telúrica do Norte do Paraná”*, apresenta uma jornada fenomenológica para compreender as origens geológicas dos solos vermelhos do Norte do Paraná, e as origens geográficas da expressão “terra roxa” e os sentidos e significados atribuídos aos termos terra e solo.

O capítulo 3, *“Pés vermelhos: a Terra que pulsa no coração”*, apresenta uma investigação acerca das origens da expressão “pé vermelho”, a partir das experiências e narrativas geográficas pessoais e subjetivas das pessoas com as terras da região Norte do Paraná, coletadas em ambiente virtual das mídias sociais.

Por fim, enquanto “Escavações finais”, apresentamos algumas considerações e reflexões despertadas na trajetória desta pesquisa, as quais sintetizam e integram os resultados alcançados e observados no decorrer do processo investigativo e que nos ajudaram a projetar caminhos futuros de investigação.

A partir de reflexões que entrelaçam aspectos teórico-conceituais e elementos de nossa experiência empírica, apontamos a compreensão alcançada de que, as diversas e complexas dinâmicas sociais, ambientais, culturais e histórico-espaciais, resultantes da interação entre os indivíduos e os solos no Norte do Paraná, contribuíram na formação das expressões populares, “terra roxa” e “pé vermelho”.

Construímos assim, uma pesquisa que se propôs a dar centralidade à ligação dos sujeitos à Terra, como elucida Dardel (2011), por meio do estudo de tais expressões que se apresentam material e imaterialmente nos lugares, nas paisagens, nas memórias e imaginários populares.

Tenho muita saudade desse  
pedacinho de chão....

## Cap. 1

### Além da superfície:



escavações fenomenológicas  
nas terras roxas

Esta pesquisa procurou ecoar as vozes dos sujeitos e suas experiências pela profícua ligação e interação com a Terra. Buscamos compreender a manifestação das expressões “terra roxa” e “pé vermelho”, esta última, inclusive, tombada como patrimônio cultural imaterial de Londrina, no Norte do Paraná (Prefeitura de Londrina, 2020).

Na adoção de alguns procedimentos metodológicos observados na figura 2, de forma análoga a um processo de escavação, partimos de uma condição de superficialidade, e a partir do ato de escavar, buscamos encontrar esta profundidade do fenômeno, no intuito de encontrar e identificar a sua essência, que de acordo com Mantovani (2006, p.94) reflete a “[...] vivência do espaço pré-geométrico e estético, é antes subjetivação, e não objetivação do espaço, ela é relação não objetivada”.

**Figura 2:** Procedimentos metodológicos adotados na pesquisa.



Nesta busca pela profundidade dos fenômenos “pé vermelho” e “terra roxa”, entendemos que o ato de escavar, pode nos auxiliar a retirar os excessos desta objetivação e racionalização do espaço e do mundo, a qual nos impedem de compreender e visualizar a dimensão originária das experiências.

Neste sentido, compreendemos que aprofundar-se no fenômeno possa ser uma forma de resgatar essa dimensão. Na medida em que “A profundidade é propriamente a dimensão originária em que se vinculam o espaço e o tempo da experiência perceptiva” (Mantovani, 2006, p.94).

No desafio de percorrer este caminho, repleto de possibilidades, buscamos não deixar de lado a nossa presença, como pesquisador, e enquanto sujeito desta pesquisa, ao resgatar a nossa própria experiência como “pé vermelho”. E também enquanto artista. Pois, assumimos o fazer científico da pesquisa, como sendo permeado pela criação estética, fruto de nossa criatividade e inventividade, a qual se materializa nas fotografias, imagens e visualidades que introduzem as seções do trabalho e que integram os capítulos da pesquisa, enquanto forma encontrada para expor nossa compreensão particular da relação entre teoria e prática, e das dinâmicas dos fenômenos estudados.

Assim, empreendemos uma investigação de caráter qualitativo, no âmbito da abordagem da Geografia Humanista, de viés fenomenológico (Amorim Filho, 2014). A qual surge no século XX e “[...] ressurge e renova-se a cada geração de pesquisadores, como possibilidade investigativa em meio a esta busca por novas perspectivas de leitura sobre a multiplicidade do real” (Davim, 2019, p.4).

Neste sentido, a modalidade de pesquisa qualitativa é a que mais se adequa aos objetivos traçados, pois

A pesquisa fenomenológica parte do cotidiano, da compreensão do modo de viver das pessoas, e não de definições e conceitos, como ocorre nas pesquisas desenvolvidas segundo a abordagem positivista. Assim, a pesquisa desenvolvida sob o enfoque fenomenológico procura resgatar os significados atribuídos pelos sujeitos ao objeto que está sendo estudado. As técnicas de pesquisa mais utilizadas são, portanto, de natureza qualitativa e não estruturada. (Gil, 2008, p.15).

Apesar de não se constituir em uma pesquisa de viés quantitativo, alguns dados numéricos aparecem neste trabalho, sobretudo, ao coletarmos e interpretarmos os dados narrativos, que revelaram/desvelaram as dinâmicas de experiências e interações dos sujeitos com as terras do Norte do Paraná. O quantitativo aparece



neste caso, como complementar aos dados qualitativos, indicando a presença, ausência, recorrência e intensidade dos fenômenos em sua expressão subjetiva.

Compreendemos que os fenômenos da experiência são “[...] a substância de nossos envolvimento no mundo e constituem as bases do corpo formal de conhecimento que designamos “Geografia” (Relph, 1979, p.1), ao mesmo tempo, “[...] tudo aquilo de que podemos ter consciência” (Husserl, 2002, p.12).

Entre os procedimentos e técnicas de pesquisa selecionados, detalhamos: o levantamento e revisão bibliográfica em diversas fontes disponíveis (científicas, jornalísticas, literárias, populares), para a correlação entre fatos e dados histórico-espaciais e os trabalhos de campo com o uso de caderneta de campo para registros das observações, croquis, diálogos e conversas, além de registros fotográficos e visuais, essenciais para o desenvolvimento de pesquisas de caráter geográfico.

A sistematização de dados, informações e narrativas foram coletadas em ambiente das mídias sociais (Facebook, Instagram, WhatsApp, YouTube, Blogs, entre outras) e observadas nos trabalhos de campo como forma de desvelar a geograficidade e geopoética das terras roxas. Esta entendida como uma valorização da relação sensível e inteligível com a Terra, como pensada por Kenneth White (Bouvet, 2012), sobre o sentido dos lugares e das paisagens como mobilizadoras da existência humana sobre a Terra.

Realizamos um levantamento e revisão bibliográfica de caráter narrativo (Unesp, 2015) em textos, artigos, livros e trabalhos acadêmicos acerca das temáticas pertinentes à pesquisa. Entre os conceitos que balizaram a pesquisa, destacamos: a percepção da paisagem, memória e identidade, a constituição do lugar, a relação entre os solos, a Terra, as paisagens e as sociedades e grupos humanos, as noções de geograficidade (Dardel, 2011; Relph, 1979), topofilia (Tuan, 2012) e geopoética (Bouvet, 2012), as quais mostraram-se essenciais à compreensão da relação das pessoas com a Terra, e os vínculos e significados a partir da experiência humana.

Este tipo de revisão de literatura e levantamento bibliográfico

[...] não utiliza critérios explícitos e sistemáticos para a busca e análise crítica da literatura. A busca pelos estudos não precisa esgotar as fontes de informações. Não aplica estratégias de busca sofisticadas e exaustivas. A seleção dos estudos e a interpretação das informações podem estar sujeitas à subjetividade dos autores. É adequada para a fundamentação teórica de artigos, dissertações, teses, trabalhos de conclusão de cursos. (Unesp, 2015, p.2).

Neste processo, incluímos o levantamento e a coleta de dados e informações disponíveis em fontes históricas, jornalísticas, literárias, artísticas e populares que contribuíram para a compreensão do fenômeno de constituição da expressão “pé vermelho” e “terra roxa” e da relação entre os sujeitos e os solos no recorte espacial da pesquisa. Como pode ser observado pelo exemplo da figura 3.

**Figura 3:** Propaganda da Companhia de Terras Norte do Paraná – CTNP, com destaque ao termo ‘terra roxa’.

**Paraná-Norte**  
 Director-Proprietario: R. FUGGARI COUTINHO  
 ANNO IV — Londrina, 1 de Abril de 1939 — NUM. 181

**TERRAS ROXAS MAGNIFICAS**  
 E  
**Livres do flagello da saúva**  
 Em clima esplendido • Altitude propria para café  
**AGUAS PURISSIMAS**  
 Optimas rodovias com acesso para todos os lotes vendidos e por vender  
**INVEJAVEL SERVIÇO DE OMNIBUS**  
**A MAIS ESTUPENDA RESERVA DE TERRAS ROXAS DO BRASIL**  
**VENDAS COM FACILIDADES NO PAGAMENTO**  
**Comp. de Terras Norte do Paraná**

Sede:  
**LONDRINA**  
 (Rua N. S. do Rosário, 100)  
 E. F. S. Paulo-Paraná

ESCRITÓRIO  
 CENTRAL  
**S. PAULO**  
 Rua 1 de Dezembro 45-51, andar  
 Caixa postal 2013, São Paulo, Estado de S. Paulo

Quem adquire um lote de terras da Companhia pode ser a origem de um  
**plantando dá...**  
 De a semente com abundância café, milho, algodão, arroz, feijão, batatas, etc.  
 Londrina, sede da Comp. é uma cidade de 10.000 e já possui 1.000 casas e água em abundância, e tudo de primeira mão. Não há mais nada a ser construído do ponto de vista urbano.  
 Adquire um lote, quando quiser, e obter uma independente existência. Há terra boa para tudo. Desde a pequena alface ao latifúndio para exploração.  
 Na terra do Paraná está para futuro, segurança para todos, uma terra esplendida e que proporciona prodigiosamente ao que trabalha.

Fonte: Disponível em: <https://historiadelondrina.blogspot.com/2014/03/propaganda-das-terras-do-norte-do.html> Acesso em: 20/07/2023.

A figura 3, um cartaz de uma propaganda histórica da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) acerca das “terras roxas”, apresenta-se como uma fonte histórica, hospedada no blog “História de Londrina”. Uma iniciativa particular de resgate e preservação da memória e história local. Iniciativas importantes por se constituírem em fontes de pesquisa e investigação que conduzem e conectam a fatos e acontecimentos do passado.

[...] “Fonte Histórica”, é já um truísmo repetir isto nos dias de hoje, é tudo aquilo que, produzido pelo homem ou trazendo vestígios de sua interferência, pode nos proporcionar um acesso à compreensão do passado humano. Neste sentido, são fontes históricas tanto os já tradicionais documentos textuais (crônicas, memórias, registros cartoriais, processos criminais, cartas legislativas, obras de literatura, correspondências públicas e privadas e tantos mais) como também quaisquer outros que possam nos fornecer um testemunho ou um discurso proveniente do passado humano, da realidade um dia vivida (Barros, 2012, p.130).

Outra técnica utilizada na pesquisa foram os diálogos e conversas em caráter aberto que além de possibilitar respostas à algumas das indagações do pesquisador, garantiram aos indivíduos participantes a liberdade para compartilharem suas experiências e memórias envolvendo sua relação com os solos e a constituição de suas identidades. Para Le Bossé (2004, p.162), “[...] a identidade se exprime e se comunica de maneira interna e externa, através de práticas simbólicas e discursivas” e, segundo Lowenthal (1998), o compartilhamento e entrelaçamento de memórias e lembranças as tornam mais nítidas e significativas.

Esta técnica foi necessária, pois no caso desta pesquisa que busca investigar aspectos subjetivos de um fenômeno e de um processo que envolve as pessoas e a Terra, o formato aberto dos diálogos e conversas é pertinente.

Para além das conversas *in loco*, deparamos com outro campo a ser investigado - o das mídias sociais e ambientes virtuais. Nestas plataformas e ambientes empreendemos uma busca minuciosa por comentários e narrativas pessoais e coletivas sobre as expressões “terra roxa” e “pé vermelho”, assim como, pelas diversas experiências telúricas dos indivíduos, a partir de suas memórias, relatos e lembranças.

Ao investigar as percepções e experiências humanas com a Terra, com os lugares e paisagens, deparamos com uma situação destacada por Relph (2007),

O senso de lugar e a realidade virtual estão intrinsecamente ligados a essa agitação cultural-tecnológica. [...] No entanto, parece-me que uma interação mútua está em ação entre o que poderia ser chamado de lugar "real" e lugares virtuais, que a realidade virtual digital compartilha características com outras mídias eletrônicas e que nossas experiências de lugares reais estão sendo alteradas por essas mesmas mídias. (Relph, 2007, p.17, tradução nossa)<sup>6</sup>.

Ao identificarmos uma série de expressões de relatos, sentimentos, percepções sobre lugares e paisagens em ambientes virtuais das mídias sociais, observamos que, em alguns casos, nossas experiências de lugares "reais" acabam por ser alteradas por estas mesmas mídias (Relph, 2007).

Assim, na contemporaneidade, em que muitas experiências com os lugares se dão a partir de ambientes virtuais, como as mídias sociais, importante interpretar tais experiências pelas complexas redes de relações entre as pessoas, os lugares e as paisagens. Afinal, "Um senso de lugar informado por mídias eletrônicas envolve o reconhecimento da diversidade geográfica" (Relph, 2007, p.20, tradução nossa)<sup>7</sup>.

As mídias sociais e ambientes virtuais constituem-se como um ambiente de investigação sobre as percepções, atitudes e experiências entre as pessoas e os lugares. Ao assumir as mídias sociais enquanto um ambiente de investigação, no qual se fazem presentes, mesmo virtualmente, diversos sujeitos, é importante adotar uma postura ética de investigação neste ambiente. Tendo em vista que a utilização das mídias sociais pode se dar de duas formas:

- 1) apropriando-se de ferramentas digitais para coleta de dados, como a aplicação de questionários on-line ou a utilização de plataformas de comunicação para entrevistas individuais ou em grupo;
- 2) utilizando ambientes virtuais como campo de estudo, como observação em redes sociais e pesquisa documental em sítios da Internet. (Comitê de Ética em Pesquisa, 2020, p.11).

Nesta pesquisa, aderimos a esta segunda forma, ao utilizarmos os ambientes das mídias sociais (Facebook, Instagram, WhatsApp, YouTube, Blogs, entre outros) como campo de estudo para que pudéssemos observar e coletar dados, informações

---

<sup>6</sup> "Sense of place and virtual reality are both inextricably caught up in this cultural-technological upheaval. [...] Nevertheless, it seems to me that a mutual interaction is at work between what might be called 'real' place and virtual places, that digital virtual reality shares characteristics with other electronic media and that our experiences of real places are being changed those same media." (Relph, 2007, p.17).

<sup>7</sup> "A sense of place informed by electronic media involves na acknowledgment of geographical diversity." (Relph, 2007, p.20).

e narrativas em publicações e postagens de páginas e perfis de acesso público e irrestrito, conforme as políticas de privacidade definidas por cada mídia social.

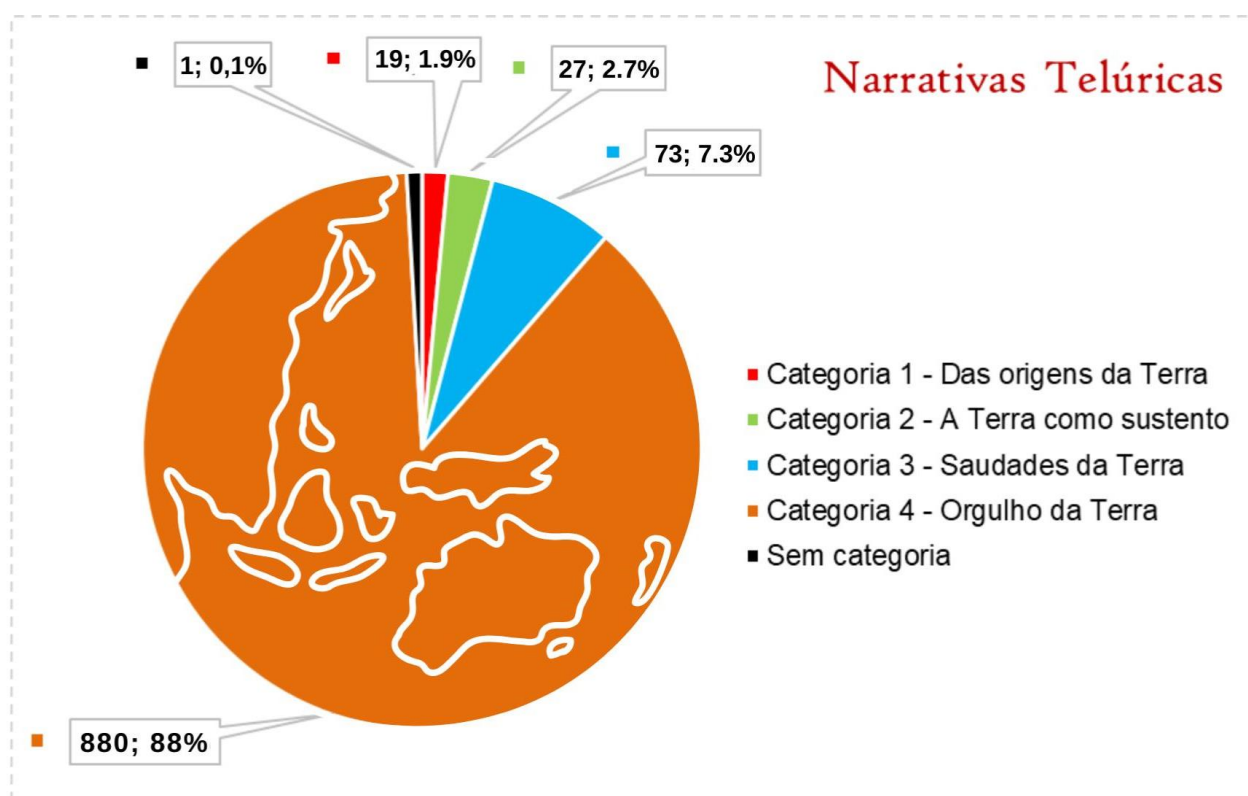
Assim, ressaltamos que esta pesquisa documental, se deu a partir de

Pesquisas em páginas públicas na Internet que não requerem inscrição ou autorização do administrador para se ter acesso ao conteúdo dispensam avaliação ética e o registro de consentimento. São exemplos aquelas pesquisas realizadas em websites, blogs, Youtube etc. (Comitê de Ética em Pesquisa, 2020, p.11).

No procedimento de coleta das narrativas, utilizamos os termos “pé vermelho” e “terra roxa” na barra de pesquisa destas mídias sociais (Facebook, Instagram, WhatsApp, YouTube, Blogs, entre outros) para localizar postagens e publicações que mencionavam estes termos, para que pudéssemos buscar e filtrar os comentários publicados pelas pessoas. Como forma de proteger e respeitar a privacidade e o anonimato dos autores dos comentários e postagens coletados, tomamos o cuidado de não expor seus nomes na pesquisa.

Neste processo de coleta de narrativas, identificamos 1000 narrativas acerca da experiência telúrica e dos sentidos e experiências vinculados às expressões “terra roxa” e “pé vermelho”. Conforme Oliveira (2017, p.74) entendemos que “[...] o espaço perceptivo é sensório-motor, prático e vivenciado, implicando locomoção e intuição. Percebemos o espaço em suas dimensões física, social, cultural, geográfica”.

Estas narrativas, coletadas, interpretadas e nomeadas por nós como **narrativas telúricas**, puderam ser agrupadas em quatro categorias de acordo com os sentidos e significados presentes, entre as quais, apenas 1 narrativa ficou sem categoria, por fugir ao contexto da investigação e não revelar uma ligação ou relação com as expressões investigadas, como revela o gráfico da figura 4.

**Figura 4:** Categorias de interpretação das narrativas telúricas.

Estas categorias foram criadas para auxiliar na interpretação dos resultados da pesquisa, agrupando narrativas que compartilhavam elementos e sentidos em comum formando conjuntos de significações. Apresentamos este processo de categorização das narrativas para, posteriormente, interpretá-las. A categoria 1, “Das origens da Terra Roxa”, devido a sua particularidade, voltada as percepções das pessoas acerca das origens da expressão “terra roxa”, foi inserida no capítulo 2, enquanto as demais categorias estão descritas no capítulo 3.

Evidencia-se pelo gráfico, que a categoria 4, atrelada ao orgulho, pertencimento e identidade com a Terra revela-se como a mais expressiva, agrupando 880 narrativas, (88% do total), seguida respectivamente pela categoria 3, que contou com 73 narrativas (7,3%), pela categoria 2, com 27 narrativas (2,7%) e pela categoria 1, com 19 narrativas (1,9%).

Estas narrativas apresentam-se como desdobramentos da percepção dos indivíduos e guardam diversas dimensões, incluindo a dimensão geográfica, a qual se dá de forma “[...] ampla e irrestrita: ela nos envolve, desde o nascimento, e tudo aquilo que pensamos e somos está nela implicada” (Marandola Jr, 2017, p.9).



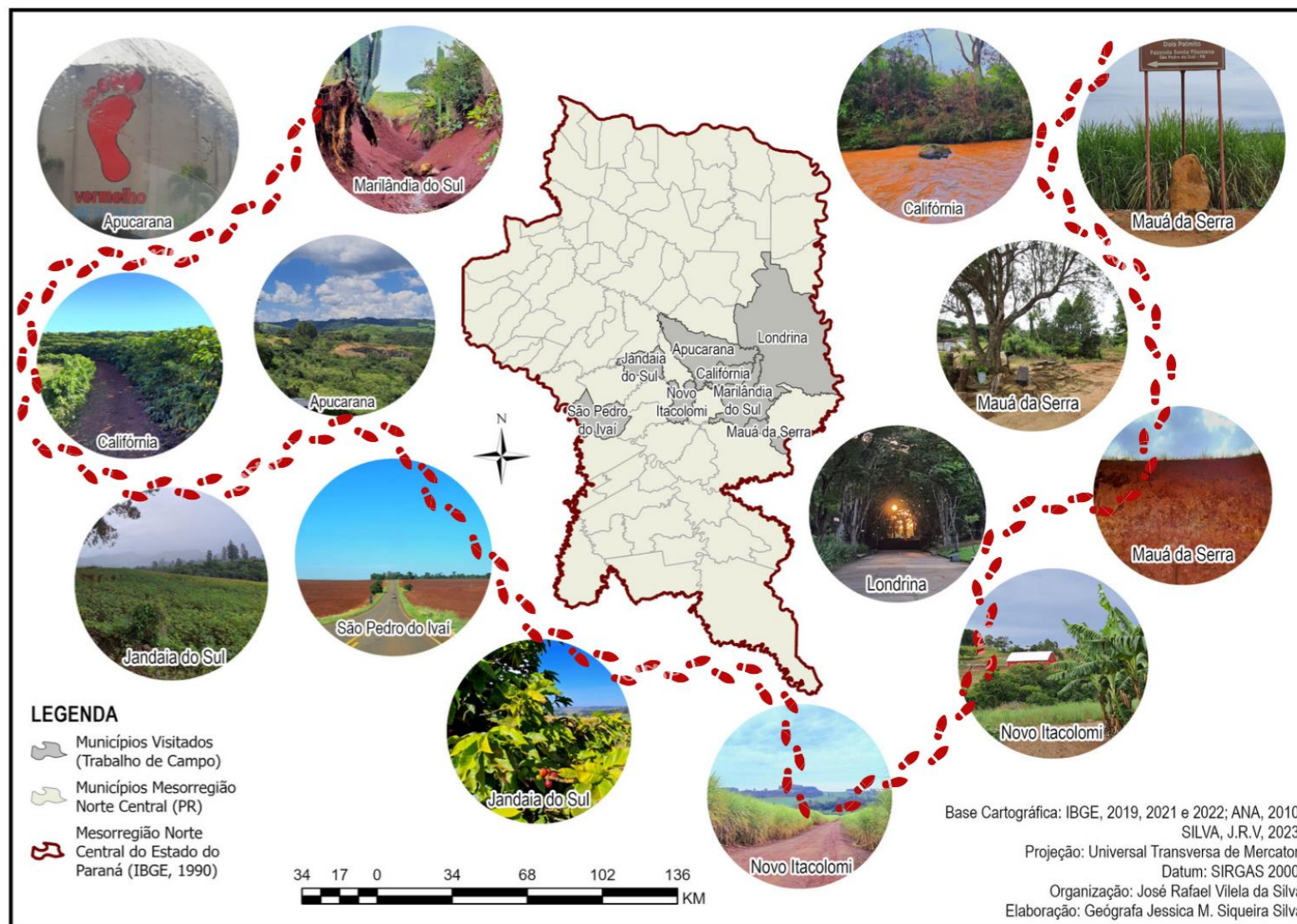
A própria Geografia, de acordo com Marandola Jr (2017, p.9), constitui “Não apenas uma forma de explicar e descrever o mundo, mas uma das maneiras como nós mesmos, e todas as outras coisas, existem e se manifestam neste mundo”. Esta geografia vivida constituída a partir das experiências humanas

[...] apresenta-se como uma necessidade para o pensamento ambiental contemporâneo, reclamando a necessidade de repensar a maneira como nos relacionamos com a Terra, com a natureza e com a própria sociedade. (Marandola Jr, 2017, p.9).

O nosso esforço nesta pesquisa foi o de resgatar e interpretar estas narrativas, fruto da experiência espacial e sensorial com o mundo, sob uma leitura geográfica humanista e fenomenológica.

Com relação as práticas de trabalho de campo, ressaltamos a inspiração nos trabalhos pioneiros de Humboldt e seus percursos trilhados na busca por uma compreensão integrada e holística de natureza (Castro, 2020; Wulf, 2016), que certamente nos instigaram a buscar caminhos para a construção de uma leitura integrada das paisagens e dos elementos da natureza experienciados em nossos percursos e caminhadas pelas terras roxas em alguns municípios da Mesorregião Norte Central Paranaense (IBGE, 1990) – Londrina, Califórnia, Apucarana, Marilândia do Sul, Mauá da Serra, Jandaia do Sul, São Pedro do Ivaí, Novo Itacolomi (Figura 5).

**Figura 5:** Municípios do Norte do Paraná visitados em trabalho de campo.



Organização: José Rafael Vilela da Silva (2023); Elaboração: Jessica Mayara Siqueira Silva (2023).

A seleção dos municípios nos quais ocorreram os campos se deu a partir das oportunidades de deslocamento que surgiram por meio de minha jornada de trabalho enquanto Agente de Pesquisas e Mapeamento na Agência do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de Apucarana. Pois neste trabalho, visitamos diversos municípios na região de Apucarana realizando a coleta de dados para diferentes pesquisas estatísticas. E nestes momentos em campo, pude perceber e captar elementos e dinâmicas as quais contribuíram com a pesquisa de Mestrado.

Os trabalhos de campo revelaram-se nesta pesquisa, enquanto fundamentais em nossa compreensão da natureza telúrica das paisagens do Norte do Paraná, nos permitindo apreender suas formas, configurações, sentidos, significados, bem como as interações humanas em ser parte destas paisagens, a partir de suas vivências e experiências cotidianas.

Nos lançamos em campo no intuito de compreender a natureza das paisagens e como forma de

[...] colocar em movimento a própria possibilidade do conhecimento geográfico, por entre mundos: não apenas os existentes, mas também aqueles que são criados ou mobilizados a partir do deslocamento que é, em última instância existencial (Marandola Jr, 2017, p.10; Galvão Filho, 2016).

Assim, resgatamos o trabalho de campo como prática essencial e primordial na construção da leitura geográfica de mundo. Movimento que retoma as bases da Geografia, enquanto ciência.

Atrelado às práticas de campo, valorizamos também a confecção e utilização da caderneta de campo para a compilação e sistematização de dados narrativos identificados e observados, para fins de apresentação e interpretação teórica, conforme observamos na figura 6.

**Figura 6:** Caderno de campo produzido a partir de trabalho de campo.



Elaboração: Silva (2023).



Conforme Magnani (1997), o caderno de campo pode ser pensado como um instrumento de pesquisa, pois

Ao registrar, na linha dos relatos de viagem, o particular contexto em que os dados foram obtidos, permite captar uma informação que os documentos, as entrevistas, os dados censitários, a descrição de rituais – obtidos por meio do gravador, da máquina fotográfica, da filmadora, das transcrições – não transmitem. (Magnani, 1997, p.3).

Ainda sobre a metodologia da caderneta de campo cabe destacar que, ao lado dos relatórios e esboços feitos *in loco*, se constitui como “[...] recursos imprescindíveis ao trabalho sobre o terreno de todo geógrafo [...]”, sejam construídos de forma coletiva ou individual. Gomes (2017, p.1) ressalta que

[...] eram objetos íntimos do fazer cartográfico em sua dimensão empírica, porque íntimos da paisagem, de onde saíam carregados de poeira, e íntimos do cartógrafo, do qual traziam manchas de suor e gordura. Veículos do trânsito entre o mundo e o mapa, esses rascunhos, quando transportados para os gabinetes, levavam consigo toda a experiência da viagem e da pesquisa. Nas mais diversas experiências de mapeamento, sejam viagens exploratórias de um mundo desconhecido, sejam expedições sistemáticas de espaços previamente recortados, os produtos do trabalho de campo – textos, desenhos descritivos, esboços de roteiros, cálculos geodésicos - [...] em sua maior parte, desapareciam uma vez processados os dados, sistematizadas as coordenadas, estabelecidos os cálculos.

Considerando a invisibilização desses objetos e materiais de pesquisa (Gomes, 2017), é possível destacar um movimento no interior de Geografia Humanista de resgate e recuperação destas práticas, atribuindo novo significado no processo do fazer geográfico, ressaltando o potencial destas metodologias, como o caso da caderneta de campo, para o enriquecimento da pesquisa científica em Geografia.

Acerca da experiência de confecção dos croquis, estes permitiram enfatizar “[...] a sensibilidade artística e a intuição, sem descuidar da objetividade científica e da reflexão crítica sobre as paisagens e lugares retratados” (Moura; Silva, 2019, p.391), sendo que sua importância

[...] repousa sobre a capacidade que esta técnica possui de conciliar e integrar o olhar que é dado à natureza, entre a objetividade que é revelada em suas formas e a subjetividade da interpretação, percepção e representação dos sujeitos sobre estas formas naturais. (Moura; Silva, 2019, p. 391).

Além disto, buscamos trabalhar com a espacialização dos relatos, dados e de elementos que materializam a expressão 'pé vermelho', por meio de formas visuais de representação, como croquis, fotografias, imagens, mapas cartográficos, entre outros.

A captura, análise e interpretação de registros e materiais fotográficos que retratam as paisagens e outros fenômenos permitiu expor de uma forma artística e criativa a relação dos sujeitos com a Terra, evidenciando nossa perspectiva poética, estética e crítica ao registrar a realidade, como observamos pelo exemplo da figura 7.

Uma perspectiva que pretende por meio das imagens, sejam elas desenhos, ilustrações, designs, fotografias, ou outras visualidades, revelar sentidos e significados e comunicar ideias, compartilhando nossa forma particular de perceber e ler o mundo e os fenômenos nele presentes e atuantes.

**Figura 7:** Fotografia da exposição “Com os pés na terra, com o olhar na paisagem”.



Organização: Observatório do Espaço Público, 2022.



Na figura 7, observamos a fotografia, “O verde perde espaço na terra vermelha” de autoria própria, selecionada para compor a exposição virtual organizada pelo Observatório do Espaço Público (OEP) em 2022, “Com os pés na terra, com o olhar na paisagem”, na seção “Olhar de longe”, a qual teve como objetivo propor uma forma de sensibilização à paisagem, no intuito de refletir sobre nossas relações com o mundo e a natureza.

A partir desta fotografia, revelamos a nossa intencionalidade em registrar a paisagem e como esta se apresenta como fenômeno ao sujeito. Neste caso, desvelando uma dinâmica de interação humana com os solos - a terra vermelha - na qual o verde das matas perde espaço para o avanço do agronegócio, com o cultivo de cana-de-açúcar. Processo que marca a região do Vale do Ivaí, desencadeando fenômenos identificados no território, como a elevada pobreza, desigualdade social, desemprego e degradação ambiental.

Neste sentido, a fotografia na pesquisa geográfica humanista não assume apenas o papel do registro visual, mas de denúncia, crítica, questionamento, desvelamento da estética, da ética, dos valores, dos símbolos e significados intrinsecamente atrelados à imagem e à paisagem. Assumimos assim, conforme Carmo e Pádua (2017, p.8), a

[...] defesa da fotografia como linguagem não só para a reflexão como também para apresentação dos resultados de uma pesquisa dentro da Geografia. Ao adotá-la pensamos na ligação da geografia com a arte, onde a fotografia não deve ser pensada de forma isolada, mas sim pensada no contexto de sua criação. E o que se propõe, portanto, é que a fotografia, como poética, possa nos fazer pensar, de uma maneira mais profunda, a essência de nossa relação com o mundo [...]

Conforme destacado no Observatório do Espaço Público (2022, online, grifos do autor): “Sendo a paisagem um **modo de habitar o mundo**, ela nos une, enquanto seres humanos, ao espaço. A partir dela, compreendemos quem somos e quem queremos ser. É uma chave de leitura, de interpretação, de nossas vidas na Terra”.

Ao adotar na pesquisa uma abordagem de viés humanista fenomenológico, as formas de compreensão dos resultados vão ao encontro de metodologias comumente utilizadas por pesquisas com este embasamento teórico-metodológico (Amorim Filho, 2014).

Do ponto de vista da compreensão da formação das expressões “terra roxa” e “pé vermelho” e sua manifestação no imaginário dos sujeitos, valorizamos a

interação entre as pessoas e a terra da região, a partir de suas memórias, experiências e vivências pessoais e coletivas, que compõem um material riquíssimo para interpretação.

Desta forma, não objetivamos uma análise e leitura pedológica dos solos, mas uma espécie de 're'leitura deste solo, dando-lhe o sentido de Terra e sua poética. Esta leitura pedológica é abordada em longo tempo por diversos trabalhos clássicos e pesquisas atuais técnicas, objetivadas e racionalistas, o que se distancia das pretensões dessa pesquisa.

Importante ressaltar que para a pedologia e para os sistemas científicos de classificação dos solos, o termo "terra roxa", foi substituído por outros termos técnicos, e, atualmente, está em desuso. A nossa proposta segue na contramão, por resgatar esta expressão como manifestação linguística, que compõe o patrimônio cultural imaterial regional do Norte do Paraná, por isso mesmo, deve ser resgatada, conservada e propagada entre as pessoas.

Ao considerar esta expressão popular nos discursos científicos, entendemos que valorizamos o conhecimento tácito dos sujeitos tradicionais e populares, envolvidos diretamente com a Terra em suas práticas cotidianas. Nesse sentido, a Terra tem um sentido mais forte aos termos técnicos estudados pelos pesquisadores no interior dos laboratórios.

Para resgatar os alicerces desta expressão, bem como as experiências telúricas presentes na região, adotamos um procedimento de pesquisa, em forma de uma escavação das experiências, percepções e memórias em suas relações com a Terra e sua identidade. Escavando o passado, a memória e a consciência, adentramos na realidade e nos fenômenos, a partir do desvelamento de experiências, sentidos, percepções, impressões, identidades, afetos, entre outros sentimentos.

Como destaca Lowenthal (1998, p.83) "[...] relembrar o passado é crucial para nosso sentido de identidade [...]". Processo observado nas conversas realizadas, pois "Do ponto de vista de uma geografia fenomenológica, a memória de um grupo é entendida espacialmente. Suas relações com o lugar são reveladas através da 'escavação' pela via da memória" (Marandola, 2009, p.3).

Gratão (2002, p. 39) destaca a importância das conversas e das falas, e de outros elementos que serão utilizados como meios de interpretação das narrativas: "Nas conversas... nas falas, nos tons de voz, nos gestos, no olhar, na subjetividade... os personagens... revelam... os seus sentimentos [...], os seus vínculos de

geograficidade". Esta como "[...] um termo que encerra todas as respostas e experiências que temos dos ambientes no qual vivemos, antes de analisarmos e atribuírmos conceitos a essas experiências" (Relph, 1979, p.18).

Concordando com Relph (1979, p.22), consideramos que

O reconhecimento e a elaboração da geograficidade apresentam importantes implicações para compreender a natureza da Geografia e para compreender o caráter de nossas próprias experiências geográficas". [...], Mas é para a Geografia, como uma disciplina intelectual formal, que geograficidade constitui a base fenomenológica mais completa.

Além disto, assumimos nesta pesquisa a importância da experiência no processo de formação das identidades, sobretudo, com os lugares, e no caso desta pesquisa, com a Terra. Como destaca Marandola Jr. (2016) a experiência pode constituir uma condição de escala epistemológica que serve aos estudos de base fenomenológica na Geografia.

Ao assumir a experiência enquanto escala epistemológica, as narrativas e histórias de vidas dos sujeitos se tornaram um ponto de partida para uma leitura ampla, mas em constante movimento de retorno às "coisas mesmas", em si e em sua essência.

A interpretação das experiências individuais de interação com a Terra, tomada enquanto escala de partida, nos conduziu a uma identidade e ideia coletiva do que são as "terras roxas" e o que é ser "pé vermelho". Esta ideia reflete em si uma essência, associada a esta íntima relação entre os sujeitos e a Terra.

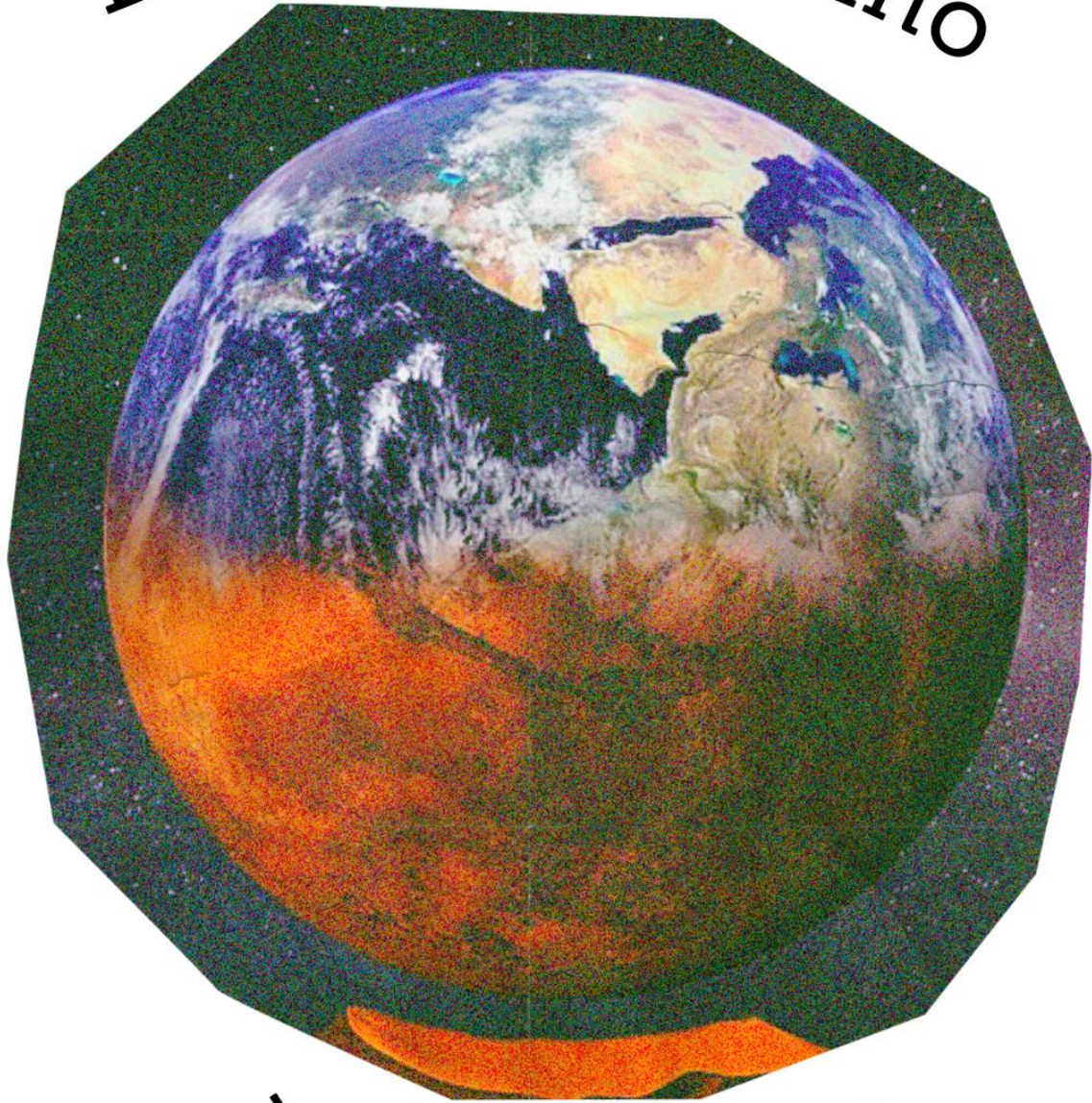
Por fim, para a compreensão das geograficidades nas expressões "terra roxa" e "pé vermelho" nos espaços telúricos e suas paisagens é feita a partir da sua manifestação na percepção dos sujeitos, além de nossa própria percepção.

Ao aderirmos ao pressuposto de que "[...] não podemos conhecer nem descrever os fenômenos da experiência à distância" e, reconhecermos a necessidade do contato com os fenômenos para, "[...] desenvolvermos nós mesmos uma experiência" (Marandola Jr, 2005, p.74), assumimos o papel de personagem e sujeito desta pesquisa. Assim, compartilhamos a nossa experiência sobre a expressão 'pé-vermelho' nas paisagens e lugares do Norte do Paraná, de maneira a dialogar com os aspectos teórico-conceituais, empíricos e poéticos.

Solo rico em óxido de ferro...  
Saudosa terra vermelha!

## Cap. 2

# Do solo vermelho



à terra roxa:

a natureza telúrica do  
Norte do Paraná

É importante observar que esta  
terra é de origem vulcânica

Neste capítulo, embarcamos em uma jornada de exploração que nos levou a adentrar nas profundezas dos espaços telúricos, nas “[...] “entranhas” do solo” (Dardel, 2011, p.18) da região norte do estado do Paraná. Buscamos compreender a formação desses espaços, focando particularmente nas rochas, relevos e solos que se fazem presentes nas paisagens marcantes dessa região.

No entanto, nossa investigação não se restringe apenas ao domínio científico e aos aspectos físicos desses elementos. Ousamos ir além, adentrando em uma perspectiva geográfica humanista e fenomenológica, que transcende os limites do conhecimento estritamente científico e mergulha nas relações entre os seres humanos e o ambiente que habitam. Pois, de acordo com Dardel (2011, p.8), “[...] fora de uma presença humana atual ou imaginada, não há mesmo a geografia física, somente uma ciência vã”.

Nossa trajetória investigativa se inicia com a geologia originária dos solos vermelhos, que nos apresenta um ponto de partida para compreender a base material e concreta dessas terras. Por um viés científico, examinamos as origens e composições dos solos, sua formação geológica e os processos que os moldaram ao longo do tempo. No entanto, percebemos que uma abordagem estritamente científica não é suficiente para captar a complexidade e a riqueza das interações entre os seres humanos e o ambiente telúrico. De acordo com Dardel (2011, p.6),

Mesmo desgastado pelo uso, o vocabulário afetivo afirma que a Terra é apelo ou confiança, que a experiência do rio, da montanha ou da planície é qualificadora, que a apreensão intelectual e científica não pode extinguir o valor que se encontra sob a noção.

Assim, expandimos a investigação para uma "geologia fenomenológica", conforme nos apresenta Tourinho (2022), a partir de sua leitura de Husserl (2017). Uma abordagem que nos permitiu explorar as terras roxas da região Norte do Paraná para além de suas características físicas e geológicas.

Inspirados nas ideias apresentadas a partir da leitura deste autor, e de sua leitura da concepção de Terra em Husserl, adentramos em uma perspectiva geográfica humanista e fenomenológica, na qual consideramos a relação entre o ser humano e o ambiente como fundamental para compreender a natureza telúrica dessas terras.

Ao abordarmos a transição do solo para a Terra, reconhecemos a importância de expandir as reflexões para além dos aspectos puramente físicos e científicos. O solo, em seu sentido mais restrito e científico, é compreendido como um substrato natural que suporta a vida das plantas e demais seres vivos, fornecendo nutrientes, água e estabilidade física. Em uma perspectiva geográfica humanista e fenomenológica, percebemos que a noção de Terra transcende essa definição.

A Terra, em seu sentido amplo, engloba não apenas o solo em si, mas as camadas mais profundas da cultura, da história e das experiências humanas enraizadas nesse solo. Ela representa um espaço vivido, carregado de significados e memórias coletivas, moldado pela interação contínua entre as pessoas e o ambiente. A Terra se revela como um ambiente que sustenta não apenas a vida vegetal, mas também a vida humana, abrigando comunidades, modos de vida, práticas agrícolas, crenças e tradições que se entrelaçam aos elementos físicos do lugar.

Ao explorarmos a natureza telúrica do Norte do Paraná a partir desta compreensão, somos desafiados a ir além das análises científicas e a adentrar nas experiências e vivências das pessoas que habitam/habitaram essa região. Nossa abordagem busca compreender como a interação entre os seres humanos e o ambiente telúrico moldou/molda essa paisagem única. Experiência que “[...] coloca em jogo ao mesmo tempo, como nos mostra bem Bachelard, uma estética do sólido ou do pastoso e uma certa forma da vontade ou do sonho” (Dardel, 2011, p.15).

Por uma metodologia baseada na observação direta, na escuta atenta e na imersão nas narrativas geográficas e memórias das comunidades locais, buscamos captar as essências dos lugares. Procuramos compreender como a presença humana transformou o solo em Terra, como as práticas agrícolas esculpiram os relevos, como as histórias e as tradições entrelaçaram-se com os elementos geológicos, sedimentando-se nas paisagens.

Esta leitura humanista nos permitiu ir além das camadas superficiais do ambiente físico e adentrar nas relações emocionais, simbólicas e culturais entre as pessoas e a Terra. Nessa perspectiva, as paisagens telúricas se tornam arquivos de narrativas, memórias e identidades coletivas, revelando a profunda ligação entre o ser humano e o ambiente que o cerca. Assim, entendemos que

O espaço geográfico não é somente superfície. Sendo matéria, ele implica numa profundidade, numa espessura, numa solidez ou numa plasticidade, que são dadas pela percepção interpretada pelo intelecto, mas encontrada numa experiência primitiva: resposta da realidade geográfica a uma imaginação criativa que, por instinto, procura algo como uma substância terrestre ou que, se contradizendo, a “irrealiza” em símbolos, em movimentos, em prolongamentos, em profundidades.” (Dardel, 2011, p.14-15).

No decorrer deste capítulo, apresentamos os resultados e achados de nossa investigação, trazendo uma leitura das origens dos solos vermelhos e da terra roxa no Norte do Paraná, por meio dessa abordagem, que lança luz sobre a natureza telúrica dessa região, enriquecendo a compreensão da complexidade e da interdependência entre os seres humanos e o ambiente natural.

## **2.1 POLISSEMIAS DA TERRA: MÚLTIPLOS SENTIDOS ENTRE OS TERMOS “TERRA” E “SOLO”**

No universo da linguagem, palavras e termos carregam consigo significados que se desdobram em camadas de interpretação. Assim é, com os termos "solo" e "terra", que embora aparentemente sinônimos, trazem consigo nuances que nos convidam a explorar os diversos sentidos que permeiam essas palavras.

O termo "solo", recoberto com um caráter científico, remete a um entendimento técnico e especializado. Muitas vezes tratado como a camada superficial da crosta terrestre, resultado de um complexo processo geológico e pedológico. O solo é estudado em seus aspectos físicos, químicos e biológicos, revelando-se como um ecossistema em si mesmo. Nesse contexto, é o solo que fornece os nutrientes essenciais para o desenvolvimento das plantas, sustentando a vida em sua forma básica.

Por sua vez, o termo "Terra" transcende o domínio científico e abrange um significado holístico. Terra é vida, é o solo que acolhe os seres vivos, é o lugar que nos conecta à natureza. Terra é o lar, o planeta que habitamos, o espaço que compartilhamos com todas as formas de vida. Terra é o solo, mas também é o céu, o ar, a água, a flora, a fauna e os seres humanos que fazem parte desse mundo complexo.



A palavra "Terra" é polissêmica, carregada de múltiplos sentidos e interpretações. É o berço da humanidade que nos alimenta e nos sustenta. É o símbolo de nossas raízes, de nossas origens, da conexão com a Terra que pisamos. É história, é cultura, é mito, é espiritualidade.

Ao explorar as profundezas desses termos, somos convidados a reconhecer a importância de compreender, tanto os solos em sua concepção e entendimento científico, quanto a essência da Terra. É preciso ir além dos aspectos técnicos e abraçar a complexidade do nosso relacionamento com o mundo. A Terra não pode ser vista como apenas um recurso a ser explorado, mas um ser com o qual devemos estabelecer uma relação de respeito e cuidado.

Conforme Dardel (2011, p.91), "É difícil imaginar em nossa época uma outra relação do homem com a Terra para além do conhecimento objetivo proposto por uma geografia científica". Em uma leitura fenomenológica dos conceitos de solo e Terra, encontramos algumas reflexões no campo filosófico, que podem expandir os significados que lhes são atribuídos e quiçá permitir uma outra relação humana com a Terra, mais sensível e poética.

Dardel (2011, p.18) nos convida a ler a Terra como uma "realidade telúrica" que não é estática, ou seja, a Terra como um ente vivo responde à nossa presença e mobilidade inquieta. Este autor descreve a superfície continental como "movimentos e "ondulações", um terreno "acidentado" e "tormentoso", adjetivos que refletem o entendimento de que a própria feição da Terra reflete a nossa expectativa de um mundo animado e em eterno movimento. Estas substâncias telúricas, a espessura e a profundidade da matéria terrestre, estão em constante atividade, renovando-se continuamente.

Além disso, Dardel (2011) ressalta que a Terra não é apenas uma origem distante, mas uma presença concreta e tangível em nossas vidas. Ela se manifesta como uma atualização constante que perpetua o mundo. A função eternizante do mundo faz com que a Terra se renove incessantemente, em um processo contínuo de transformação.

A Terra vai além da superfície visível das coisas. A superfície é apenas a zona de aparição de algumas forças ocultas que a permeiam. Há uma presença difusa, sempre pronta a se revelar sem se libertar completamente quando nos aproximamos do sagrado que está presente na Terra. Ainda, segundo o autor, "A pedra é um acontecimento em si própria e uma possibilidade para os outros seres. [...] A pedra

tem um significado que ultrapassa a noção mineralógica que nós temos” (Dardel, 2011, p.56).

À mesma maneira, consideramos que a Terra e os solos possuem um significado que ultrapassa a noção geológica e pedológica tradicional. Sendo necessário refletir sobre as demais noções e significados possíveis de serem atribuídos à estas entidades da natureza.

À exemplo de Dardel (2011), que convida de forma poética a refletir sobre a Terra como uma entidade viva, em constante transformação e interação conosco. Não apenas enquanto um pano de fundo passivo para nossas vidas, mas como um agente ativo que influencia e é influenciado por nossa presença.

Assim, ao considerá-la como uma presença e reconhecer sua importância sagrada, somos desafiados a repensar a nossa relação com o mundo natural e a valorizar a diversidade e complexidade do planeta onde habitamos.

A Terra desempenha um papel fundamental na concepção de Dardel (2011), sendo o ponto de partida e a base para a existência e compreensão da comunidade humana. Para ele, é da Terra que os membros do grupo são extraídos, como a argila que é moldada. A comunidade é vivida e compreendida em sua forma durável e fundamental, encontrando na Terra seu suporte concreto e duradouro. A relação entre o grupo e a Terra é renovada diariamente pela circulação da vida que conecta os seres humanos às terras, às plantas e aos animais, formando uma corrente vital que transcende a dicotomia entre sociedade e natureza.

Essa ligação profunda entre a comunidade humana e a Terra é ampliada pela relação totêmica, em que a força de coesão transmitida pela Terra se manifesta com intensidade e amplitude particulares.

Neste sentido, “A Terra tornada cultura, além de alimentar os homens, também os produz” (Dardel, 2011, p.63). Dardel (2011) argumenta sobre a profundidade e a importância da Terra em nossas vidas. Ela não é apenas um substrato físico, mas um elemento essencial que molda a comunidade humana e sua cultura. A Terra é vista como uma realidade telúrica em constante movimento e renovação, cuja presença é sentida e valorizada em diferentes dimensões, desde a extração dos seus elementos até a sua influência na formação da identidade coletiva.

Conforme Pérez, Brefin e Polidoro (2016, p.1) com o desenvolvimento da agricultura pela humanidade, os solos e a Terra tiveram um impacto maior sobre as nossas vidas, tendo inclusive sido “entronizados em sua vida religiosa/espiritual.” Em

diversas mitologias, filosofias, religiões e crenças, encontramos narrativas que associam a criação dos seres humanos à Terra e ao barro, enquanto elementos fundantes.

Pela mitologia chinesa, Nu Wa, a Serpente Criadora da Humanidade, criou o ser humano (ren) a partir do barro amarelo. Pela mitologia suméria, os deuses Enlil e Enki criaram o homem e a mulher a partir do barro. Pelos gregos, foi Prometeu quem moldou do barro uma criatura à imagem e semelhança dos deuses e soprou em seu corpo o sopro da vida. A mitologia iorubá indica que foi o orixá Obatalá quem criou a raça humana com o barro oferecido pelo orixá Nanã. Segundo a mitologia tupi-guarani, Tupã formou estátuas de argila do homem e da mulher. E mesmo na história mais recente do homem, essa crença de criação permanece. Pelo Catolicismo tem-se: "Então o Senhor Deus formou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego de vida, e o homem se tornou um ser vivente" (Bíblia, Gênesis 2: 7). E para os muçulmanos: "Criamos o homem de argila, de barro modelável" (Alcorão Sagrado - Surata 15, AL HIJR, versículo, 26). Interessante observar que, de certo modo, a ciência moderna corrobora em parte essa tese, à medida que sugere que a vida pode ter-se iniciado em superfícies de minerais de argila tipicamente encontrados no desenvolvimento dos solos (Hanczyk et al., 2003; Ricardo & Szostak, 2009). (Pérez; Brafín; Polidoro, 2016, p.1)

Assim, somos levados a questionar a nossa relação com a Terra e a reconhecer sua presença como um elemento fundante e ente vivo e ativo em nossas vidas. Um convite a considerar a Terra não apenas como um recurso a ser explorado, mas como um elemento intrínseco à nossa existência e como base para a nossa própria cultura. "Colocar-se de fora da Terra e do espaço concreto para conhecê-los do exterior, é esquecer que, por sua própria existência, o homem está comprometido como ser espacial e como ser terrestre" (Dardel, 2011, p.89).

Nesta jornada, em busca dos sentidos e significados atribuídos à Terra e aos solos, nos encontramos com o pensamento de Husserl. Conforme Barroso (2022), Husserl é conduzido ao conceito de Terra (Erde) a partir de sua

descoberta do solo terrestre como um elemento constitutivo da espacialidade em geral, conduzindo à "reviravolta da doutrina copernicana" e à polêmica afirmação de que a Terra não se move, uma vez que ela é a condição de possibilidade para todo movimento e repouso. (Barroso, 2022, p.203).

Em 1934, próximo do fim de sua vida, Edmund Husserl, dedicou-se a escrita inicial de um manuscrito, o qual não teve o título definido propriamente pelo autor, mas retirado dos escritos sobre o envelope onde foram encontradas as folhas deste

manuscrito (Kondageski [comentários] em Husserl, 2017). O título, “A Terra não se movem: investigações acerca da origem fenomenológica da corporeidade e da espacialidade da natureza”, foi atribuído a este manuscrito, que após a morte de Husserl foi compilado, editado e publicado.

Apesar deste manuscrito contar com várias repetições e revisões, devido ao caráter inicial e inacabado das reflexões dispostas no papel pelo filósofo, conforme comentários de Kondageski em Husserl (2017, p. 80), o mesmo oferece elementos “[...] fundamentais para uma doutrina fenomenológica da origem da espacialidade, da corporeidade, da natureza no sentido da ciência da natureza e, assim, para uma teoria transcendental do conhecimento científico-natural”.

A partir deste texto, Husserl (2017) compreende a Terra não como o “outro” da humanidade histórica, “[...] mas sim o ponto de partida e ancoragem última da historicidade intersubjetiva que constitui cada mundo da vida específico”. A Terra, a ser pensada como um corpo entre corpos em espaço infinito homogêneo (Barroso, 2022, p.203-235).

Husserl (2017) sugere pensar a Terra como “arca originária”, uma espécie de embarcação. “A terra é a embarcação originária que se move e repousa em sentido absoluto”. Imagem que abarca e carrega a todos, enquanto uma expressão metafórica que

[...] nada mais é do que a expressão metafórica da descoberta da Terra como nosso solo comum, que não se reduz a uma produção humana, a uma reserva de recursos ou a um mero fato contingencial em face da necessidade lógica de uma subjetividade desterrada. Será possível pensar, a partir disso, uma geologia transcendental, tal como no projeto concebido por Merleau-Ponty (2016, p. 307) em seus últimos escritos e jamais levado a cabo, na qual a Terra corresponde à instituição originária de tempo e espaço, não sendo alheia nem ao território de uma comunidade, nem à história que o caracteriza – um pertencimento válido também para o território que distingue o pensamento ocidental, para as idealidades que o constituem, a despeito de sua pretensão de erguer-se à condição de uma universalidade supraterritorial.” (Barroso, 2022, p.203).

Essa reflexão sobre a Terra enquanto solo comum, corpo-solo, presente neste manuscrito de Husserl, conforme Barroso (2022), é o que direciona os primeiros passos ao que Merleau-Ponty (2003, p.233) denomina de “geologia transcendental”, nas notas de rodapé de seu trabalho “O visível e o invisível”. Conforme Günzel (2016, p.118), “Em 1º de junho de 1960, justo um ano antes de sua morte, Merleau-Ponty

(1994, p. 225) anota seu último e marcante mote para a nova metodologia: seria uma “geologia transcendental”, a desenvolver-se como “uma filosofia da estrutura [...]”.

Isso permitiria a Husserl introduzir a temática da historicidade na consideração espacial sobre a Terra. “[...], e como esta, por sua vez, está eideticamente vinculada à Terra” (Barroso, 2022, p.227-228). Ainda de acordo com Barroso (2022, p.230),

[...] a Terra não é introduzida nessa passagem em um registro meramente geográfico, ecológico, físico ou mesmo psicológico, e sim em um registro transcendental, uma vez que ela é condição para a possibilidade da doação de sentido. Nesses termos, ela integra a análise fenomenológica da horizontalidade da experiência como solo (Boden) a partir do qual uma determinada configuração do mundo da vida histórico torna-se possível.

Consideramos “[...] que não somente a natureza encontra-se em uma relação de conclusão com o espaço cultural, mas que também o espaço cultural se mostra em entrelaçamento com o solo terrestre” (Barroso, 2022, p.233-234). Desta forma, encontramos-nos entrelaçados e aterrados a esta natureza, assim como esta se encontra amalgamada à nossa cultura. Günzel (2016, p.116) aponta que,

Como acentua Derrida (1987, p. 110), o sentido do texto de Husserl está em que “a terra transcendental [...] não é um objeto e [...] jamais poderá tornar-se [um]”. Assim, é impossível uma geologia como “ciência objetiva da terra” (DERRIDA, 1987, p. 111) na medida em que a “terra” não se move objetualmente nesse espaço como o “corpo como aqui originário e ponto zero de todas as determinações objetivas do espaço e do movimento espacial” (DERRIDA, 1987, p. 112). Uma geologia da terra só é possível como fenomenologia.

Conforme Kern (2012, p.776-777) ao considerarmos “A geologia, uma espécie de “anatomia da terra”, exige-se a observação da natureza, é claro, mas também uma boa dose de imaginação, argumento que deveria bastar para aqueles que a julgassem uma ciência excessivamente fria”.

Assim, a partir destas reflexões, buscamos seguir para um entendimento do solo enquanto ‘Terra’, que transcendesse a descrição técnica da ciência e abraçasse uma leitura filosófica e geológica poética e calorosa, nos lançando por *Terrae incognitae* – terras incógnitas – buscando ultrapassar para “[...] além das fronteiras do conhecimento geográfico” (Wright, 2014, p. 7) já mapeadas, no intuito de alcançar,

mesmo que de forma superficial, uma resgate das essências e experiências humanas envolventes nestes termos.

## 2.2 COMPREENSÕES FENOMENOLÓGICAS DA FORMAÇÃO GEOLÓGICA

Ao nos aventurarmos nessa empreitada de investigação, desvelando os segredos ocultos dos solos da região norte do estado do Paraná, nos vemos automaticamente transportados a uma jornada épica, pelo tempo e pelo espaço. Como pesquisadores, ousamos retroceder cerca de 400 milhões de anos na história da Terra, buscando desvendar os intricados processos e fenômenos que engendraram sua gênese e evolução.

Imbuídos de uma curiosidade epistemológica (Freire, 1996) fomos lançados em um movimento de imersão nas origens das paisagens. Caminhamos por terras desconhecidas - *Terrae incognitae* (Wright, 2014), alheios às fronteiras impostas pelo tempo, investigando horizontes desconhecidos em busca de pistas nas entranhas da Terra.

Se a geografia oferece à imaginação e à sensibilidade, até em seus voos mais livres, o socorro de suas evocações terrestres, carregadas de valores terrestres (terriennes), marinhos, ou atmosféricos, também, sempre espontaneamente, a experiência geográfica, tão profunda e tão simples, convida o homem a dar à realidade geográfica um tipo de animação e de fisionomia em que ele revê sua experiência humana, interior ou social. (Dardel, 2011, p.6)

Assim, em uma ousada jornada rumo ao desconhecido, embrenhamo-nos em busca de desvendar os enigmas que permeiam a formação dos solos do Norte do Paraná, com suas características e coloração avermelhada. Nessa aventura épica, fomos transportados além das fronteiras do tempo, recuando milhões de anos na história do nosso planeta.

Conforme Wright (2014, p.8) “[...] o desconhecido estimula a imaginação a conjurar imagens mentais do que procurar dentro dela e, quanto mais é encontrado, mais a imaginação sugere novas buscas. Deste modo, a curiosidade é produto da imaginação”.

A região Norte do Paraná, envolta em sua aura geográfica mítica, desvela-se como um capítulo primordial da evolução geológica da Terra. Uma bacia sedimentar,

esculpida sobre a extensa Plataforma Sul-Americana, que emerge como protagonista nessa história ancestral.

Sua história começa a se desenrolar no distante Período Devoniano, estendendo-se até o Cretáceo, marcada por um intricado movimento de subsidência e soerguimento - a persistente oscilação que moldou a região permitindo a acumulação de camadas de sedimentos, lavas basálticas e sills de diabásio - uma espessura imponente, ultrapassando incríveis 5.000 metros nas profundezas mais remotas (IAT, 2023, online).

Contemplamos a forma dessa bacia sedimentar - uma elipse, que se abre em direção ao sudoeste, abraçando uma vasta extensão de aproximadamente 1,5 milhão de quilômetros quadrados (Km<sup>2</sup>).

A paisagem, aos nossos olhos, ganha vida própria. Deformações estruturais se desdobram em uma diversidade de arcos, fraturas, sinclinais e depressões. São como contornos de uma pintura geológica, retratando um universo de formas e movimentos. A consolidação e evolução do embasamento da Bacia do Paraná foram forjadas ao longo de ciclos tectono-magmáticos milenares, entre o Pré-Cambriano Superior e o Paleozoico (Wildner, *et. al*, 2006).

Contudo, é na separação do Gondwana, ocorrida durante o Cretáceo Inferior, na chamada “dança dos continentes” – a teoria da deriva continental (Wegener, 1929), (Figura 8), que uma das mais grandiosas manifestações da natureza se apresentou. Um evento vulcânico de proporções planetárias recobriu a porção centro-sul da América do Sul e o noroeste da Namíbia, dando origem à imponente Província Ígnea Continental Paraná-Etendeka (Wildner, *et al*. 2006). Esse evento vulcânico se tornou um testemunho vivo do poder transformador da Terra.



**Figura 8:** A dança dos continentes.



Elaboração: Silva (2023).

As entranhas da Terra ecoam e registram em cada linha e camada de sua história e paisagem, sua narrativa geográfica e geológica. Com espírito curioso e inquieto, somos convidados a mergulhar em um mundo de rochas e mistérios, no intuito de compreender estas narrativas. Afinal, estes espaços telúricos, nem sempre conduzem à recusa, pois, “Ele se abre ao homem. Ele nos chama na forma de encantadores picos ou de atraentes subterrâneos” (Dardel, 2011, p.16).

Nessa investigação e jornada subterrânea, deparamo-nos com a Formação Serra Geral, uma sucessão vulcânica que recobre grande parte da região centro-sul do Brasil, atravessando fronteiras político-administrativas e se espalhando por terras paraguaias, uruguaias e argentinas.

As estruturas tectônicas se revelam como protagonistas neste contexto geológico. As descontinuidades estruturais, de direção NW (noroeste), manifestam-se em arcos como o de Ponta Grossa, além de lineamentos tectônicos e/ou magmáticos (Wildner, *et al.* 2006).

Nessa narrativa que mescla ciência e poesia, nos envolvemos nessa história geológica. Em uma busca incessante pelo conhecimento, do anseio em desvendar os mistérios que permeiam a formação dos solos e compreender esta “geologia primitiva” (Dardel, 2011) que nos revela os segredos guardados nas camadas do tempo e dos sedimentos.

O arruinado, o maciço, o calcinado permanecem uma experiência concreta, até mesmo ingênua, em que a geografia se consubstancia e clama por uma espécie de geologia primitiva que é essencialmente um interesse, senão uma paixão, pelos materiais e a estrutura da Terra, antes de se tornar uma ciência objetiva.” (Dardel, 2011, p.15)

Em um intrincado diálogo, desvendamos a relação íntima entre a gênese e evolução da geologia local e a formação dos solos avermelhados que se estendem pelo Norte do Paraná. Nesse diálogo de saberes, os versos da geopoética se entrelaçam com os dados científicos, revelando a imponente desse espaço terrestre/telúrico.

Ao longo do tempo, cada camada de rocha conta uma história, escrita com os traços delicados, e modificados pela ação dos agentes erosivos (água, vento, gelo, etc.) e mais recentemente pela ação humana. A região Norte do Paraná, envolta em seu manto rochoso, testemunhou o desenrolar majestoso desse enredo geológico. O pulsar da Terra, em suas entranhas, moldou os solos avermelhados, entrelaçando-os à trama do tempo.

E foi assim, ao longo de milhões de anos, que o movimento das placas tectônicas desenhou a paisagem, soerguendo morros e rebaixando vales profundos, em constante movimentação da crosta terrestre, como uma coreografia planetária. Nesse movimento, o toque artístico da natureza se faz presente. O vermelho intenso que colore os solos, como uma tela abstrata, é um presente dos minerais que compõem as rochas. O ferro (Fe), em sua expressão de óxido ( $\text{Fe}_2\text{O}_3$ ) - **hematita**, pintou essa paleta de cores, trazendo vida e calor aos solos que acolhem a vida em suas (sub)superfícies.

E assim, os solos avermelhados tornam-se o ambiente fértil para a vegetação que os recobre. Raízes profundas mergulham em busca de nutrientes, enquanto folhas verdes se espalham. É nessa teia de interações entre solo e vegetação que a natureza se revela, onde cada grão avermelhado é um elo na cadeia de sustento e regeneração.

No princípio, eram os derrames vulcânicos, as caudalosas lavas dos vulcões se esparramando pelo solo. O basalto se misturando à terra, por milhões e milhões de anos. Nascia assim, a terra roxa, um dos solos mais férteis do planeta. Depois, vieram as plantas. Milhões de espécie botânicas, nascia um templo da biodiversidade – a Mata Atlântica, milhares de tipos de árvores.” [...] Fruto de milhões de anos de formação geológica, a terra roxa fecundou um templo da diversidade, a Mata Atlântica – e na mata surgiu a árvore majestosa que nos dá história e identidade. (Pellegrini, 2020, online)

Entre as terras vermelhas do Norte do Paraná, onde a poesia da natureza se entrelaça com a força do trabalho humano, nasceu a expressão "terra roxa". Nesses solos férteis, tingidos de tons avermelhados, uma história de imigração, associada à ruralidade camponesa e transformação das paisagens se desdobra, marcando os destinos das terras e das pessoas que ali se estabeleceram.

Sobre este aspecto, um trecho da obra ‘O tempo de Seo Celso’, de Domingos Pellegrini, apresenta de forma interessante, e de certo ponto ‘geopoética’, o processo relacionado à formação geológica do Norte do Paraná e seus solos vermelhos e férteis. Nas palavras de Domingos Pellegrini (1990, p.15-16)

Há apenas 135 milhões de anos, a terra vermelha [...] era ainda lava em fusão a 5.000 graus. Essa lava foi expulsa do interior do planeta e escorreu espremida pelas suas fendas, derrame após derrame, enquanto a América se afastava da África [...] No norte do Paraná, por capricho a lava endureceu sobre um imenso lago subterrâneo, o Aquífero Botucatu. Mas sua massa mineral era do mesmo basalto derramado também na África e em vários outros pontos do Brasil. [...]

O basalto, rocha-mãe da terra, conforme se corrompia pela umidade durante milênios, foi liberando óxido de ferro que deu a cor avermelhada. [...] A extraordinária qualidade da terra roxa para a agricultura vem, antes de tudo, das chuvas, da umidade no ar e no solo.

Feitas as devidas ressalvas as explicações dadas por Pellegrini à formação da terra vermelha, podemos considerar ainda de acordo com Müller (2012) que devido às variações no contexto geológico da porção Norte do Paraná, verifica-se a presença de vários tipos de solos na região, entre os quais a predominância de latossolos, nitossolos e neossolos.

Os processos de decomposição e intemperismo das rochas eruptivas básicas, sobretudo os basaltos, foram responsáveis pela formação da popularmente conhecida “terra- roxa”, que se apresenta com diferentes graus de fertilidade. Para Müller (2012) esta “terra roxa” presente no Norte do Paraná ainda se diferenciaria em dois tipos principais: a “terra-roxa legítima” e a “terra-roxa misturada”. Estes dois termos seriam utilizados apenas para diferenciar as características e composições destas terras, em termos de argilas, areias e outros minerais. Em nossa compreensão não interfere na formação e adoção da expressão “pé vermelho”, enquanto expressão de pertencimento e identidade.

A primeira ocorreria, principalmente, no alto dos espigões e divisores de águas, enquanto a segunda seria encontrada nos vales, áreas próximas de formações areníticas e nas áreas de afloramento de diabásio. Já nas áreas onde os basaltos são capeados por arenitos, esta disposição se encontraria invertida (Müller, 2012).

Atualmente, em termos pedológicos, o termo “terra roxa” não é mais utilizado pelos sistemas técnicos de classificação dos solos no Brasil, pois esta denominação foi desmembrada e tipificada, em grande parte, enquanto latossolos e nitossolos vermelhos. No entanto, defendemos que este termo se mantém vivo e sobrevive na memória individual e coletiva (Lowenthal, 1998), e na oralidade local, enquanto expressão histórica e cultural.

De acordo com Lima (2004, p.4), esta expressão popular

[...] é associada aos solos originados do intemperismo da rocha basalto, que ocorre principalmente desde o norte do Rio Grande do Sul até o sul de Goiás, e em áreas menores na Amazônia. Estes solos, devido a elevado teor de ferro do material de origem (basalto) apresentam coloração vermelho escuro. Mas porque “terra roxa”? Na verdade trata-se de uma tradução equivocada do italiano (rosso) para

o português (deveria ser vermelho ao invés de roxo). Dentro do que o senso comum chama de “terra roxa” incluem-se desde solos férteis até solos de média fertilidade, de solos muito profundos a pouco profundos (em alguns casos até rasos).

Do ponto de vista social e cultural, o termo “terra roxa” ainda representa uma marca imaterial do processo de colonização da região norte-paranaense e a influência dos imigrantes italianos, pois assim como destaca Pellegrini (1990, p.15), “[...] só no Norte do Paraná, o Basalto viraria a famosa “terra roxa”, apelido devido aos colonos italianos que chamavam de rossa a terra vermelha”.

A terra vermelha, também chamada de “terra roxa” graças aos imigrantes italianos que trabalhavam na lavoura de café, que a denominavam como “terra rossa”, é resultado da decomposição de lavas vulcânicas, particularmente do basalto. Essas lavas se originaram do Derrame de Trapp, talvez o maior derrame de lava conhecido pelo homem, e que ocorreu na Era Mesozóica, entre 251 e 66 milhões de anos atrás, a era dos dinossauros. (História de Londrina, 2013, online).

Em nossas investigações sobre as origens desta expressão encontramos nas narrativas das pessoas, de forma recorrente essa explicação embasada na influência da imigração italiana, que com sua expressão “terra rossa” gerou uma pequena confusão, que acabou por resultar na expressão “terra roxa”, devido a sonoridade parecida entre os termos. A figura 9 apresenta a categoria 1, mencionada anteriormente no gráfico da figura 4, criada para agrupar as narrativas que fazem menção às origens das expressões “terra roxa” e “pé vermelho”, a qual reuniu 19 narrativas.



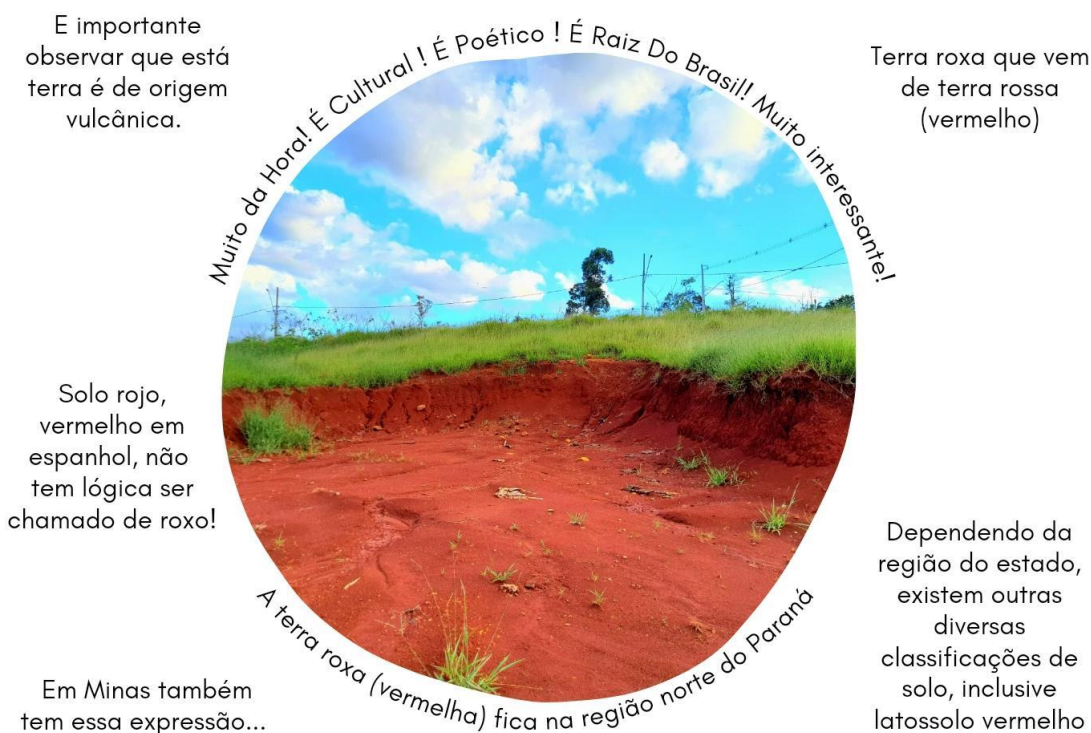
**Figura 9: Narrativas telúricas sobre as origens da terra roxa<sup>8</sup>**

**Narrativas Telúricas - Das Origens da Terra Roxa**

**Esta categoria reuniu 19 narrativas - 1,9% do total**

O "roxo" é porque os italianos que colonizaram a região diziam que a terra era "roso" que é vermelha em italiano.as pessoas que viviam lá e não entendiam o idioma passaram a chamar de roxo...

Let's get this right: The soil in the north part of Paraná State is red. So why is it referred to as "roxo"? A large part of the immigrants that came to colonize the region where from Italy and obviously did not speak Portuguese. In the Italian language the color "red" is "rosso", thus the mispronouncing of "rosso" into roxo. So, the soil is definitely red. Hope this helps.



O "roxo", na verdade, é vermelho. Em "italianês" ficou roxo.

Só por curiosidade mesmo, a terra roxa tem na região de Curitiba também, ou mais no interior!?

agora o nome correto é Latossolo vermelho. Latossolo roxo não se usa mais.

Os imigrantes italianos falavam que a terra era "rossa" el alusão à vermelho!  
Aí o caipira logo emendou um "roxa"!

E faltou o adendo... Terra Roxa... porque os imigrantes italianos falavam terra rossa...  
Rosso em italiano é vermelho.

Outro fato curioso. Italianos vindo de São Paulo para trabalhar no campo falavam da região (tera rossa) que significa terra vermelha . A Ferrari p ex. é máquina rossa, e assim permaneceu: Terra Roxa.

**Elaboração: Silva (2023).**

<sup>8</sup> Tradução da narrativa em inglês: "Vamos acertar isso: O solo do norte do Paraná é vermelho. Então, por que é chamado de "roxo"? Grande parte dos imigrantes que vieram colonizar a região eram de origem italiana e obviamente não falavam português. Na língua italiana a cor "vermelho" é "rosso", daí a pronúncia incorreta do "rosso" para roxo. Então, o solo é definitivamente vermelho. Espero que isto ajude."

De acordo com Boschilia (2020), “o jeito de falar dos ‘pé vermeio’” resultou na expressão singular “terra roxa” marcando o cenário linguístico, cultural e geográfico do Norte do Paraná. Assim, conforme o autor

Portanto, com esta participação multiétnica, não apenas nos sotaques e nos termos utilizados para referir as coisas e objetos do cotidiano, mas também na culinária, novos termos e expressões passaram, eventualmente, a fazer parte do cotidiano nas frentes pioneiras e, finalmente, serem incorporados à linguagem dos “pés vermeio”. (Boschilia, 2020, p.84).

O “rosso” que virou “roxo” e que na verdade é “vermelho”, apresenta-se em nossa percepção enquanto marca deste fenômeno cultural que revela esta participação multiétnica, apontada por Boschilia (2020), e que desvela as dinâmicas da cultura, da linguagem e do cotidiano das pessoas, e as interações entre estas e o ambiente.

Domingos Pellegrini, em outro de seus contos, “O encalhe dos trezentos”, apresenta uma ligação forte entre os sujeitos e a terra vermelha. Desta vez, na figura do barro e da lama, estes que pela umidade tornam-se plásticos e moldáveis aos corpos e objetos, conduzindo a uma literal ‘amalgama’ de diferentes sujeitos e suas respectivas manifestações culturais, envolvidos no processo de colonização desta região. Sobre isto Silva (2004, online) destaca que

[...] o barro da terra roxa prende não só os caminhões no atoleiro, mas também a nossa atenção aos tipos que compõem a região. Como se a liga desse barro fosse grudando aos poucos e construindo personagem por personagem. O barro da terra roxa é um estratagema que Pellegrini utiliza para dar vida à variedade de tipos humanos comuns à colonização do norte do Paraná à época.

Esta íntima e poética ligação entre indivíduos e a Terra / o barro, como componentes do espaço telúrico da região, como apresenta Dardel (2011), é visível no trecho em que Silva (2004, n.p.) destaca: “Homem e barro. O homem que vem da terra e para ela volta. A terra que dá vida. Terra que como a vida está cheia de contradições, luta pela posse, vida e morte, poesia e literatura. Tudo é terra que vira barro e provoca encontros”.

A materialização da fertilidade dos solos vermelhos da porção Norte do Paraná é visível na paisagem desta região, tendo impactado direta e indiretamente nas dinâmicas de sua ocupação.



Sobre este aspecto, não se pode deixar de lado o contexto histórico da dinâmica da ocupação humana dos solos no Norte do Paraná. Afinal, inegavelmente o café é outra marca presente na formação material e imaterial das expressões “terra roxa” e “pé vermelho”. Assim, como é destacado em reportagem do jornal Gazeta do Povo, em artigo de Juliana Gonçalves (2013, n.p.).

O solo avermelhado e fértil de Londrina, que ajudou a floresta a crescer e os cafezais a se espalharem, também sujava os pés dos moradores, o que nos deu o nome de “Pé Vermelho”. A princípio era uma expressão que nos lembrava a cor do solo, mas depois passou a representar nossa identidade.

Ainda sobre a fertilidade dos solos e de sua potencialidade à prática agrícola, o depoimento a seguir, retirado da mesma reportagem, destaca que

Essa terra tão fértil, que fez de Londrina a capital mundial do café e alavancou a economia da cidade, foi, segundo Moraes, a responsável pelo que a cidade se tornou, junto com o povo que aqui chegou. "As pessoas vinham porque a terra era boa, promissora. E o povo que veio, veio para trabalhar mesmo, plantar, construir, fazer dinheiro. Não fosse a geada, Londrina seria ainda maior do que é hoje", sugere (Gonçalves, 2013, n.p.).

Sobre o processo histórico de ocupação da região norte paranaense Marandola (2009) destaca como a partir do final da década de 1920 e, início da década de 1930, a Companhia de Terra Norte do Paraná (CTNP), de capital inglês, chegou à região e estabeleceu seus critérios para a delimitação dos lotes de terra que seriam vendidos, ocupados e comercializados, expandindo o processo de colonização e de formação dos primeiros núcleos urbanos.

O autor destaca a propaganda criada e divulgada pela CTNP, conforme podemos observar pelas figuras 10 e 11, com o intuito de estimular a imigração de pessoas para a região, e a questão da terra é um ponto evidente nesta propaganda,

Assim, o sertão do Tibagi, terra inóspita, desconhecida, coberta pela grande floresta e habitada pelas onças e cobras, passa a ser o promissor Norte do Paraná, com terra roxa, onde tudo que se planta dá. Isso era usado nas propagandas da Companhia de Terras para a colonização da região. Divulgadas nos meios de comunicação da época, como o jornal Paraná- Norte, a Companhia de Terras destacava o fato de não haver saúvas em suas terras, o que na época indicava boa qualidade da terra (Marandola, 2009, p.26).

Figura 10: Propaganda da CTNP sobre as terras do Norte do Paraná.

**NORTE DO PARANÁ**  
*Terra farta!*



**Você Sabia...?**

...que a Comissão de Terras Norte do Paraná (a) vendeu mais de 9.000 lotes agrícolas?

...que a área média das propriedades vendidas é de 16 alqueires?

...que a Comissão concede facilidades para o pagamento dos lotes que vende?

**Vá conhecer Maringá...**  
 ...e não deixe passar a linha.

**A** mão do homem abriu clareiras nas matas virgens do Norte do Paraná. Das sulcos do arado a fartura desponta. Em torno da florescente cidade de Maringá, lavouras e rebanhos, hortas e pomares se multiplicam, prósperos e vitoriosos, sob o olhar tranquilo dos colonos felizes.

**VENDAS A PRESTAÇÕES EM PEQUENOS E GRANDES LOTES**

**CIA. DE TERRAS NORTE DO PARANÁ**

A MAIOR EMPRESA COLONIZADORA DA AMÉRICA DO SUL

Sede: São Paulo: Rua São Bento, 329 - 8º andar  
 Centro de Administração e Agência Principal -  
 Curitiba: R. V. N. S. C. Paraná

• Datas e Chácaras em MARINGÁ, os interessados na compra de Datas e Chácaras em Maringá deverão procurar a seção de vendas da Cia. naquela cidade.

Ciões registrados sob n.º 11 de acordo com a Lei de 2.924 de 18 de Setembro de 1958

Avélio-Nº-402-15

Fonte: Folha de S. Paulo de 17 de abril de 1950. Disponível em:  
<https://www.maringahistorica.com.br/publicacoes/3166/anuncios-da-ctnp-entre-1949-e-1950>

Figura 11: Propaganda da CTNP sobre as terras do Norte do Paraná.



Nas matas virgens do NORTE DO PARANÁ existem as madeiras de lei e os padrões de terra boa. Em torno da florissante cidade de **Maringá** abunda o melhor cedro vermelho, livre de brocas e defeitos. Peroba rosa de múltiplas aplicações, cabituva para esquadrias e construções rodoviárias, pau marfim para móveis e parquet, carunax, pau d'alho e figueiras brancas se multiplicam, belas e robustas.

## Cia. de TERRAS NORTE do PARANÁ

Sede: São Paulo: Rua São Bento, 229 - 8.º andar.  
Centro de Administração e Agência principal  
Londres: R.V.P.S.C. Perené

Datas e Chacaras em **MARINGÁ**, os interessados na compra de Datas e Chacaras em **Maringá** deverão procurar a seção de vendas da Cia. naquela cidade.

Títulos registrados sob 8.7 de agosto 1948 e 12.075 de 18 de Setembro de 1948

ABRIL - P. 10-08-48

## VOCÊ SABIA QUE

...A COMPANHIA DE TERRAS NORTE DO PARANÁ, após, mais de 200 mil hectares de matas virgens estudadas e mapeadas?

...as longas distâncias entre as cidades e as paragens de embarque?

...as dificuldades que os imigrantes encontram ao chegar em Maringá, dada a falta de meios de transporte e a falta de serviços urbanos na vila?

...a Companhia criando as condições para a prosperidade dos seus colonos?

Vá conhecer **Maringá**...

...e vá buscar a família.

Neste processo de ocupação das terras do Norte do Paraná é nítida a ação e intencionalidade da CTNP, que em sua lógica de compra, venda, ocupação e exploração destas terras, utilizou-se da propaganda, como as observadas nas figuras 10 e 11, para vender uma imagem deste Norte do Paraná, para aqueles que se aventurariam em se deslocar para viver e trabalhar nestas terras.

Assim, as terras roxas ganham adjetivos e características, como terras férteis, virgens, produtivas, acolhedoras e, o mais importante, livre de saúvas – um dos grandes terrores dos agricultores.

Desta forma, alimentados por uma ideia e imaginação destas terras, temos no início do século XX, uma onda migratória de italianos e outros povos europeus. Além de mineiros, paulistas, nordestinos, e povos de outros lugares do Brasil, que adentram nessas terras promissoras, em busca de uma nova vida. Com seu conhecimento agrícola e uma determinação, eles buscavam nesses solos vermelhos uma oportunidade de prosperidade.

Assim, a terra fértil presente no Norte do Paraná, quando do início da colonização destes municípios, nutriu os indivíduos não somente pelos alimentos produzidos em seus solos, mas também pelo imaginário e esperança de muitas pessoas que (i)migraram para a região.

Com relação ao Norte do Paraná, cabe ressaltar que se trata de um processo de ocupação singular, devido à rápida efetivação do povoamento na região. O início desse processo data da segunda metade do século XIX, com a vinda de imigrantes que começaram a trabalhar com a agricultura, utilizando técnicas similares às empregadas no estado de São Paulo. Somente a partir do início do século XX é que a ocupação dessa parte do estado começa a adquirir novos contornos, de uma forma organizada por meio da ação de companhias de terras particulares, por meio de concessões e/ou alienações feitas pelo governo. Posteriormente, houve a chegada dos mineiros e dos paulistas, que vieram trabalhar na cultura do café, em virtude da crise do café em São Paulo. As terras férteis do norte do Paraná, a chamada “terra roxa”, contribuíram para a prosperidade do café, pois, a fertilidade natural do solo era capaz de proporcionar uma abundante produção de grãos sem a necessidade de grandes esforços técnicos” (Colasante; Huertas Calvente, 2011, p. 9-10).

A agricultura tornou-se o fio condutor dessa história. O café, como uma imagem de riqueza, encontrou nessas terras o ambiente ideal para florescer. Assim, com a força dos agricultores, as plantações de café se espalharam, salpicando a

paisagem de novas cores e texturas e dando origem à uma nova condição de ruralidade na região.

A lavoura do café trouxe consigo um estilo de vida único. Os cafezais se estendiam como um manto verde, engolindo os trabalhadores que dedicavam suas vidas à colheita desse fruto. Era um trabalho árduo, que unia famílias e comunidades em torno do cultivo e do beneficiamento do café.

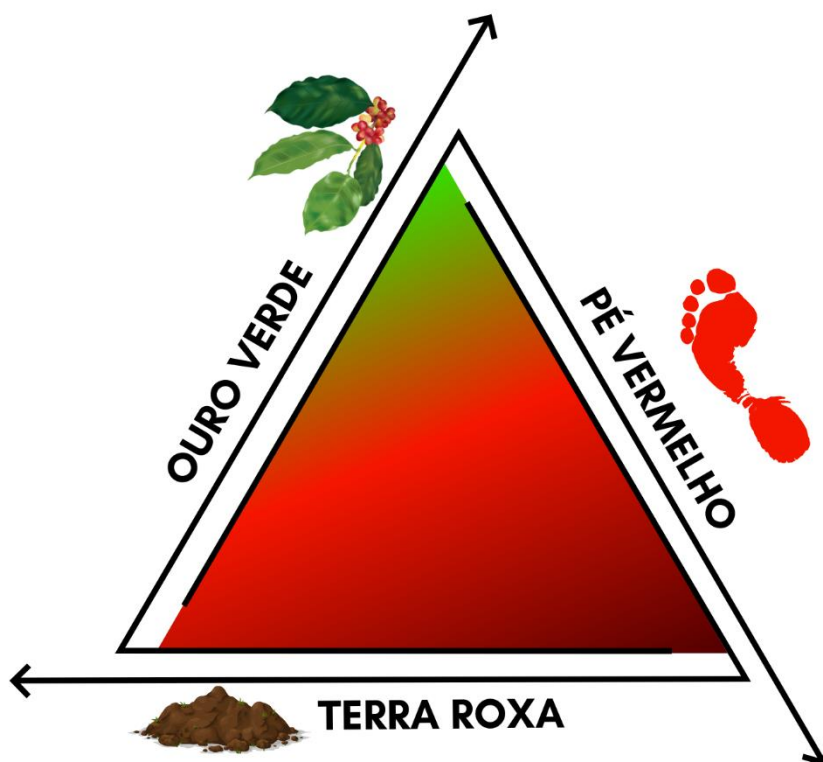
À medida que as plantações cresciam, novas cidades surgiram, como Londrina, Maringá, Apucarana, Califórnia, entre tantas outras. Inicialmente como descampados em meio as matas, que com os dias se tornavam povoados e com os meses se tornavam vilas e com os anos se consolidavam como núcleos urbanos. Estes se constituíram como reflexo da força e coragem daqueles que se aventuraram nas terras vermelhas.

A paisagem se transformava com o avanço da agricultura. As matas foram rapidamente perdendo espaço para os cafezais, e as estradas surgiram para conectar as terras, as pessoas e as vilas. Os solos vermelhos, antes intocados, agora carregavam o fruto do trabalho humano, esbanjando a fertilidade e a riqueza que a Terra oferecia.

A expressão "terra roxa" tornou-se uma marca dessa região. Era o símbolo da produtividade e da fecundidade desses solos. Era a expressão de uma cultura agrícola que moldou a identidade das comunidades rurais e urbanas do Norte do Paraná.

Assim, ao nosso ver, funda-se a tríade formada pela junção das expressões: "terra roxa", "pé vermelho" e "ouro verde" (Figura 12), como ficou conhecida a cultura do café no Norte do Paraná.

**Figura 12:** Tríade terra roxa-pé vermelho-ouro verde.



Elaboração: Silva (2023).

Na “terra roxa”, onde a fertilidade se revela em tons avermelhados, nasceu o “pé vermelho” entrelaçado ao “ouro verde” da cultura do café. É uma tríade que se entrelaçou na região, marcando a história e a identidade daqueles que trabalhavam e viviam nessas terras.

A “terra roxa” fornece base para que os pés possam caminhar por um solo rico em minerais e nutrientes, capaz de sustentar a vida. É a base sólida onde o “pé vermelho” enraíza-se, absorvendo a força telúrica e a energia que flui do solo.

O “pé vermelho” retrata a experiência de vida do trabalhador do campo, agricultores e camponeses, que se dedicaram à Terra em seu trabalho na lavoura e no cultivo dos cafezais.

O “ouro verde”, símbolo da riqueza dos cafezais, apresentava-se mais do que uma simples *commodity*. Constituindo-se no sustento de famílias inteiras, que impulsionou o crescimento econômico e transformou paisagens rurais em cidades movimentadas.

Essa relação intrínseca entre a “terra roxa”, o “pé vermelho” e o “ouro verde” revelou-se para além de seu aspecto econômico. Tendo moldado, como se molda a

argila, uma cultura, que constituiu tradições, modos de vida próprios e laços profundos entre as pessoas e a Terra.

Hoje, as lembranças desse passado ecoam em memórias afetuosas e tradições perpetuadas. Em alguns lugares, o aroma do café ainda paira no ar... permeando a paisagem e despertando sentimentos de pertencimento e recordação.

As lembranças daquela época do “ouro verde” do café, hoje permanecem vivas nas histórias contadas pelos mais velhos e nas tradições. A “terra roxa” é mais do que uma expressão, é marca de uma região, que registra em suas camadas o trabalho árduo das pessoas que cultivaram essas terras. “Entre o Homem e a Terra permanece e continua uma espécie de cumplicidade no ser” (Dardel, 2011, p.6).

Nesse enredo marcado pela (i)migração, pela ruralidade e pelo cultivo do café, os solos vermelhos do Norte do Paraná se tornaram testemunhas silenciosas de uma drástica mudança e contradição. Uma história escrita a partir da exploração e degradação da natureza, que deu vida a uma região, mas que também gerou diversos problemas e conflitos.

Nas profundezas das terras vermelhas, onde se encontrava a fertilidade e a promessa de uma vida próspera, encontram-se também vestígios do passado que deixaram marcas. Esses solos, tingidos de tons avermelhados, carregam em seus torrões, não apenas a cor da vida, mas também a cor do sangue derramado em conflitos que constituíram a história dessas terras.

A ocupação dessas regiões não foi isenta de conflitos. O encontro entre colonos e as populações indígenas originárias e as populações caboclas foi marcado por tensões e disputas pela Terra e pelo território. Histórias de resistência e de tragédias se entrelaçaram, deixando cicatrizes nas memórias coletivas.

Nessas terras vermelhas, o solo fértil testemunhou a dura batalha entre os que buscavam uma vida digna e os que ambicionavam o lucro e o domínio sobre o território e sobre a vida. A luta pela posse e pelo controle territorial gerou conflitos humanos, que se desdobraram em muitos episódios de violência e injustiças.

E é importante não esquecer que, muitas vezes, a exploração intensiva da Terra para a produção agrícola e a busca pela riqueza, resultaram em pobreza, desigualdades e degradação do ambiente. As matas foram derrubadas, rios poluídos e paisagens alteradas, legando impactos ambientais profundos.

O solo fértil que alimentou as pessoas e seu imaginário geográfico e proporcionou prosperidade, por outro lado, guarda lembranças de conflitos humanos



e da degradação ambiental. Eis uma ambiguidade e contradição que marca a história da “terra roxa” e a formação da identidade “pé vermelho”, no Norte do Paraná.

É um chamado à reflexão, à busca por um equilíbrio entre o desenvolvimento humano e a natureza. Que essas reflexões ecoem nas ações do presente, para que os solos e a terra vermelha sejam cuidados como bens valiosos à vida, e não somente tratados como recursos.

Assim resgatar a formação das expressões populares revela-se enquanto um processo complexo e dotado de diversas nuances. De acordo com Hoffmann e Mendes (2013, n.p.), a compreensão destes fenômenos a partir de narrativas de sujeitos e autores paranaenses “[...] é uma forma de resgatar e retratar a história do povo de nosso estado, especialmente no que se refere às diversidades de cultura e etnias, à própria formação, à riqueza da terra vermelha e da alma de sua gente, com toda sua complexidade”.

Nessa dança perene entre ciência e poesia, desvelamos apenas alguns dos segredos guardados nos solos avermelhados do Norte do Paraná. Que nossos passos sejam guiados por esses caminhos, onde a geologia e a poesia se encontram, convidando-nos a refletir sobre a beleza e a complexidade da natureza ao nosso redor.

Em nossa investigação sobre as origens geológicas e geográficas das paisagens do Norte do Paraná, envolvemos nossa paixão pela ciência e o espírito pesquisador, em que a curiosidade se misturou ao encanto das formações dos solos, dos relevos e das rochas. Dessa forma, nos convertemos em protagonistas presentes no tecido da história geológica da região. Afinal, conforme Dardel (2011, p.6-7)

A obra do especialista não rejeita inteiramente esse encontro inesquecível do homem com a Terra, essa participação geográfica no espaço concreto. O geógrafo que mede e calcula vem atrás: à sua frente, há um homem a quem se desdobra a “face da Terra”; há o navegante vigiando as novas terras, o explorador na mata, o pioneiro, o imigrante, ou simplesmente o homem tomado por um movimento insólito da Terra, tempestade, erupção, enchente. Há uma visão primitiva da Terra que o saber, em seguida, vem ajustar.

A formação dos solos na região Norte do Paraná requer uma compreensão panorâmica, em que cada camada de Terra conta uma história única e intrigante. O que requer uma investigação nas entranhas da Terra, decifrando os segredos guardados pelas rochas e minerais, revelando os processos de erosão, sedimentação e intemperismo que constituíram a paisagem atual.

Sou pé vermelho de corpo e alma

Amo minha  
Terra,  
Amo meu  
Chão,  
Amo minha  
Cidade  
gravada em  
meu coração

## Cap. 3

### Pés vermelhos:



a Terra que pulsa  
no coração

Moro no Rio de Janeiro, mas sempre digo, não sou  
gato de Ipanema... sou bicho do Paraná. Pé vermeio

Neste capítulo, *"Pés Vermelhos: A Terra que Pulsa no Coração"*, buscamos compreender as origens e as espacialidades da expressão de identidade e pertencimento "pé vermelho". A partir das investigações sobre as experiências e narrativas telúricas, nosso foco recaiu sobre a relação afetiva com a "terra roxa" do Norte do Paraná e sua geograficidade. Procuramos desvendar as conexões profundas entre a vivência do espaço e a construção de uma identidade coletiva manifestada de maneira singular na região.

Ao explorar a expressão "pé vermelho", desvelamos as múltiplas camadas de significados que envolvem esse termo. Por meio das narrativas dos habitantes locais, compreendemos como a "terra roxa", característica marcante da região, é vivenciada e internalizada como uma parte integrante da identidade individual e coletiva.

Nessa perspectiva geográfica, a relação afetiva com a Terra adquire importância central, revelando-se como um fio condutor que conecta as pessoas aos lugares que habitam. Por meio da geograficidade, termo que expressa a dimensão geográfica presente nas vivências e nas percepções das pessoas, é possível compreender como a interação entre o meio físico e as experiências individuais e coletivas moldam e influenciam a construção da identidade local/regional.

Ao longo deste capítulo, exploramos relatos, memórias e histórias que ecoam a pulsante relação entre as pessoas e a "terra roxa" do Norte do Paraná. Essa investigação permitiu desvelar a complexidade e os sentidos atribuídos à expressão "pé vermelho", como um símbolo de pertencimento e resgate da história local e regional.

### 3.1 PÉS VERMELHOS NO NORTE DO PARANÁ: AS ESPACIALIDADES E GEOGRAFICIDADES DE UM FENÔMENO CULTURAL

Ao propormos uma reflexão acerca dos elementos que contribuem para a formação e constituição de expressões e identidades locais, tornou-se essencial considerar as vivências e experiências dos sujeitos com o mundo e com os espaços a partir de seu cotidiano, convertendo-os em lugares à medida em que os dotam de significados (Tuan, 1983).

Apesar do que alguns autores destacam sobre uma possível perda do sentido do lugar, a lógica contraditória do processo de globalização, ao passo em que reproduz uma cultura e identidade globais e homogêneas, reforça um sentimento de resistência que fortalece a constituição de identidades locais, como contraponto de uma lógica hegemônica, ressaltando o sentido de pertencimento aos lugares (Santos, 2017).

Fato que se exemplifica pelo tombamento da expressão “pé vermelho”, enquanto um patrimônio cultural imaterial de Londrina (PR), que se relaciona à memória e ao afeto de um povo à sua Terra. A partir da Lei Municipal 11.188/2011 que dispõe sobre a preservação do patrimônio cultural municipal, “[...] A expressão ‘Pé Vermelho’ foi inscrita numa lista como a primeira manifestação imaterial registrada como algo legitimamente londrinense e reconhecida historicamente como pertencente a nossa população” (Hadler, 2016, n.p.).

A secretária de cultura do município, Solange Batigliana, afirmou que

[...] a expressão que antes simbolizava o povo do interior que chegava à cidade grande, hoje é motivo de orgulho para a população que aqui vive. “Ser pé vermelho é significativo para muitas pessoas e é um símbolo muito usado aqui na nossa cidade. É importante que isso seja elevado à categoria de patrimônio da nossa cidade, porque ele é reconhecido como memória e faz parte do nosso patrimônio afetivo. É importante para que registremos nossa história, memória e patrimônio”, concluiu Solange (Hadler, 2016, n.p.).

A mudança que a expressão “pé vermelho” sofreu ao longo do tempo, evidencia a sua desassociação à uma ideia e imagem pejorativa e depreciativa dos indivíduos, enquanto ‘caipiras’ provenientes do interior que chegavam aos centros urbanos, para se transformar em uma expressão de identidade e pertencimento à uma região, e mais fortemente ao município de Londrina (PR).

As identidades se constituem não somente a partir de movimento endógeno, interno, individual e subjetivo, mas são construídas e fortalecidas a partir de movimentos exógenos e fenômenos externos que podem estar vinculados a racionalidades e intencionalidades que precisam ser analisadas criticamente.

Ao se pensar nos processos e agentes envolvendo a construção desta expressão 'pé vermelho' no sentido de pertencimento ao Norte do Paraná, Tomazi (1997, p.12, grifos do autor) alerta que

Ao se analisar o discurso "Norte do Paraná", percebe-se a intenção de alguns autores de construir a idéia que, desde os tempos imemoriais, havia uma comunidade de interesses econômicos e políticos, onde todas as pessoas pensavam e agiam de uma mesma forma. Procurou-se, assim, construir uma solidariedade com vínculos com a própria terra roxa. A expressão "pés vermelhos", recentemente utilizada para identificar os habitantes da região norte paranaense, talvez possa ser um exemplo, bastante simples, deste processo.

É importante compreender as origens da expressão "pé vermelho" e os aspectos que esta agrega. Segundo Tomazi (1997), estas ideias e imagens trazidas à tona, quando mencionamos o município de Londrina e a própria região Norte do Paraná, compõem uma identidade, tendo em vista que a expressão "pé vermelho" remete quase que inquestionavelmente à recortes espaciais específicos, como pode ser observado pelo mapa da Figura 13, encontrado em uma página das mídias sociais (Facebook).

**Figura 13:** Mapa cultural do estado do Paraná por região.



Fonte: O Estado do Paraná.blogspot.com (2020).

Este mapa, publicado em uma página das mídias sociais, apesar de não contar com uma descrição detalhada da metodologia empregada em sua produção, nos conduz a uma reflexão sobre as espacialidades da cultura, dos modos de vida, das tradições e outros fenômenos culturais no estado do Paraná.

Identificamos facilmente a presença de três delimitações espaciais que comporiam o que poderíamos denominar de regiões.

Em amarelo, nas proximidades do litoral paranaense, observamos a presença da “cultura caiçara paranaense” – marcada pela integração entre as culturas caiçara tradicional parnaguara, ibérica e a indígena guarani carijó.

Em azul, recobrando a maior parte do estado, temos a denominada “cultura curitibana ou tradicional paranaense”, formada pela integração entre a cultura campeira curitibana, que parte da mescla entre a indígena guarani e a ibérica, somada a eslava e alemã, e a tropeira, com influência mútua de outras culturas.

Em vermelho, estendendo-se por grande parte do Norte do Paraná, observamos a espacialização da chamada “cultura pé vermelha ou caipira paranaense”. Esta que é “[...] identificada no Norte do Paraná, ou seja: Norte Central, Norte Pioneiro e no Noroeste de nosso Estado. Também se encontra no Centro-Ocidental” (O Estado do Paraná, 2020), e é formada pela junção entre as culturas caipiras, sobretudo, do sul de Minas Gerais, interior paulista, curitibana, ítalo-paulista e nordestina. Nesta região,

Foi assim constituído um povo único do sul brasileiro: os pés vermelhos, como ficaram conhecidos devido à famosa terra roxa do norte de nosso Estado. Os curitibanos (da capital) tinham o costume de chamar os paranaenses do interior, principalmente do terceiro planalto, de “pés vermelhos”, e embora fosse entendido como pejorativo na maior parte do estado, como pelos guarapuavanos, os paranaenses do norte acabaram adotando o adjetivo como orgulho regional, o popularizando até pelo interior do Paraná Tradicional. (O Estado do Paraná, 2020, online).

Ao investigarmos a manifestação espacial do fenômeno cultural “pé vermelho” no Norte do Paraná, deparamos com o conceito de região, concebido sob uma perspectiva geográfica humanista e cultural. Segundo Bezzi (2002, p.6), este conceito passa a ser concebido “[...] como um espaço vivido”. De acordo com a autora,



a Geografia humanístico-cultural procura analisar de que modo os fatores culturais e a percepção interferem nas ações de organização e de elaboração do espaço geográfico e também nos recortes regionais. A base filosófica em que se fundamenta a abordagem humanístico-cultural é, principalmente, a fenomenologia de Edmund Husserl (1986) que viveu entre 1859 e 1938. Assim, o espaço vivido está para a Geografia Humanística como a experiência vivida está para a fenomenologia de Husserl. (Bezzi, 2002, p.6)

Ao pesquisarmos o fenômeno “pé vermelho” e suas espacialidades na região Norte do Paraná, sob uma perspectiva geográfica humanista e cultural, concordamos com Bezzi (2002, p.7) quando afirma que: “Nesse contexto, a região passa a ter nova interpretação e importância, sendo vista como um conjunto de percepções vividas e estabelecidas a partir de apreensões, valorações, decisões e comportamentos coletivos”.

A região apresenta-se assim, como uma construção humana e mental, na qual são congregados elementos de forma intersubjetiva, norteados comportamentos e ações. Os elementos provêm da realidade objetiva, mas os critérios e aspectos que os unem, os selecionam, estabelecem-se a partir de uma base comum de subjetividade, em que a “[...] cultura é a chave necessária para interpretar esse espaço intersubjetivo” (Bezzi, 2002, p.7).

Neste caso, “[...] o fenômeno cultural é vivenciado pelo grupo e se expressa no território que ele ocupa, servindo, portanto, como inspirador e parâmetro das formas de organização social. Através da identidade cultural, um grupo social se identifica e é reconhecido pelos demais” (Bezzi, 2002, p.14).

Desta maneira, conforme Bezzi (2002, p.15-16)

Pode-se dizer, então, que estudar uma região pela vertente cultural é manipular um código de representações e significações de determinado grupo social. Assim, os signos projetados no espaço por um grupo traçam os limites e as distâncias entre esse grupo e os outros. Formam-se então espaços de referências, que são apropriados, mas que não tem qualquer obrigatoriedade de contiguidade espacial.

Fica evidente que, na perspectiva da identidade cultural, a definição de um “eu” é simultânea à do “outro”. Tem-se a conotação do indivíduo e a do grupo. Assim é a expressão de um “indivíduo” que se explicita diante do “coletivo” e do mundo e que cria uma dinâmica que é obrigatoriamente espacial e historicamente relativizadora.

Ao longo da pesquisa sobre a formação da expressão ‘pé vermelho’, a partir das interações entre os sujeitos que ocuparam e ocupam esta região do estado e os seus solos, consideramos importante resgatar elementos históricos e espaciais relacionados direta e indiretamente ao fenômeno em questão. “A identidade serve, assim, a uma visão mais global e comprometida com os objetivos do espaço que se está investigando” (Bezzi, 2002, p.17). A região, passa a definir-se

[...] como um conjunto específico de relacionamentos culturais entre um grupo e um determinado lugar. A região é uma apropriação simbólica de uma porção do espaço por um determinado grupo, o qual é também um elemento constitutivo da identidade regional. A região, sob o enfoque da identidade cultural, passa novamente a ser entendida como um produto real, é concreta, existe. Ela é apropriada e vivida por seus habitantes, diferenciando-se das demais principalmente pela identidade que lhe confere o grupo social (Bezzi, 2002, p.17).

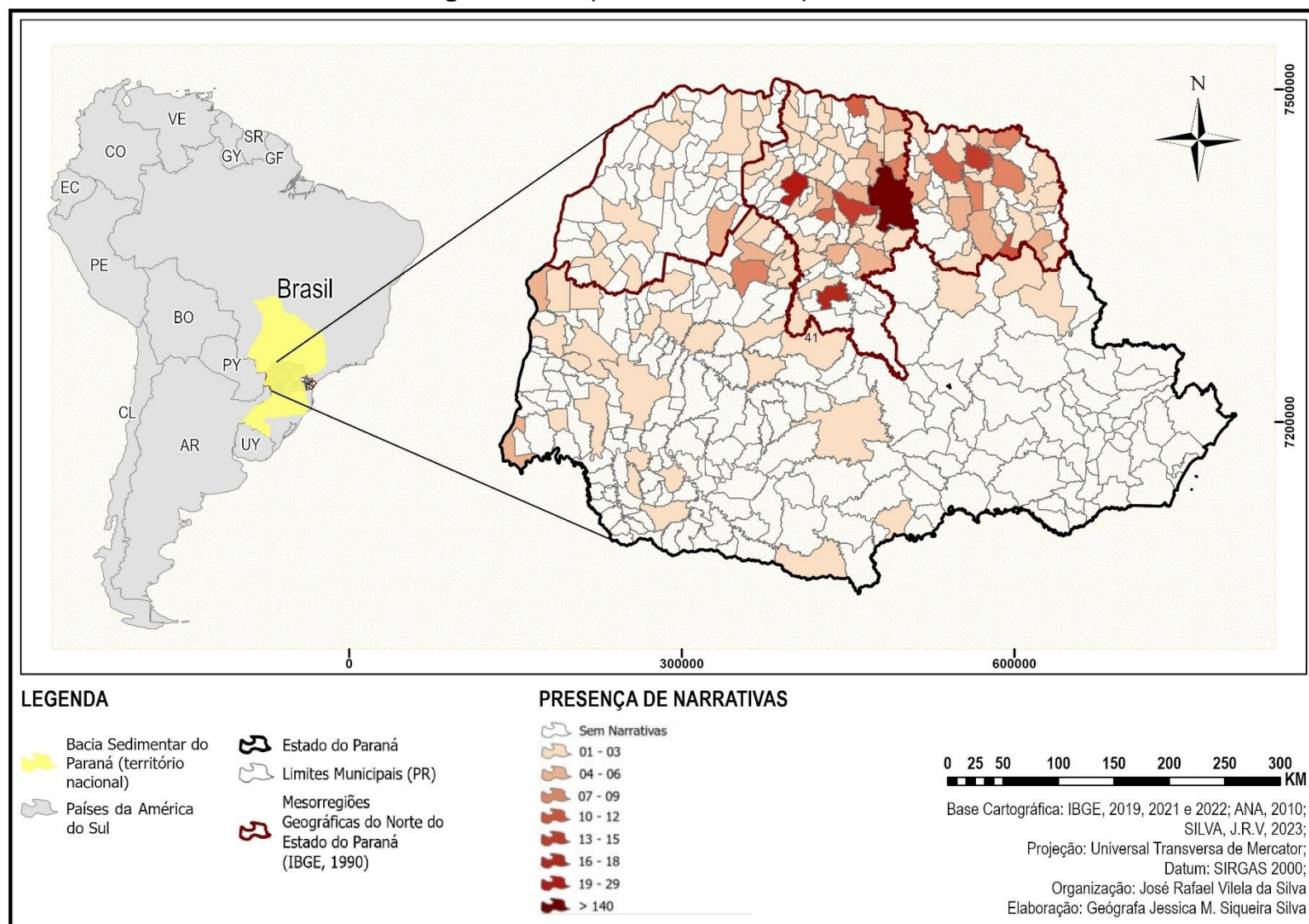
A partir das narrativas geográficas dos indivíduos e coletivos, seguimos investigando os costumes, hábitos, tradições, manifestações e percepções em relação ao ambiente das terras roxas, no intuito de captar os elementos fundantes da expressão “pé vermelho”, a qual permitiu a manifestação no espaço e a diferenciação em uma região.

No intuito de compreender a manifestação destas expressões no espaço, nas paisagens, nos lugares e na região, buscamos no ambiente das mídias sociais “escavar” – trazer à tona – algumas narrativas pessoais e coletivas acerca do que é ser “pé vermelho”, e os entrelaçamentos entre esta expressão e a expressão “terra roxa”.

Dentre as 1.000 narrativas identificadas, em nossas leituras e interpretações, algumas carregam junto de si alguma espacialidade e/ou geograficidade, ou seja, ou uma dimensão de extensividade e/ou de afeto e ligação à Terra. Assim, selecionamos estas narrativas no intuito de espacializar e geografar este fenômeno cultural no território paranaense.

Em um exercício de síntese, chegamos a um número de 515 narrativas, as quais fizeram menção à 127 municípios do estado do Paraná. Estas menções foram organizadas e dispostas em uma tabela (Apêndice B) que possibilitou a geração de um mapa composto por narrativas, a partir do software *ArcGis* (Figura 14).

**Figura 14: Mapa das narrativas pé vermelho.**



Organização: José Rafael Vilela da Silva (2023); Elaboração: Jessica Mayara Siqueira Silva (2023).

Ao espacializarmos as narrativas telúricas, observamos nitidamente que este fenômeno possui sua presença marcante no norte do estado do Paraná, sobretudo nas Mesorregiões Geográficas Norte Pioneiro e Norte Central (IBGE, 1990), onde aparecem em quase todos os seus municípios constituintes, ao menos uma vez.

Com menor incidência, mas ainda nos despertando a atenção, observamos a presença destas narrativas dispersas por municípios e localidades do noroeste, oeste, sudoeste, sul e centro-sul do estado do Paraná. Essa espacialização “pé vermelho” revela que, apesar de ser uma expressão comumente atrelada à região Norte do estado, também se faz presente em outras localidades, como afirma Boschilia (2020, p. 200)

Geralmente, senso estrito, referia as pessoas moradoras das áreas de terra roxa, mas, de modo geral, assim ficaram conhecidos os norte-paranaenses, independentemente das terras onde morassem serem latossolo roxo (terra vermelha) ou arenito caiuá.

Observamos ainda que os fenômenos culturais e humanos são dinâmicos e fluídos nos territórios, contando com uma delimitação que nem sempre é contígua no espaço, podendo apresentar-se também de forma pontual e/ou entrelaçada em redes e fluxos.

Ao mesmo tempo em que a presença das narrativas em certas localidades nos desvela a complexidade e dispersão do fenômeno “pé vermelho”, a sua ausência em algumas porções do mapa, revela uma série de outras informações. Notamos a ausência de tais narrativas em municípios do litoral paranaense, da região metropolitana de Curitiba e da região dos Campos Gerais, no 2º Planalto.

Estas ausências delimitam as fronteiras deste fenômeno no espaço, e a prevalência de outros fenômenos culturais e humanos, que marcaram a constituição de outras regiões culturais, a exemplo da região da “Cultura Curitiba ou Tradicional Paranaense” e a da “Cultura Caiçara Paranaense”, apresentadas anteriormente na figura 13.

Espacializar estes fenômenos culturais não é uma tarefa fácil devido à complexidade, heterogeneidade, subjetividade e, em muitos casos, à imaterialidade. Conforme Bezzi (2002, p.17)

[...] a partir do estudo dos costumes, dos hábitos, ou das representações que as coletividades fazem de sua existência em um território, é possível fugir da consideração da região como uma simples

espacialização ou projeção de fenômenos determinados fora daquele espaço.

As regiões são *constructo* social, nas quais desenvolvem-se relações e interações humanas que dinamizam os espaços e os inundam de experiências, vivências, sentidos e significados.

Retornando à presença e intensidade do fenômeno “pé vermelho” no Norte do Paraná, não poderíamos deixar de realizar o destaque à alguns municípios, como Maringá (29 narrativas), Ivaiporã (17 narrativas), Apucarana (13 narrativas), Bandeirantes (13 narrativas), Pinhalão (12 narrativas), Cornélio Procopio (10 narrativas), Jandaia do Sul (10 narrativas), os quais se sobressaem com tonalidades vermelhas mais intensas.

O caso de Londrina, apresenta-se em nossas leituras e investigações, como uma realidade a parte, que se destaca ainda mais neste cenário, pois apenas neste município foram identificadas 143 narrativas, as quais faziam menção direta ou indireta à expressão “pé vermelho”.

Acerca da presença e manifestação do fenômeno “pé vermelho” em Londrina, apresentamos mais alguns dados coletados pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina (IPPUL), que em comemoração aos 30 anos de sua fundação, realizou uma pesquisa junto a população londrinense, na qual 635 pessoas responderam a algumas perguntas, entre elas: “Para você, qual termo melhor define nossa cidade hoje?” (Figura 15).

Ressaltamos que o termo “pé vermelho” foi o que na opinião da maior parte dos participantes da pesquisa (279 pessoas, cerca 43,9% do total) melhor define a cidade de Londrina. O que mostra como esta expressão ainda se faz presente na realidade e na memória local, enquanto um marco de identidade e pertencimento. “Pé vermelho” superou o termo “Pequena Londres”, mais destoante da realidade histórica e cultural da cidade, revelando a intencionalidade de grupos específicos de exaltar uma herança e identidade europeia.

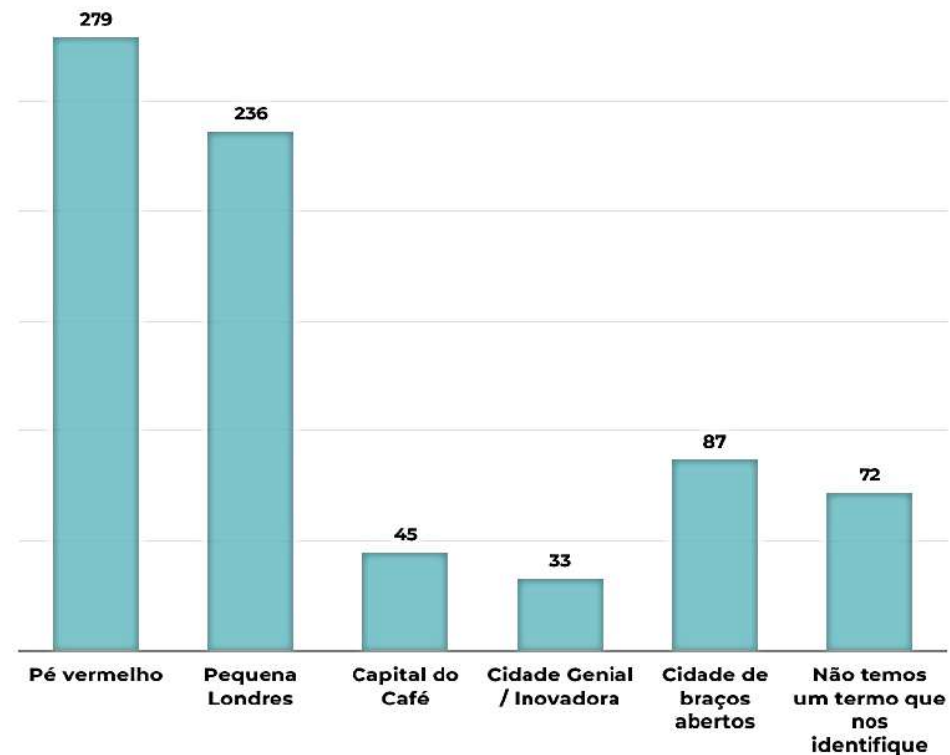
**Figura 15:** Resultado da Pesquisa “A Londrina que amamos!” - IPPUL.



# 1. Para você, qual termo melhor define nossa cidade hoje?

## RESULTADO

- As respostas mostraram que o termo “*pé vermelho*”, apesar de ser designado para toda a população do norte do Paraná, esteve fortemente associado com nossa identidade;
- Referenciando a fundação da cidade pelos ingleses, o termo “*Pequena Londres*” também se mostrou expressivo nas respostas;
- Os demais termos obtiveram quantidade de respostas menos expressivas.



Inclusive em nossa investigação, notamos que o fenômeno cultural “pé vermelho” manifesta-se tão fortemente no município de Londrina, que além de estar presente imaterialmente no imaginário e memórias populares, se edifica na paisagem, como observamos pela presença da Praça Pé Vermelho (Figura 16), construída na localidade da Gleba Palhano, e que conta com um letreiro, com a frase “#Sou pé vermelho de coração”, retomando novamente a ideia de pertencimento, identidade, orgulho e afeto, manifestados pela expressão.



**Figura 16:** Praça Pé Vermelho em Londrina – PR.



Imagem: Gabriel Teixeira – Folha de Londrina (2020). Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/cv-folha/praca-pe-vermelho-dez-anos-de-historia-em-londrina-3015391e.html?d=1> Acesso em: 03 set. 2023.

O que, por sua vez, revela, de forma única, como esta expressão passa a ser apropriada pelos mais diversos atores (população, empresas, Estado, mídia), no intuito de evocar narrativas e discursos que atendam a diferentes intencionalidades e finalidades. Como o caso desta praça que busca resgatar uma narrativa pioneira originária, ligada a sentimentos, memórias e experiências de vida de apenas alguns atores da história londrinense.

Assim, tão importante quanto compreender as origens de tais expressões, que passam a fazer parte de nosso vocabulário popular, é necessário desvendar as intencionalidades e finalidades em que estas são utilizadas, os atores que as utilizam e os sentidos atribuídos em cada discurso e narrativa.

Para isso, pesquisamos os sentidos e significados da expressão “pé vermelho” a partir das narrativas postadas nas mídias sociais.

### **3.2 NARRATIVAS TELÚRICAS SOBRE O QUE É SER “PÉ VERMELHO”**

Em nosso processo investigativo, o qual analogamente comparamos a uma escavação, nos deparamos com um elevado número de narrativas acerca das expressões “pé vermelho” e “terra roxa”. Mais exatamente, um total de 1.000 narrativas. As quais denominamos de telúricas – devido a sua interligação com a Terra e com os espaços telúricos – e agrupamos à luz de uma interpretação hermenêutica.

Como forma inicial de buscar identificar os sentidos e elementos aparentes nestas narrativas coletadas, exercitamos o ato da leitura, buscando captar as palavras e compreender os sentidos perpassados no contexto em que foram publicizadas.

Desta forma, inicialmente confeccionamos um mapa de palavras, conforme podemos observar na figura 17, a partir do site *WordArt*<sup>9</sup>, para visualizarmos as palavras que se destacavam no universo de 1.000 narrativas coletadas nas mídias sociais. Dessa forma, tivemos um panorama mais amplo dos resultados, para sua posterior interpretação.

---

<sup>9</sup> <https://wordart.com/>





Este mapa de palavras mostra a intensidade com que as palavras escritas pelas pessoas nas narrativas compartilhadas apareceram em páginas públicas das mídias sociais. As quais foram buscadas a partir da pesquisa utilizando-se os termos “terra roxa” e “pé vermelho” na barra de pesquisa destas mídias. Sendo que tais narrativas, nitidamente carregam uma complexidade de sentidos e possíveis interpretações.

Mas logo de início, percebemos que algumas palavras se destacavam no universo geral. Em especial, as palavras coloridas em vermelho, as quais foram as 10 mais mencionadas pelas pessoas em suas publicações.

As palavras, **Pé vermelho**, **Orgulho**, **Paraná**, **Londrina**, **Eu**, **Amo**, **Terra**, **Sou**, **Pé**, **Vermelho**, refletem um evidente sentimento de geograficidade, pertencimento e identidade das pessoas com relação à expressão “pé vermelho”, que se apresentou em grande parte das narrativas coletadas nas mídias sociais.

Assim como muitas outras palavras no universo geral, estas revelaram o lugar de destaque que a Terra possui, em especial a terra vermelha e a “terra roxa”, símbolos do Norte do Paraná, e de Londrina, que também teve destaque nas narrativas.

Em um retorno às narrativas telúricas, algo interessante que apareceu mais detalhadamente nas narrativas interpretadas, foi que em geral a autoafirmação de ser “pé vermelho” quase sempre apareceu ligada à uma localidade no espaço.

Sou pé vermelho de Londrina... Sou pé vermelho de Apucarana... e assim por diante. O que para nós comprova que este fenômeno cultural possui uma espacialidade e uma manifestação no espaço, passível de ser apreendida e delimitada. A qual buscamos compreender em nossas investigações.

Ademais, neste processo de interpretação das narrativas, devido a elevada quantidade (1.000 narrativas), optamos por agrupá-las de acordo com sentidos e significados comuns compartilhados. Observamos previamente que grande parte era nutrida de um apelo e significado emocional, aflorado por memórias, lembranças e histórias de vida pessoais e coletivas despertadas pelas expressões “pé vermelho”, “terra vermelha” e “terra roxa”.

Assim, em nossa classificação das narrativas partimos destes significados emocionais como categorias para o agrupamento. Agrupamos as narrativas, conforme as emoções e significados presentes nos comentários.

A categoria 1, foi criada para reunir as narrativas que faziam menção as origens da expressão “terra roxa”, a qual foi apresentada anteriormente na figura 9. A categoria 2 foi constituída para reunir as narrativas que traziam as noções de **sustento, prosperidade e fertilidade** associadas a Terra (Figura 18). **Saudades e saudosismo** foram os sentimentos selecionados para compor a categoria 3 (Figura 19). **Orgulho, identidade e pertencimento**, foram os sentimentos definidos para compor a categoria 4 (Figura 20).

Buscamos separar em grupos as narrativas a partir do significado evocado por meio das palavras, as quais eternizam e dão concretude ao pensamento, às ideias e aos sentimentos.

Ressaltamos que a subjetividade humana é complexa e não se limita à objetividade da razão. Assim, notamos que algumas narrativas evocam simultaneamente mais de um sentimento e sentido, a partir do que está ou não escrito. Desta forma, algumas narrativas por mais que tenham sido agrupadas em uma categoria específica, podem facilmente transitar na intersecção entre duas ou mais categorias. Contudo, considerando a necessidade de uma categorização para uma síntese de conjuntos, optamos por adotar esta forma de interpretação das narrativas.

Na categoria 2, as narrativas encontram-se entrelaçadas as noções de sustento, prosperidade e fertilidade. Nesta foram agrupadas 27 narrativas, e no quadro da figura 18, compartilhamos algumas das narrativas mais representativas desta categoria.

**Figura 18:** Categoria 2 – Narrativas Telúricas.

**Narrativas Telúricas - A Terra como sustento, fertilidade, riqueza, prosperidade**

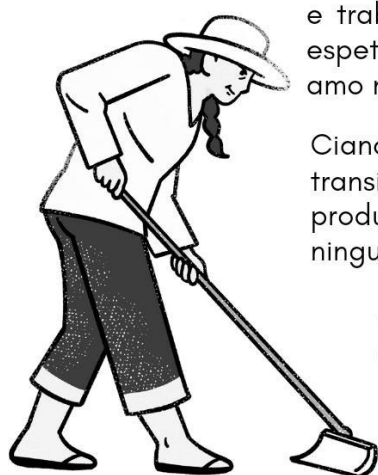
**Esta categoria reuniu 27 narrativas - 2,7% do total**

REMINISCÊNCIAS PIONEIRAS "Pequena Londres, Londrina, Londrix. [...]  
Característica geológica impregnando a atmosfera, onde partículas suspensas  
desse mesmo fecundo chão costumam colorir o horizonte de vermelho [...]

Extraordinária a terra dos pés vermelhos boa e acolhedora

Terra vermelha da cor do sangue do Paranaense tudo que planta dá

É uma terra abençoada onde tudo que se planta dá. Gloria a Deus



Paraná, estado de belezas encantadoras, estado de gente humilde e trabalhadoras, Paraná estado magnifico, estado lindo , estado espetacular, Paraná terra rica de uma natureza surpreendente. Eu amo meu estado, eu amo ser pé vermelho, eu amo meu Paraná

Cianorte - PR , divisa da terra roxa e o arenito Caiuá. Na parte de transição encontramos terra mista. Aqui sim, tudo que se planta produz. Ótima região para a diversificação de culturas, porém ninguém aplica as tecnologias disponíveis. É frustrante!

Com muito orgulho de avós italianos e espanhóis que vieram cultivar essa terra fértil!

Solo abençoado por Deus! Sustenta boa parte deste País. Nós produzimos...

Elaboração: Silva (2023)

Pelas narrativas agrupadas na categoria 2, percebemos a evocação da Terra a partir de terminologias e adjetivos que afluem sua fertilidade, sua prosperidade, sua riqueza, sua qualidade, sendo apresentada como sustento à vida.

Nesta Terra, onde “tudo que se planta dá”, somos remetidos à mítica do Eldorado, propagada no início da colonização desta região, e que retratava uma região que tinha sua riqueza vinculada a fertilidade dos solos e da terra vermelha. A qual em sua coloração assemelha-se ao sangue que corre pelas entranhas do corpo, assim como as raízes que se espalham pelas profundezas do solo.

Nestas narrativas percebemos a presença do trabalho enquanto ação humana que mobiliza, cultiva e fecunda a Terra, gerando vida, alimento e sustento. Assim, não podemos deixar de destacar a importância e presença dos agricultores e camponeses – e sua contribuição à fundação de uma realidade geográfica única e singular – a qual reflete-se nestas expressões de pertencimento e identidade que caracterizam a região Norte do Paraná. Afinal, de acordo com Marques (2004), os conjuntos de práticas e valores que remetem à ordem moral camponesa, tem a Terra, a família e o trabalho, enquanto valores nucleantes.

Na terceira categoria agrupamos as narrativas entrelaçadas aos sentimentos de saudade/saudosismo. Reunimos 73 narrativas, e as mais representativas aparecem na figura 19.



**Figura 19: Categoria 3 – Narrativas telúricas.**

**Narrativas Telúricas - Saudades da Terra**

**Esta categoria reuniu 73 narrativas - 7,3% do total**

Maravilhoso saudades da minha terrinha amada

Sou 'Bicho do Paraná', um Pé-Vermelho de Londrina, e hoje moro em Macapá/AP, às margens do majestoso Rio Amazonas. Saudades da minha terra, minha gente, minhas raízes..

Sou pé vermelho de Paranaíba, moro há 8 anos em Lisboa. ...Saudade da minha terra

Sinto muita saudades e tenho vontade de ficar com o pé vermelho novamente.

Sim muitas vezes já fiquei com o pé vermelho

Nossa que saudade de  
correr nessa terra...



Solo rico em óxido de ferro...  
Saudosa terra vermelha!

Não sei bem se são as marcas de poeira que criou o epíteto. A água da chuva correndo pela terra daqui de Cornélio Procópio parecia tinta, de um vermelho forte, que "pintava" tudo: as calçadas, os automóveis, nossos pés 😊, a barra das calças. Era uma tinta forte que penetrava. Não sei se, nessa época, "o sabão que lava mais branco" conseguiria tirar o encardido das roupas claras. Mas, uma coisa é verdade, somos "pé vermelho" com muito orgulho.

Muito dessa cidade vive nas minhas veias pois muito caminhos teve que ser trilhado desde meu nascimento até os dias actuais ... E busco na memória cada vivência para saber exatamente o foco da paixão pela cidade do ouro verde... Que deu energia viva para que Londrina seja Esperança sempre aos olhos de seus filhos e filhas sonhadores... Que sente no calçadão aquele saudosismo vivo do passado, que cabe nesse coração que vos fala com alma :) Londrina seja Jardim das mais belas flores e que tenha no futuro toda valorização da História Viva... Pela sustentabilidade de IDENTIDADE PÉ VERMELHO... Amor seja Amor sempre

Sou pé vermelho de Itambaracá, minha amada e saudosa cidadezinha do interior, mas morando 10 años na Espanha e cada vez que coloco meus pés neste chão vermelho como o sangue das minhas veias sinto uma grande nostalgia, sinto saudades do cheiro da terra molhada

Elaboração: Silva (2023).

Entrelaçando narrativas despertadas por memórias, histórias, lembranças e recordações de um passado, relacionada a vivência e a experiência de mundo sobretudo na infância, encontramos uma série de narrativas que evocam os sentimentos de saudade e saudosismo.

Em sua maioria, as narrativas retornam ao passado para resgatar experiências e vivências com a Terra, que ocorreram durante a infância. Assim, percebemos nas falas um saudosismo destes tempos da infância, nos quais eram presentes as brincadeiras, as amizades, as emoções e sensações de descoberta do mundo. Experiências com o mundo que marcaram os sujeitos, tal qual a terra vermelha marcou a sola dos pés, das crianças que corriam descalças pelo chão, ou a barra das calças em dias de chuva, que convertia poeira em lama.

As memórias evocadas pelas pessoas trazem experiências multissensoriais, que envolvem a visão, a audição, o tato, o olfato... de alguém que sente saudades do cheiro da terra molhada... e que, por mais que tenha ido morar do outro lado do Oceano Atlântico, em outro país e continente, ainda nutre em seu âmago a essência de ser pé vermelho, e recupera este sentimento quando reconecta seu corpo com este chão vermelho, o qual é comparado ao sangue que percorre as veias, e que conduz a uma grande nostalgia e saudade.

Estas narrativas de saudosismo nos revelam outro fenômeno envolvendo a formação da expressão “pé vermelho”, o enraizamento das pessoas – ao solo, à Terra, ao lugar, às paisagens. Este enraizamento remete a essência de que somos seres em situação, que necessitamos de uma espacialidade para nos constituirmos enquanto indivíduos no mundo. Como as plantas, desenvolvemos nossas raízes em terrenos férteis, que permitam nossa existência e ação no mundo.

Por mais que as pessoas acabem se mudando de sua Terra natal, suas raízes permanecem vívidas a partir de memórias, lembranças e outras formas de se preservar o passado, aguardando para serem reconectadas ao solo originário de nossas experiências.

Na quarta categoria, as narrativas encontram-se envolvidas aos sentimentos de identidade, pertencimento e orgulho da Terra. Esta categoria se mostrou mais representativa e agregou o maior número de narrativas, um total de 880, estando as mais representativas dispostas na figura 20.

**Figura 20:** Categoria 4 – Narrativas telúricas.

**Narrativas Telúricas - Identidade, Pertencimento e Orgulho da Terra**

**Esta categoria reuniu 880 narrativas - 88% do total**

Pé vermelho mesmo na excelência da palavra amassei barro na real, ia pra escola amassando barro nas ruas sem asfalto da querida e antiga Londrina...

Bom dia queridos pés vermelho tenho orgulho de minhas origens

Sou pé vermelho, sim senhor e muito me orgulha deixar minha marca no sertão concretado

Cultura pé vermelho



Pé vermelho, e bicho do Paraná

Sou dessa tribo, pé vermelho, siga

Mesmo longe de minha terra natal me sinto um autêntico pé vermelho.

Só quem nasce nessa terra para saber os sabores de ser um legítimo "pé vermeio"...

Não nasci em Londrina. Mas me sinto londrinense e pé vermelho com muito orgulho. Minhas filhas todas são londrinense e pé vermelho de nascença

Me orgulho de ser Pé Vermeio e Caipira NATO, já trabalhei e tudo na roça no tempo que não havia maquinários, tudo era no braço, inclusive as brigas quando raramente aconteciam...

Sou pé vermelho com muito orgulho, moro há 23 anos em Curitiba, mas não perdi as minhas raízes, estou sempre em Londrina, porque lá mora todos os meus familiares e muitos amigos. Amo Londrina.

Elaboração: Silva (2023).

A partir da leitura das narrativas coletadas no ambiente das mídias sociais percebemos a numerosa presença de comentários que afluíam sentimentos de identidade, pertencimento e orgulho por parte das pessoas em relação à Terra e à expressão “pé vermelho”.

Conforme avançamos na classificação e agrupamento destas narrativas, identificamos que estavam mais presentes do que podíamos imaginar... Nesta categoria agrupamos 880 narrativas, cerca de 88% de todas as narrativas coletadas.

Mas o que poderia explicar este fenômeno, e a presença tão marcante destes sentimentos nestas narrativas?

Consideramos que este resultado encontrado corrobora com nossas expectativas do início da pesquisa, em que considerávamos que as experiências, as relações e as interações entre as pessoas e a Terra, em suas práticas cotidianas, levaram à constituição de expressões populares, como “terra roxa” e “pé vermelho”, que ajudam a constituir uma identidade, um pertencimento comum, que manifesta afeto e ligação à Terra, enquanto solo originário de nossa experiência com o mundo.

Nas narrativas evidenciamos o sentimento de orgulho, como um reconhecimento do valor de pertencer a esta região Norte do Paraná, e de ser tratado como “pé vermelho”, enquanto uma marca impregnada no corpo e na alma das pessoas.

Tais sentimentos fundados a partir da experiência telúrica, mantém-se inclusive na memória daqueles que já não habitam mais esta região. Haja vista que, em muitas narrativas, as pessoas revelaram que ainda mantém junto de si este pertencimento e o reconhecimento de si enquanto “pés vermelhos”, apesar de não habitarem mais as terras do Norte do Paraná.

De outro modo, observamos que pessoas que não nasceram nesta região, mas que passaram a habitá-las, incorporaram esta expressão enquanto algo que as representa, e que as faz sentir pertencentes à esta região. O que revela que as relações que explicam a constituição da identidade são mais complexas do que podemos supor em muitos casos.

Nestas narrativas de pertencimento e identidade, observamos novamente a menção ao enraizamento, esse ato de criar raízes, ligações aos lugares, o que poderíamos traduzir talvez enquanto esta geograficidade, a qual Dardel (2011) nos comunica em sua obra, como essa relação concreta que liga o homem à Terra.

Uma relação constituída a partir das experiências humanas com a Terra, a partir das ações e práticas cotidianas. O que talvez poderia explicar o porquê em nossas interpretações sobre a expressão “pé vermelho”, nos depararmos com o fato de muitas narrativas mencionarem vivências passadas, na qual a ruralidade se apresentava enquanto ambiência predominante.

A expressão “pé vermelho”, e tantas outras, fundam-se como expressões populares, em um ambiente rural que é distinto do que temos hoje em dia. O que poderia explicar o porquê não observamos a reprodução de tais expressões populares entre as gerações mais jovens, predominantemente urbanas.

O que nos leva a pensar se não estaríamos caminhando para um apagamento destas expressões e de seus significados?

Especulação que retoma a importância das investigações das origens desta e outras expressões populares, no intuito de compreendê-las melhor, resgatá-las e ressignificá-las, por meio da educação, à luz dos novos tempos e dos novos espaços em que vivem hoje as sociedades.

#### 4. ESCAVAÇÕES FINAIS

**O**s avanços alcançados nesta pesquisa, nos conduziram a um processo de escavação. No qual partindo de uma condição superficial buscamos meios para nos aprofundarmos em uma temática e problemática de pesquisa, no âmbito da Ciência Geográfica, buscando captar as essências de um fenômeno cultural e suas manifestações no espaço, nas paisagens e nos lugares.

Assim, como quem abre uma trincheira no chão, alguns instrumentos e metodologias se mostraram necessários para que pudéssemos desvelar discussões e trazer à tona reflexões, construídas ao longo deste fazer científico.

Ao adotar uma perspectiva geográfica humanista e fenomenológica, priorizamos a adoção de procedimentos e técnicas capazes de valorizar a percepção, memória, valores, significados, sentidos dos sujeitos acerca de fenômenos que se apresentam no espaço.

Nesta escavação teórico-metodológica, nos deparamos com uma série de experiências e vivências compartilhadas, as quais destacaram as intrincadas relações entre os indivíduos e a Terra, enfatizando as conexões afetivas, emocionais, assim como expressões culturais de pertencimento e identidade, as quais transcendem algumas perspectivas de análise geográfica convencionais.

Nossa proposta de compreensão das terras do Norte do Paraná, seguiu um caminho distinto ao trilhar uma abordagem geográfica humanista fenomenológica, em que o “solo virou Terra”, amparada em uma perspectiva holística, subjetiva, poética, artística, sensível e estética das relações travadas entre as pessoas e a natureza telúrica do mundo. Permitindo uma ‘re’leitura da realidade e suas dinâmicas e fenômenos culturais, da experiência, da percepção e da vivência humana na Terra.

Aprofundamos nossas escavações e afloramos à superfície novas compreensões destas relações entre as pessoas e a Terra, no Norte do Paraná, a partir desta investigação em torno das expressões “terra roxa” e “pé vermelho”, as quais observamos enquanto fragmentos e peças de um complexo “quebra-cabeça” geográfico. Fato que recobrou a necessidade de uma análise que evidenciasse, tanto os componentes e dinâmicas físico-naturais, quanto as dinâmicas e processos humanos (sociais, políticos, culturais, etc.), presentes nesta região do estado, de forma integrada. Assim, procuramos não isolar estes componentes e processos, pois

só foi possível entender a formação da expressão 'pé vermelho' no Norte do Paraná, pela íntima e intrínseca interação desenvolvida entre os solos e os indivíduos que nestas terras habitaram no passado e habitam na atualidade.

Reforçamos nossa compreensão de que as expressões "terra roxa" e "pé vermelho", apresentam-se como expressões de pertencimento e de identidade no Norte do Paraná, como constatamos pelas narrativas apresentadas. Percebemos o quanto estas fazem referência à concretude e teluridade – este aspecto telúrico, material, plástico, terrestre – do espaço, presente na Terra, no barro, na lama e na poeira – diferentes estados desta matéria.

Ao adentrar nas narrativas telúricas e nas experiências compartilhadas embarcamos em uma jornada de descoberta e compreensão da geograficidade na expressão "pé vermelho". O que nos conduziu a mergulhar na essência e nas raízes que conectam indivíduos e comunidades à "terra roxa", revelando a pulsante essência dessa relação afetiva que ecoa no Norte do Paraná.

Exploramos a poética da Terra como uma maneira única e sensível de apreender a realidade, a natureza e suas complexidades. A qual transcende as limitações da linguagem científica, permitindo a expressão das percepções mais profundas e emocionais sobre o ambiente que nos cerca e do qual fazemos parte.

A pesquisa revelou também lacunas e complexidades em torno da construção da identidade e expressão "pé vermelho", evidenciando um simbolismo que não elimina as contradições inerentes aos processos de ocupação e interação com a Terra. Que traz à tona contradições complexas e interligadas, que merecem uma análise mais aprofundada para compreender os diversos sentidos dessa construção.

Uma das contradições centrais é a ambiental, ligada à ocupação de terras e exploração ambiental que muitas vezes resultaram em degradação e destruição da natureza. Esse simbolismo está ligado ao processo de colonização, onde a busca por recursos naturais levou a transformações e impactos ao ambiente.

Além disso, há a contradição do esquecimento e do apagamento dos povos originários. A expressão "pé vermelho" de certa forma, não se faz desassociada da violência e da subjugação dos povos indígenas e das populações caboclas, cujas histórias e culturas foram em muitos casos, apagadas pela colonização. Revelando as profundas injustiças históricas que ainda afetam as comunidades indígenas, incluindo a exploração e a marginalização que persistem até hoje.



Consideramos que a construção da identidade e expressão "pé vermelho" está impregnada de contradições profundas, envolvendo aspectos ambientais, históricos, culturais e sociais. A compreensão completa dessas contradições é crucial para abordar de forma significativa a verdadeira estética do esquecimento e trabalhar em direção a uma reconciliação justa e significativa, reconhecendo e reparando os danos causados pela colonização e promovendo uma outra relação com a Terra.

Seguimos assim, aprofundando nossas leituras sobre as manifestações humanas inspiradas pelas paisagens dessa região. A identificação com o ambiente local muitas vezes encontra expressão na arte, seja por meio da literatura, da pintura, da música ou outras formas de expressão.

Entendemos que o delineamento da futura tese irá se ancorar na premissa de que as expressões "ouro verde, terra roxa e pé vermelho" podem potencializar o diálogo interdisciplinar entre as ciências, como tentamos demonstrar nesta pesquisa, e possibilitar a conexão com a literatura regional, as demais artes e as conversações, contribuindo com a proposição do que Holzer (2020) chamou de uma 'epistemologia alternativa' para a Geografia, resultante da aproximação com as humanidades. O que entendemos ser um caminho profícuo para adentrar em um solo íntimo da relação do homem/mulher com a Terra, na evocação do sentido das paisagens e lugares.

Avançando nesta perspectiva da Geografia Humanista de base fenomenológica, o que se buscará empreender com a tese é a 'integridade do ser-no-mundo, do ser-em-situação', e nesta busca, a relação intrínseca com a literatura e artes poderá vislumbrar novos caminhos de pesquisa para apoiar a Geografia no seu fazer como ciência renovada (Holzer, 2020).

Pretendemos perscrutar novos caminhos ao explorar as dimensões poéticas da Terra, ressignificando a experiência humana e revelando as múltiplas camadas de significações nas paisagens e lugares. Contribuindo epistemologicamente e ontologicamente, abrindo sendas para métodos alternativos de se pensar a Ciência Geográfica Humanista em seu projeto de compreensão da relação íntima entre as pessoas e a Terra que habitam.

Em meio às brumas do tempo, persistimos nessa jornada, desvendando os segredos ocultos nos solos da região Norte do Paraná. Como verdadeiros exploradores, percorremos um fascinante caminho, em que o passado e o presente se entrelaçam em um intrincado movimento, oferecendo-nos as chaves para compreender o inescrutável legado da Terra que pisamos.

## 5 REFERÊNCIAS

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. A evolução do pensamento geográfico e a fenomenologia. **Sociedade & Natureza**, v. 11, n. 21/22, 9 dez. 2014, p.67-87.

Disponível em:

<http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/28472>. Acesso em: 27 set. 2022.

BARROS, José Costa D'Assunção. Fontes históricas: revisitando alguns aspectos primordiais para a Pesquisa Histórica. **Mouseion**, n.12, mai/ago 2012, p. 129-159

ISSN 1981/7207. Disponível em:

<https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/view/332> Acesso em: 20 ago. 2023.

BARROSO, Gabriel Lago de Sousa. Husserl e a descoberta da Terra: Prolegômenos para uma arqueologia do sentido. **Ekstasis: revista de hermenêutica e fenomenologia**, v. 11, n. 1, 2022. Disponível em: Acesso em: 20 jul. 2023.

BEZZI, Meri Lourdes. Região como foco de identidade cultural. **GEOGRAFIA**, Rio Claro, Vol. 27(1): 5-19, abril 2002. Disponível em:

<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/1732/524> 3 Acesso em: 20 ago. 2023.

BOSCHILIA, Emilio Carlos. **O jeito de falar dos “pés vermeio”**. Léxico, falas e expressões idiomáticas dos pioneiros no Norte do Paraná: variações linguísticas na vila e Capelinha e região, em meados do século XX. Curitiba: Editora do Autor, 2020. 270 p.

BOUVET, Rachel. Como habitar o mundo de maneira geopoética? Trad. Luciana Ambrósio. Revisão: Eurídice Figueiredo. **“Mesa-redonda sobre Geopoética”**, organizada pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura – Núcleo de Estudos Canadenses apresentada à Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2012. Disponível em: Acesso em: 26 set. 2022.

CARMO, Valéria Amorim do; PÁDUA, Letícia Carolina Teixeira. A fotografia de um desastre: um olhar existencial. **Revista Nufen: Phenom. Interd.** | Belém, 9(2), 05-23, mai. – ago., 2017. Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912017000200002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912017000200002) Acesso em: 20 ago. 2023.

CASTRO, Livia Simões de. Percursos e geografia: uma reflexão sobre o trabalho de campo. **Giramundo**. Rio de Janeiro, v. 7, n.14, p.87-96, 2020.

CONHECER LONDRINA DIGITAL. Disponível em:

<https://sites.google.com/edu.londrina.pr.gov.br/conhecerlondrina/sobre-londrina> Acesso em: 20 jul. 2023.

COLASANTE, Tatiane; HUERTAS CALVENTE, Maria del Carmen. Espaço e cultura na região norte do estado do Paraná: considerações preliminares. **Revista Geográfica de América Central**, vol. 2, julio-diciembre, 2011, pp. 1-15. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=451744820272> Acesso em: 20 jul. 2023.

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA. Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP/Fiocruz). **Orientações sobre ética em pesquisa em ambientes**

**virtuais**. Rio de Janeiro: ENSP/Fiocruz, 2020. 12 p. Disponível em: [https://cep.ensp.fiocruz.br/sites/default/files/orientacoes\\_eticapesquisaambientevirtuaI.pdf](https://cep.ensp.fiocruz.br/sites/default/files/orientacoes_eticapesquisaambientevirtuaI.pdf). Acesso em: 20 mar. 2023.

DARDEL, Eric. **O homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011. (Estudos).

DAVIM, David E. Madeira. A experiência na pesquisa em geografia humanista: aberturas e desafios. **Revista Geografias**, [S. l.], p. 2–19, 2020. DOI: 10.35699/2237-549X.24467. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/geografias/article/view/24467>. Acesso em: 20 ago. 2023.

FOLHA DE LONDRINA (Londrina). **Praça Pé Vermelho**: dez anos de história em londrina. dez anos de história em Londrina. 2020. Fotografia de Gabriel Teixeira. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/cv-folha/praca-pe-vermelho-dez-anos-de-historia-em-londrina-3015391e.html?d=1>. Acesso em: 03 set. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALVÃO FILHO, Carlos Eduardo Pontes. **Por abismos... casas... mundos... a geosofia como narrativa fenomenológica da geografia**. (Dissertação de Mestrado). Campinas, SP : [s.n.], 2016. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/976656> Acesso em: 09 out. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 201 p.

GOMES, Maria do Carmo Andrade. Relatos, esboços e cadernetas de campo. **Terra Brasilis**, [S.L.], n. 8, p. 1-12, 26 jun. 2017. OpenEdition. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4000/terrabrasilis.2058>. Acesso em: 11 jun. 2023.

GONÇALVES, Juliana. **A travessia da terra vermelha**. Gazeta do Povo. Curitiba. 01 jan. 2013. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/a-travessia-da-terra-vermelha-ctwzy4u8y8rlp7wkkkfcw6hvk/>. Acesso em: 26 set. 2022.

GRATÃO, Lúcia Helena B. **A Poética d' "O Rio – ARAGUAIA!"** De Cheias... &...Vazantes... (Á) luz da Imaginação! Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2002.

GÜNZEL, Stephan. SOBRE A ARQUEOLOGIA DE TERRA, CORPO E MUNDO DA VIDA: Nietzsche. Husserl, Merleau-Ponty. **Revista Filosófica São Boaventura**, v. 10, n. 2, p. 97-124, dez. 2016. Disponível em: <https://revistafilosofica.saoboaventura.edu.br/filosofia/article/download/29/28>. Acesso em: 31 jul. 2023.

HADLER, Ana Paula. Cultura realiza primeiro tombamento municipal. **Blog Londrina**. 2016. Disponível em: <https://blog.londrina.pr.gov.br/?p=21438>. Acesso em: 25 set. 2020.

HISTÓRIA DE LONDRINA. (José C. Farina) Blog. **Propaganda das terras do norte do Paraná – anos 30**. Londrina, 2014. Disponível em: <https://historiadelondrina.blogspot.com/2014/03/propaganda-das-terras-do-norte-do.html> Acesso em: 20 jul. 2023

HISTÓRIA DE LONDRINA. (José C. Farina) Blog. **Quando não era a lama, era o pó...** Londrina, 2013. Disponível em:

<https://historiadelondrina.blogspot.com/search?q=terra+vermelha> Acesso em: 20 jul. 2023.

HOFFMANN, Elena. MENDES, Sandra Mara da Silva Marques. O homem vermelho: uma proposta de leitura. **Cadernos PDE**. 2013. Versão On-line ISBN 978-85-8015-076-6, v.1. Disponível em:

[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2013/2013\\_unicentro\\_port\\_artigo\\_elena\\_hoffmann.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_unicentro_port_artigo_elena_hoffmann.pdf) Acesso em: 26 set. 2021.

HOLZER, Werther. Geografia Humanista e as Humanidades: Por uma epistemologia fenomenológica. **Revista Da ANPEGE**, 16(31), 142–149.

<https://doi.org/10.5418/ra2020.v16i31.12338>

HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. Introdução e tradução Urbano Zilles. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. Disponível em:

<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=1784566> Acesso em: 20 ago. 2023.

HUSSERL, Edmund. A terra não se move. (Tradução e Comentário: Marcos Sirineu Kondageski) **Periódico Héstia Curitiba**, v. 01, 2017 pgs. 78 – 143. Disponível em: [www.periodicohestia.org](http://www.periodicohestia.org) Acesso em: 21 jul. 2023.

IAT - INSTITUTO ÁGUA E TERRA. **Geologia do Paraná** - História Evolutiva. Disponível em: <https://www.iat.pr.gov.br/Pagina/Geologia-do-Parana-Historia-Evolutiva> Acesso em: 07 jul. 2023.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Divisão regional do Brasil em mesorregiões e microrregiões geográficas**. Editor: Joil Rafael Portella. Vol. 1. Rio de Janeiro, 1990.

IPPUL – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Londrina. **A Londrina que amamos!** Londrina, 17 de março de 2023, 15 p. Disponível em:

<https://repositorio.londrina.pr.gov.br/index.php/ippul/51894-a-londrina-que-amamos/file> Acesso em: 27 ago. 2023.

KERN, Daniela Pinheiro Machado. Geologia da paisagem: o jovem Hartt e a paisagem brasileira (1868-1870) – **Anais do XXXII Colóquio CBHA 2012** - Direções e Sentidos da História da Arte. Disponível em: Acesso em: 20 jul. 2023.

LE BOSSÉ, Mathias. As questões de identidade em geografia cultural – algumas concepções contemporâneas. In: **Paisagens, textos e identidade**. CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.) Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p.157-179.

LIMA, Antônio Balbino Marçal. A relação sujeito e mundo na fenomenologia de Merleau-Ponty. In: **Ensaio sobre fenomenologia**: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2014, pp. 77-102. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/pcd44/pdf/lima-9788574554440-05.pdf>. Acesso em: 24 set. 2022.

LIMA, Marcelo Ricardo de. **Uma análise das classificações de solo utilizadas no ensino fundamental**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, Projeto de Extensão Universitária Solo na Escola, 2004. Disponível em:

<http://www.escola.agrarias.ufpr.br/Analiseclassificacaosolos.pdf>. Acesso em: 26/09/2020.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, São Paulo, v. 17, p. 63-201, 1998. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11110>. Acesso em: 26 set. 2022.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. O (velho e bom) caderno de campo. **Revista Sexta-feira** n. 1, maio de 1997, São Paulo, p.8-11. Disponível em: [http://www.usp.br/revistasexta/files/n1-web\\_1.pdf](http://www.usp.br/revistasexta/files/n1-web_1.pdf). Acesso em: 27 set. 2022.

MANTOVANI, Harley Juliano. **Arqueologia fenomenológica de Merleau-Ponty**. 2006. 167 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/4822/DissHJM.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 03 set. 2023.

MARANDOLA, Hugo Leonardo. **Paisagem e memória**: o lugar-Parque Estadual Mata dos Godoy. 2009. 43p. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Departamento de Geociências, Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

MARANDOLA JR. Eduardo. Arqueologia fenomenológica: em busca da experiência. **Terra Livre**, Goiânia, ano 21, v.2, n.25, p.67-79, jul/dez de 2005.

MARANDOLA JR, Eduardo. Geografias do porvir: a fenomenologia como abertura para o fazer geográfico. In: SPOSITO, Eliseu Savério. SILVA, Charlei Aparecido da. NETO, João Lima Sant'Anna. MELAZZO, Everaldo Santos (Orgs.) **A diversidade da geografia brasileira**: escalas e dimensões da análise e da ação. Rio de Janeiro: Ed. Consequência, 2016, p.451-466.

MARANDOLA JR., Eduardo. Natureza e sociedade: em busca de uma geografia romântica. **Revista Terceiro Incluído**, v. 7, p. 7-17, 2017.

MARINGÁ HISTÓRICA. Anúncios da CTNP - Entre 1949 e 1950. (Blog). Disponível em: <https://www.maringahistorica.com.br/publicacoes/3166/anuncios-da-ctnp-entre-1949-e-1950> Acesso em: 20 jul. 2023.

MARINGÁ HISTÓRICA: **Cidade de Fama, poeira e lama – Década de 1950**. Disponível em: <https://www.maringahistorica.com.br/publicacoes/4125/cidade-de-fama-poeira-e-lama-decada-de-1950> Acesso em: 20 jul. 2023.

MARQUES, Marta Inês Medeiros. Lugar do modo de vida tradicional na modernidade. In: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino; MARQUES, Marta Inês Medeiros. (Orgs.). **O campo no século XXI**: território de vida, de luta e de construção da justiça social. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p.145-158.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003. 271 p.

MOURA, Jeani Delgado Paschoal; SILVA, José Rafael Vilela da. Geomorfologia, hidrografia e educação: rasuras da paisagem na ponta do lápis. **Anais...** In: A geoconservação no contexto do antropoceno: desafios e oportunidades. III Encontro Luso-brasileiro de Patrimônio Geomorfológico e Conservação. CEGOT/MINHO, Guimarães, Portugal, 2019. p. 375-392.

MÜLLER, Nice Lecocq. Contribuição ao estudo do norte do Paraná. **GEOGRAFIA** (Londrina), [S. l.], v. 10, n. 1, p. 89–119, 2012. DOI: 10.5433/2447-

1747.2001v10n1p89. Disponível em:  
<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/10658>. Acesso em: 3 ago. 2023.

OBSERVATÓRIO DO ESPAÇO PÚBLICO. (org.). Secretaria de Comunicação Social e da Cultura. **Exposição fotográfica: "Com os pés na terra, com o olhar na paisagem"**. 2022. Coordenação: Alessandro Filla Rosaneli Curadoria e editoração: Alessandro Filla Rosaneli, Mario Henrique Felgueira Pavanelli, Ana Claudia Malgaresi Adamante, Ewerton Lemos Gomes, Beatriz Fófano Chudzij, Maria Luiza Dias Ballarotti. Disponível em:  
<https://www.observatoriodoespacopublico.com/expo-mupa>. Acesso em: 17 dez. 2022.

O ESTADO DO PARANÁ (Paraná). **A CULTURA PARANAENSE**: mapa cultural, características e origem. Mapa Cultural, Características e Origem. 2020. Disponível em: [https://oestadodoparana.blogspot.com/2021/02/a-cultura-paranaense-mapa-cultural.html?fbclid=IwAR14BUfWG4lQ5rrBqQMqT05CT6lvmPbA5wDLZaeQBM\\_EnCLkjjZbv9EaBzc](https://oestadodoparana.blogspot.com/2021/02/a-cultura-paranaense-mapa-cultural.html?fbclid=IwAR14BUfWG4lQ5rrBqQMqT05CT6lvmPbA5wDLZaeQBM_EnCLkjjZbv9EaBzc). Acesso em: 03 set. 2023.

OLIVEIRA, Livia de Oliveira. **Percepção do meio ambiente e Geografia**: estudos humanistas do espaço, da paisagem e do lugar. MARANDOLA JR., Eduardo; CAVALCANTE, Tiago Vieira (Orgs.). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017. 196 p.

PELLEGRINI, Bernardo. Tv Ber | **Especial o elogio da peroba**. Uma declaração de amor. 19 set. 2020. 3:48 min. YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/kCh62IA8lzk>. Acesso em: 01 jul. 2023.

PELLEGRINI, Domingos. **O tempo do seu Celso**. Gráfica Ipê, Londrina, 1990.

PÉREZ, Daniel Vidal; BREFIN, Maria de Lourdes Mendonça; POLIDORO, José Carlos. Solo, da origem da vida ao alicerce das civilizações: uso, manejo e gestão. **Pesquisa Agropecuária Brasileira**, [S.L.], v. 51, n. 9, p. 1-4, set. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0100-204x201600090000i>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pab/a/ccj4byz7WScxx6PgQDXVvzJ/>. Acesso em: 31 jul. 2023.

PESCUMA, Derna; CASTILHO, Antonio Paulo F. de. **Projeto de pesquisa – O que é? Como fazer? um guia para sua elaboração**. São Paulo: Olho d'água, 2008, 98 p.

PREFEITURA DE LONDRINA. **Como surgiu o nome Londrina?** Projeto Digital Conhecer Londrina, Londrina (PR), 2020. Disponível em:  
<https://www.londrina.pr.gov.br/menu-oculto-educacao/projeto-digital-conhecer-londrina/como-surgiu-o-nome-londrina> Acesso em: 25/09/2020.

RELPH, Edward C. On the identity of places. In: RELPH, Edward. **Place and placelessness**. London: Pion Limited, 1976, p.44-62.

RELPH, Edward C. As bases fenomenológicas da geografia. **Geografia**. v.4, n.7, p.1-25, abril de 1979.

RELPH, Edward. Spirit of Place and Sense of Place in Virtual Realities. **Technè**, v.10, n.3, p.17-25, Spring 2007.

SANTOS, Milton. Ordem universal, ordem local: resumo e conclusão. In: SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017, p.331-339.

SILVA, Rovilson José da. **TERRA ROXA, PÉ VERMELHO!** 2004. Site INFOhome (mantido por Oswaldo Francisco de Almeida Junior). Disponível em: [https://www.ofaj.com.br/colunas\\_conteudo.php?cod=102](https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=102). Acesso em: 25 set. 2020.

SOUZA, Fernando José. **O café, os solos de terra roxa e os imigrantes**. 2020. Disponível em: <https://ferdinandodesousa.com/2020/09/14/o-cafe-os-solos-de-terra-roxa-e-os-imigrantes/> Acesso em: 20 jul. 2023.

TERRA vermelha ajuda forma identidade do londrinense. Londrina: **RPC - Grupo Globo Comunicação e Participações**, 2018. (10 min.), son., color. Disponível em: <http://g1.globo.com/pr/parana/videos/t/todos-os-videos/v/terra-vermelha-ajuda-forma-identidade-do-londrinense/7097975/>. Acesso em: 26 set. 2020.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **O senhor dos anéis: a sociedade do anel**. Martins Fontes, 2001.

TOMAZI, Nelson Dacio. **"Norte do Paraná": história e fantasmagorias**. 1997. 338 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Departamento de História do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/31883/T%20-%20NELSON%20DACIO%20TOMAZI.pdf?sequence=1>. Acesso em: 26 set. 2022.

TOURINHO, Carlos Diógenes Côrtes. DOIS DISCURSOS SOBRE A NATUREZA: dos contrassensos naturalistas à "geologia fenomenológica" de Husserl. **Philosophos**, Goiânia, v. 26, n. 2, p. 1-24, dez. 2022. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/philosophos/article/download/68834/38456>. Acesso em: 31 jul. 2023.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Trad. Livia de Oliveira. 1983.

UNESP. **Tipos de revisão de literatura**. Faculdade de Ciências Agronômicas. Botucatu, 2015. Disponível em: <https://www.fca.unesp.br/Home/Biblioteca/tipos-de-revisao-de-literatura>. Acesso em 16 dez. 2022.

WEGENER, Alfred. **The origin of the continents and oceans**. London, Methuen & Co LTD, 1929, 248 p. (tradução da quarta edição alemã (1929) por John Biram).

WILDNER, Wilson; BRITO, Reinaldo Santana Correia de; LICHT, Otavio Augusto Boni; ARIOLI, Edir Edemir. **Geologia e Recursos Minerais do Estado do Paraná**. (Coordenadores) - Escala 1:200.000, Brasília: CPRM, 2006. (Convênio CPRM/MINEROPAR).: 95 pgs.

WRIGHT, John K. Terrae incognitae: o lugar da imaginação na geografia / Terrae incognitae: the place of the imagination in geography. **Geograficidade**, v. 4, n. 2, p. 4-18, 9 nov. 2014.

WULF, Andrea. **A Invenção da Natureza: a vida e as descobertas de Alexander von Humboldt**. Trad. Renato Marques. São Paulo: Planeta, 2016.





COMITÊ DE ÉTICA EM  
PESQUISA ENVOLVENDO  
SERES HUMANOS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE  
LONDRINA - UEL



## 6 APÊNDICES

### A) Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa

#### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

##### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Terras roxas e pés vermelhos: experiências telúricas e o sentido dos lugares e das paisagens do Norte do Paraná

**Pesquisador:** JOSE RAFAEL VILELA DA SILVA

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 67774423.9.0000.5231

**Instituição Proponente:** CCE - Programa de Pós-graduação em Geografia

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

##### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 5.999.258

##### Apresentação do Projeto:

O projeto preenchido na Plataforma Brasil (arquivo "PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_2035867.pdf", versão 2, de 05/04/2023), apresenta as seguintes informações:

**RESUMO:** Compreender e resgatar as experiências telúricas por meio do cotidiano, das memórias e do imaginário popular, como catalisadores de vínculos afetivos entre os indivíduos e os solos, pode desvelar múltiplos sentidos atribuídos aos lugares e as paisagens para além dos aspectos morfológicos visíveis, e revelar identidades e geograficidades resultantes da íntima relação homem-terra. Neste sentido, a problemática central desta pesquisa materializa-se na seguinte questão: Como se apresenta a expressão "pé vermelho", considerando os valores culturais, o pertencimento e a ligação dos indivíduos à esta terra, popularmente conhecida como terra roxa? Neste sentido, o objetivo central é compreender o fenômeno de formação da expressão "pé vermelho" a partir da experiência geográfica entre os indivíduos e os solos, no contexto histórico-geográfico dos municípios de Londrina e Califórnia, localizados na Mesorregião Norte Central do Paraná. Epistemologicamente, adotara-se nesta pesquisa uma abordagem geográfica humanista de viés fenomenológico amparada metodologicamente na revisão bibliográfica que resultará dessa abordagem epistemológica, no levantamento e correlação de dados em diferentes fontes de pesquisa, práticas de campo exploratórias com o uso de caderneta de campo para registros das observações, croquis, entrevistas e conversas, e em registros fotográficos no intuito de apresentar

**Endereço:** LABESC - Sala 14

**Bairro:** Campus Universitário

**UF:** PR **Município:** LONDRINA

**Telefone:** (43)3371-5455

**CEP:** 86.057-970

**E-mail:** cep268@uel.br



COMISSÃO DE ÉTICA EM  
PESQUISA ENVOLVENDO  
SERES HUMANOS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE  
LONDRINA - UEL



Continuação do Parecer: 5.999.258

a geopoética das terras roxas. Como resultados, espera-se captar as dinâmicas sociais, ambientais, culturais e histórico-espaciais resultantes das múltiplas experiências vividas que reverberaram na formação da expressão “pé vermelho”, fruto do sentimento de pertencimento e ligação dos indivíduos à esta Terra roxa.

**METODOLOGIA PROPOSTA:** A pesquisa possui caráter qualitativo, e buscará desenvolver-se no âmbito da abordagem da Geografia Humanista, de viés fenomenológico (Amorim Filho, 1999), desta forma a modalidade de pesquisa qualitativa é a que mais se adequa aos objetivos traçados. Neste sentido, entre os procedimentos e técnicas de pesquisa selecionados destaca-se o levantamento e revisão bibliográfica em diversas fontes disponíveis (científicas, jornalísticas, literárias, populares), para a correlação entre fatos e dados histórico-espaciais e os trabalhos de campo com o uso de caderneta de campo para registros das observações, croquis, entrevistas e conversas, além de registros fotográficos que se mostram essenciais ao desenvolvimento de pesquisas de caráter geográfico e, por último, a sistematização de dados, informações e narrativas coletadas e observadas nos campos como forma de demonstrar a geopoética das terras roxas, esta entendida como uma valorização da relação sensível e inteligível com a Terra, assim como foi pensada pelo escritor Kenneth White, como destaca Bouvet (2012), bem como proporcionar a compreensão sobre o sentido dos lugares e das paisagens como mobilizadoras da existência humana sobre a Terra. Será priorizado um levantamento e revisão bibliográfica narrativa (UNESP, 2015) de textos, artigos, livros, e trabalhos acadêmicos acerca das respectivas temáticas e discussões pertinentes à pesquisa, sobretudo acerca de conceitos e temas como, a percepção da paisagem, memória e identidade, a constituição do lugar, a relação entre os solos, a paisagem e as sociedades e grupos humanos, a noção de geograficidade e topofilia, as quais entende-se que serão essenciais para a compreensão da relação das pessoas com a terra, e os vínculos, valores e significados atribuídos à esta. • Destaca-se o levantamento e coleta de dados e informações disponíveis em fontes históricas, jornalísticas, literárias, artísticas, indivíduos e os solos no recorte espacial definido na pesquisa. • A realização de entrevistas semiestruturadas e conversas, com caráter aberto, gravadas em áudio e vídeo com o uso de aparelho celular, com o consentimento e autorização dos participantes acerca de sua exposição e mantidas por 1 ano a partir de sua coleta, e posteriormente sendo descartadas, que além de possibilitar respostas às indagações do pesquisador, garantam aos participantes a liberdade para compartilharem suas experiências e memórias envolvendo sua relação com os solos e a constituição de suas identidades, afinal para Le Bossé (2004, p.162) “a identidade se exprime e se comunica de maneira interna e externa, através

**Endereço:** LABESC - Sala 14

**Bairro:** Campus Universitário

**UF:** PR **Município:** LONDRINA

**Telefone:** (43)3371-5455

**CEP:** 86.057-970

**E-mail:** cep268@uel.br



COMITÊ DE ÉTICA EM  
PESQUISA ENVOLVENDO  
SERES HUMANOS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE  
LONDRINA - UEL



Continuação do Parecer: 5.999.258

de práticas simbólicas e discursivas” e de acordo com Lowenthal (1998) o compartilhamento e entrelaçamento de memórias e lembranças as tornam mais nítidas e significativas; • A coleta de dados e comentários que façam referência direta ou indireta a expressão "pé vermelho" em páginas de acesso público de redes sociais como Facebook, Instagram, Twitter, sites e websites, com a devida manutenção do anonimato. • Compilação e sistematização de dados narrativos por meio da utilização de caderneta de campo para fins apresentação e interpretação teórica, entendida como um instrumento de pesquisa Magnani (1997); • Espacialização dos relatos, dados e de elementos que materializam a identidade 'pé vermelho', por meio formas visuais de representação (croquis, fotografias, imagens, mapas cartográficos, mapas mentais); • Captura e análise de registros fotográficos das paisagens e de outros elementos ou fenômenos que ilustram a relação dos sujeitos com os solos; • Coleta de amostras de solos de locais visitados para posterior observação e interpretação de suas características e correlação com outros dados coletados em campo.

**CRITÉRIO DE INCLUSÃO:** A inclusão de participantes na pesquisa se dará entre aqueles que se afirmarem se identificar ou reconhecer enquanto sendo "pé vermelho" ou entre aqueles que mesmo não se identificam, afirmem ter conhecimento, consciência e/ou ideia do significado e/ou origem da expressão "pé vermelho".

**CRITÉRIO DE EXCLUSÃO:** A exclusão de participantes na pesquisa se dará entre aqueles que afirmarem não se identificar ou reconhecer enquanto sendo "pé vermelho" ou entre aqueles, que afirmem não ter conhecimento, consciência e/ou ideia do significado e/ou origem da expressão "pé vermelho".

### **Objetivo da Pesquisa:**

O projeto preenchido na Plataforma Brasil (arquivo "PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_2035867.pdf", versão 2, de 05/04/2023), apresenta os seguintes objetivos:

**OBJETIVO PRIMÁRIO:** Compreender o fenômeno de formação da expressão 'pé vermelho' a partir da análise das experiências geográficas entre os indivíduos e os solos, no contexto histórico-geográfico dos municípios de Londrina e Califórnia, localizados na Mesorregião Norte Central do Paraná.

**Endereço:** LABESC - Sala 14

**Bairro:** Campus Universitário

**UF:** PR **Município:** LONDRINA

**Telefone:** (43)3371-5455

**CEP:** 86.057-970

**E-mail:** cep268@uel.br



COMITÊ DE ÉTICA EM  
PESQUISA ENVOLVENDO  
SERES HUMANOS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE  
LONDRINA - UEL



Continuação do Parecer: 5.999.258

**OBJETIVO SECUNDÁRIO:** Compreender o processo de formação e constituição da expressão 'pé- vermelho' nos municípios de Londrina e Califórnia (PR) a partir da consulta de arquivos e fontes históricas disponíveis publicamente sobre os processos de interação dos sujeitos com os solos nos municípios pesquisados; Investigar a presença desta expressão 'pé vermelho' no imaginário individual e coletivo, bem como na memória dos indivíduos, a partir de suas narrativas, experiências e histórias de vida compartilhadas; Identificar e averiguar as materialidades e espacialidades desta expressão 'pé vermelho' nos lugares e paisagens dos municípios de Londrina e Califórnia (PR);

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

O projeto preenchido na Plataforma Brasil (arquivo "PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_2035867.pdf", versão 2, de 05/04/2023), apresenta os seguintes riscos e benefícios:

**RISCOS:** Considera-se que os riscos possam estar relacionados a eventuais constrangimentos por parte dos participantes das entrevistas com relação a alguma informação particular que seja compartilhada. Em casos de constrangimento do participante, o pesquisador dispõe-se a prestar amparo, mostrando-se aberto ao diálogo, e possibilitando ao participante a qualquer momento o direito de escolher responder ou não a questão, ou abordar ou não referido assunto, de acordo com sua total liberdade e vontade.

**BENEFÍCIOS:** Considera-se que as questões trabalhadas na pesquisa são de vital importância para os estudos sobre os solos, contudo, alguns aspectos são pouco explorados, como por exemplo, as diferentes visões, percepções das pessoas sobre os solos em seu cotidiano, e o diálogo mais aprofundado entre os saberes científicos e os saberes populares sobre os solos. Neste sentido, entende-se a importância e necessidade de se abordar questões e discussões relativas a íntima relação que é estabelecida entre os indivíduos e os solos, não enquanto apenas substrato, mas no sentido existencial, a partir de uma realidade geográfica e de uma experiência telúrica, assim como nos aponta Dardel (2011). Além disto, entende-se que a pesquisa pode possibilitar sobretudo aos sujeitos e comunidades fora do ambiente universitário uma autorreflexão acerca de suas relações, visões e práticas sobre/com os solos em seu cotidiano, bem como proporcionar a estes um novo olhar para as suas próprias identidades, e a relação que estas possuem com o ambiente no qual vivem e constroem suas vidas.

**Endereço:** LABESC - Sala 14

**Bairro:** Campus Universitário

**UF:** PR **Município:** LONDRINA

**Telefone:** (43)3371-5455

**CEP:** 86.057-970

**E-mail:** cep268@uel.br



COMITÊ DE ÉTICA EM  
PESQUISA ENVOLVENDO  
SERES HUMANOS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE  
LONDRINA - UEL



Continuação do Parecer: 5.999.258

### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Este parecer compreende, ressalta a importância da pesquisa e considera não haver pendências ético-documentais à realização da pesquisa.

### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

1. Apresenta Folha de Rosto devidamente preenchida e assinada pela coordenadora do Programa de Pós-graduação em Geografia (arquivo "Folha\_de\_rosto.docx", de 05/04/2023);
2. Apresenta TCLE contendo as informações necessárias ao esclarecimento dos participantes (arquivo "TCLE.doc", de 05/04/2023);
3. Apresenta no projeto anexado à Plataforma Brasil (arquivo "Projeto\_mestrado.docx", de 06/03/2023) o roteiro da entrevista semiestruturada, o qual é eticamente adequado;
4. Apresenta no projeto preenchido na Plataforma Brasil (arquivo "PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_2035867.pdf", versão 2, de 05/04/2023) Cronograma de execução detalhado com previsão de início da coleta de dados com os participantes (entrevistas) prevista para 01/06/2023;
5. Apresenta no projeto preenchido na Plataforma Brasil (arquivo "PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_2035867.pdf", versão 2, de 05/04/2023) Orçamento financeiro detalhado, com previsão de financiamento próprio no valor de R\$ 500,00 (quinhentos Reais).

### **Recomendações:**

Não se aplica.

### **Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não havendo pendências ético-documentais à realização da pesquisa, este parecer considera a pesquisa APROVADA.

### **Considerações Finais a critério do CEP:**

Prezado(a) Pesquisador(a),

Este é seu parecer final de aprovação, vinculado ao Comitê de Ética em Pesquisas Envolvendo Seres

**Endereço:** LABESC - Sala 14

**Bairro:** Campus Universitário

**UF:** PR **Município:** LONDRINA

**Telefone:** (43)3371-5455

**CEP:** 86.057-970

**E-mail:** cep268@uel.br



COMISSÃO DE ÉTICA EM  
PESQUISA ENVOLVENDO  
SERES HUMANOS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE  
LONDRINA - UEL



Continuação do Parecer: 5.999.258

Humanos da Universidade Estadual de Londrina. É sua responsabilidade apresentá-lo aos órgãos e/ou instituições pertinentes.

Ressaltamos, para início da pesquisa, as seguintes atribuições do pesquisador, conforme Resolução CNS 466/2012 e 510/2016:

A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe:

- conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido;
- apresentar dados solicitados pelo sistema CEP/CONEP a qualquer momento;
- desenvolver o projeto conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção;
- elaborar e apresentar os relatórios parciais e final;
- manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa;
- encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores e pessoal técnico integrante do projeto;
- justificar fundamentadamente, perante o sistema CEP/CONEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

Coordenação CEP/Uel.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_2035867.pdf	05/04/2023 20:54:26		Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.docx	05/04/2023 20:52:47	JOSE RAFAEL VILELA DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.doc	05/04/2023 20:44:32	JOSE RAFAEL VILELA DA SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_mestrado.docx	06/03/2023 14:15:53	JOSE RAFAEL VILELA DA SILVA	Aceito

**Endereço:** LABESC - Sala 14

**Bairro:** Campus Universitário

**UF:** PR **Município:** LONDRINA

**Telefone:** (43)3371-5455

**CEP:** 86.057-970

**E-mail:** cep268@uel.br



Comitê de Ética em  
Pesquisa Envolvendo  
Continuação do Parecer: 5.999.256

## UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA - UEL

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

LONDRINA, 13 de Abril de 2023

---

**Assinado por:**

**Adriana Lourenço Soares Russo**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** LABESC - Sala 14

**Bairro:** Campus Universitário

**UF:** PR **Município:** LONDRINA

**Telefone:** (43)3371-5455

**CEP:** 86.057-970

**E-mail:** cep268@uel.br



**B) Narrativas telúricas organizadas conforme localidade mencionada.**

<b>Município</b>	<b>Nº de narrativas</b>
Londrina	143
Maringá	29
Ivaiporã	17
Apucarana	13
Bandeirantes	13
Pinhalão	12
Cornélio Procópio	10
Porecatu	10
Jandaia do Sul	10
Campo Mourão	9
Santo Antônio da Platina	9
Cambará	9
Ibiporã	7
Ribeirão do Pinhal	7
Faxinal	6
Andirá	5
Arapongas	5
Cianorte	5
Guaíra	5
Congonhinhas	5
Wenceslau Braz	5
Cambé	4
Assaí	4
Mandaguari	4
Ibaiti	4
Assis Chateaubriand	4
Peabiru	4
Borrazópolis	4
Primeiro de Maio	4
Foz do Iguaçu	4
Tomazina	3
Pitanga	3
Bela Vista do Paraíso	3
Terra Boa	3
Barbosa Ferraz	3
Uraí	3
Rolândia	3
Goioerê	3
Fênix	3
Sertanópolis	3
Carlópolis	2

Cafeara	2
Jardim Alegre	2
Telêmaco Borba	2
Palmital	2
Paranavaí	2
Mauá da Serra	2
Umuarama	2
Santa Mariana	2
Campina da Lagoa	2
Siqueira Campos	2
Astorga	2
Kaloré	2
São João do Caiuá	2
Sertaneja	2
Jaguapitã	2
Abatiá	2
Palmas	2
Marialva	2
Mandaguaçu	2
Toledo	2
Ubiratã	2
Tapira	2
Santa Fé	2
Santa Amélia	2
Alvorada do Sul	2
Cascavel	2
Engenheiro Beltrão	2
Nova Tebas	1
Francisco Beltrão	1
Joaquim Távora	1
São Pedro do Ivaí	1
Colorado	1
Loanda	1
Rio Bom	1
Ribeirão Claro	1
Cambira	1
Bom Sucesso	1
Guaraci	1
Iporã	1
Altonia	1
Medianeira	1
União da Vitória	1
Marilândia do Sul	1
Floraí	1
Santo Antônio do Paraíso	1

Jundiá do Sul	1
São José da Boa Vista	1
São João do Ivaí	1
Santa Izabel do Oeste	1
Japurá	1
Jaguariaíva	1
Inajá	1
Roncador	1
Barra do Jacaré	1
Marechal Cândido Rondon	1
Jacarézinho	1
Nova Fátima	1
Nova Aurora	1
Conselheiro Mairinck	1
Céu Azul	1
Nova Esperança	1
Arapoti	1
Curiúva	1
Nova Prata do Iguaçu	1
Pérola	1
Lupionópolis	1
Nova Londrina	1
Alto Paraná	1
Janiópolis do Sul	1
Itambaracá	1
Alto Piquiri	1
Santa Cecília do Pavão	1
Lobato	1
Terra Roxa	1
Itaguajé	1
Califórnia	1
Ouro Verde do Oeste	1
Farol	1
Japira	1
Tamarana	1
Figueira	1
Paraíso do Norte	1
Palotina	1
Dois Vizinhos	1
Corumbataí do Sul	1
Guarapuava	1

### C) Narrativas telúricas coletadas nas mídias sociais

Narrativas
Legenda:
<b>Categoria 1 - Das origens da Terra Roxa</b>
<b>Categoria 2 - A Terra como sustento, fertilidade, riqueza, prosperidade</b>
<b>Categoria 3 - Saudades da Terra</b>
<b>Categoria 4 - Identidade, Pertencimento e Orgulho da Terra</b>
<b>Sem categoria</b>
Extraordinária a terra dos pés vermelhos boa e acolhedora
Paraná pé vermelho
Bom dia queridos pés vermelho tenho orgulho de minhas origens
Dessa terra vermelha, desses campos planos e dessa gente guerreira, tem muito pão na mesa dessa nação e muita força no coração de cada paranaense em cada canto desse chão brasileiro
Saudade do Arapuã município de Ivaiporã foi onde fui criado eu sou de São Paulo aí fui criado neste lugar Terra vermelha
Terra vermelha que amo, bom dia feliz sexta-feira povo de Deus
Terra vermelha da cor do sangue do Paranaense tudo que planta dá
Quem é pé vermelho
Pé vermeio, da lavrinha município de Pinhalão Paraná, Para o mundo
Eu no Paraná terra vermelha que saudade
Maravilhoso saudades da minha terrinha amada
Tenho orgulho de ser pé vermelho, fui criado na simplicidade dos meus pais, mais sempre com uma mesa farta
100% pé vermelho do Nortão do meu Paraná
100% Pé Vermeio
Pinhalão, quantas saudades dessa terra que me acolheu
Eu tenho muito orgulho de ser pé vermeio sim
Eu também tenho muito orgulho
Eu também, com muito orgulho
Somos né? Pé vermelho de Campo Mourão
100% pé vermelho
Se dos pé vermelho de pinhalão, é não...
Achei que o grupo era orgulho de ser pé vermelho norte do Paraná...já vi q é grupo comunista
Saudades da minha terra natal. Onde vivi minha infância
Que saudades minha terrinha amada
Saudades da minha infância em Pinhalão
sou pé vermelho bicho do Paraná
Sou apenas um cidadão comum e como você, um "pé vermelho"
Sou Pé Vermelho de nascimento. Conheço o Bosque desde meus primeiros anos de vida. Tenho na lembrança imagens do pequeno zoológico que havia lá, com seus macacos espertos, anta, pássaros, jabotis e diversos outros bichos que ali viviam
Sou pé vermelho, sim senhor e muito me orgulha deixar minha marca no sertão concretado
Cultura pé vermelho

pé vermelho da vila nova, , nascido na rua Grajaú
sou dessa tribo, pé vermelho, sigo
Meus queridos amigos do Pé Vermelho, desta cidade que o destino sempre me presenteou com belos, e importantes momentos nesta terra vermelha com um povo vermelho de alegria e essa que é a cor da força do touro trouxe um progresso neste norte do Paraná com uma rapidez brasileira, pois a pouco passava boi, passava boiada, e tinha uma árvore na beira da estrada onde foi gravado muitos corações....
Muito dessa cidade vive nas minhas veias pois muito caminhos teve que ser trilhado desde meu nascimento até os dias atuais ... E busco na memória cada vivência para saber exatamente o foco da paixão pela cidade do ouro verde... Que deu energia viva para que Londrina seja Esperança sempre aos olhos de seus filhos e filhas sonhadores... Que sente no calçadão aquele saudosismo vivo do passado, que cabe nesse coração que vos fala com alma :) Londrina seja Jardim das mais belas flores e que tenha no futuro toda valorização da História Viva... Pela sustentabilidade de IDENTIDADE PÉ VERMELHO... Amor seja Amor sempre
Meus amigos Pé vermelho, acabei de chegar de Londrina... estava com saudades da minha cidade, fiquei muito triste em ver a linda capital do café com uma aparência de cidade sem governantes! os matos nos canteiros da cidade enormes! a terra vermelha é uma marca forte de Londrina, mas nada justifica desde a entrada da cidade até a saída em direção a Cambé, de ponta à ponta os canteiros todos com matos enormes, cadê este povo? é preciso protestar! se o povo não defender a linda Londrina... quem poderá defender??? Governador? Prefeito? vereadores? não sei!!! só sei que amo Londrina.
Memória pé vermelho
Pé Vermelho, e neto de pioneiro
REMINISCÊNCIAS PIONEIRAS "Pequena Londres, Londrina, Londrix. [...] Característica geológica impregnando a atmosfera, onde partículas suspensas desse mesmo fecundo chão costumam colorir o horizonte de vermelho [...]
Sou de Campo Mourão...legítima "Pé vermelho"!
Rock Pé Vermelho
Pé vermelho com muito amor
Eu já tinha me oficializado sozinho desde quando nasci há 35 anos atrás e agora que muita gente vai conseguir. Então eu sou o mais velho pé vermelho oficializado sozinho
Demorou pra cair a ficha sou do quintal pé vermelho, tenho boas lembranças e quando a saudade aumenta lá estou ao lado dos meus pés vermelho, título merecido (é campeão!).
Não nasci em Londrina. Mas me sinto londrinense e pé vermelho com muito orgulho. Minhas filhas todas são londrinenses e pé vermelho de nascença
Sempre digo que sou de Londrina e pé vermelho quando me perguntam de onde sou.
Pé vermelho com muito orgulho...Londrina cidade que amo!
Pé vermelho mesmo na excelência da palavra amassei barro na real, ia pra escola amassando barro nas ruas sem asfalto da querida e antiga Londrina...
Amo ser daqui e morar aqui. É uma cidade linda em todos aspectos. Somos PÉS VERMELHOS e BICHO DO PARANÁ
Que legal, agora só falta erguer um monumento. Pé Vermelho de corpo e alma.
Por vários anos amassei esse barro na Rua Tapuias e, depois, na Manoel de Oliveira Branco. A salvação veio quando criaram as sacolinhas de mercado. Apesar do sofrimento, amo minha cidade!

ai meu amigo somos pé vermelhos reconhecidos agora
Nossa eu sou de São Paulo. Mas o nosso Jesus é maravilhoso que fez a natureza e mostra que existe a terra linda e fértil. Parabéns Londrina
Nasci no Rio de Janeiro, mas moro aqui desde bebê, sou pé vermelho com muito orgulho.
Com certeza, esse nome foi uma homenagem ao povo londrinense e sua região metropolitana. Lembrando que o meio ambiente tem que estar em equilíbrio com nossas raízes.
Eu também tenho muito orgulho de ser pé vermelho, de nascimento! Amo Londrina!!!
Dá-lhe pé vermelho! Lembro da Benedita esfregando os pézinhos do Vinicius quando moravam na chácara!
Meus pés são vermelho tal como o meu coração que ama Londrina
Muito amor em ser pé vermelho de nascimento
Sou de São Paulo, mas já estou! maravilhosa, pequena Londres!
Oh saudades dessa terrinha
Eu so pé vermelho com muito orgulho há 67 anos bem vivido obrigada Londrina quem ama não suja, não mata, não picha a sua cidade fica feia tem fica linda com e obrigada meu irmão londrinense
Sou pé vermelho com orgulho!
Sou pé vermelho por opção. Amo Londrina.
Pé vermelho de nascença, corpo, alma e coração com muito orgulho. Mais que merecido.
Sou Pé Vermelho...
pé vermeio de Faxinal...
Pé vermelho com muito orgulho!
Felizes somos nós, pois somos todos pés vermelhos de coração
Eu sou pé vermelho com muito orgulho e moro em Londrina...
Amo Londrina!!!
Pequena Londres no coração e nos pés.
Sou pé vermelho de coração. Mas moro em São Paulo.
Com muito orgulho, amo essa terra.
Pé e alma vermelhos de paixão por essa terra.
Eu sou Pé Vermelho com muito orgulho
Sou do Rio de Janeiro mas teria orgulho de ser pé vermelho também
Essa cidade é minha casa é meu lar
Não sou pé vermelho, mas sou do Noroeste do Paraná
Eu sou pé vermelho de coração! Adoro esta cidade!!
Meu avô era da companhia de Terras Norte do Paraná, meu pai nasceu aqui e eu também. Amo Londrina
Eu sou Pé Vermelho com muito orgulho!!!
Nasci pé vermelho na vila Cazoni nos primórdios de Londrina...1946. muito orgulho.
Ai amor aqui é pé vermelho
Pisei muito nesse barro vermelho, era só alegria
Sou pé vermelho de coração.... amo esta cidade maravilhosa....
Tenho orgulho de ser paranaense, de ser pé vermelho.
Tenho orgulho sou pé vermelho de coração.
Sou "pé vermelho" com muito orgulho!!

Com muito orgulho!
Sou pé vermelho com muito orgulho
Londrinense pé vermelho de coração
Amo ser pé vermelho!!!
Pé vermelho com orgulho.....
Com muita honra!
Amo ser pé vermelho
Sou pé vermelho desde o 1951, com muito gosto com muito orgulho
Sou pé vermelha!
Nasci em Londrina fui criado em Cianorte sou pé vermelho e pé branco também
Muito amor
Solo rico em óxido de ferro ... Saudosa terra vermelha!
Nasci com o pé e o sangue de Londrina: vermelho
Pé Vermelho de Porecatu , que mora em Londrina !!!
Com muito orgulho.
Sou pé vermelho também. Nasci em. Assaí , mas moro em SP desde pequenina (faz tempo !!)
Aqui na Barra também as pessoas que moram na zona rural e não pavimentadas são chamadas de pé vermelho .
Amei! Adoro ser pé vermelho e sempre preciso me reabastecer dessa energia incrível. Só me entende quem está longe
Orgulho de ser pé vermelho, de ser paranaense , povo guerreiro , gente bonita , amo meu Paraná
Pé vermelho de nascença e para sempre. Embora eu não resida mais aí. mas não perdi a esperança de voltar.
Agora estou longe mais muito orgulho de ser Pé Vermelho também desde 1981
Estou em Curitiba há 34 anos, mas continuo PÉ VERMEIO
Não só pé vermelho. Sangue também...
Sou rondoniense de coração mas serei sempre um pé vermelho com muito orgulho.
Também sou pé vermelho por opção. Amo Londrina!
Sou pé vermelho, Londrina minha terra natal, amo.
Pé vermelho no sangue
Sou pé vermelho de coração, desde 1979!
Quem quiser se "londrinar" que avermelhe seus pés! Orgulho de ser "Pé Vermelho"!
É um pé vermelho vai ser presidente da República
Sou paulista, mas troco SP por Londrina
Pé vermeio com muito gosto.
Eu sou pé vermelho
pés e coração vermelho.
Morando em São Paulo mas sempre pé vermelho. Maravilhosa Londrina
somos pé vermelho
Eita sou pé vermelho com certeza..Com orgulho e alegria de dizer
Sou pé vermelho com muito orgulho. Amo Londrina
Londrinense , pé vermelho, da gema ..
Sou uma orgulhosa pé vermelho de alma, coração e nascença!



Oh terra boa é essa que eu gosto!
Orgulho em ser...
Esse é meu chão...pé no barro vermelho
Pé vermelho de nascença com muito orgulho!
Pés vermelho com muito orgulho !
Pé vermelho nascido na pequena Londres e hoje congelando perto da grande Londres.
Eu sou pé vermelho ...adoro
Orgulho de ser pé vermelho!!
Adoro Ser pé vermelho
LINDO COM ORGULHO SOU PÉ VERMELHO!
Com orgulho, pés vermelhos
Sou Pé Vermelho....Saudades da minha terra.
Sou!! Com muito orgulho..
Eu sou pé vermelho com muito orgulho!!!
Bom dia, pés vermelhos de coração e de nascimento.
Eba também sou pé vermelho
Sou pé vermelho do norte pioneiro
Sou um pé vermelho de 69 anos, brincava de escorregar no barro na Vila Casone.
Sou pé vermelho com muito orgulho
Pé vermelho com muito orgulho
Saudade da minha terra Natal!!
Com muito orgulho!
Eu sou pé vermelho....
Adoro essa terra ela tem vida sou pé vermelho sim
Sou um paulistano absolutamente pé vermelho!
Terra boa
Pé vermelho com muito orgulho!!!!
Moro no Rio de Janeiro mas sempre digo não sou gato de Ipanema.... sou bicho do Paraná. Pé vermeio
Sou pé vermelho com muito orgulho.
Amo ser pé vermelho!
Sou pé vermelho com orgulho. Amo Londrina.
Eu sou de nascimento com muito Gosto de ser Pé Vermelho.....
Você é pé preto só conhece asfalto eu sou pé vermelho
Pés vermelhos ou terra roxa?
Apesar de morar em São Paulo, eu sou pé vermelho também... Nasci na Água da Saúde próxima à Warta... Família Botti, alguém deve lembrar
Só pé vermelho com orgulho
sou pé vermelho de corpo e alma
Pé Vermelho com muito Orgulho . Paraná beleza indescritível.
Somos pés vermelho
pé vermelho de coração
Meu pé é vermeio
Sou pé vermelho de Carlópolis

Moro no estado de São Paulo, amo e respeito, mas sou pé vermeio de Andirá... Abração a todos!
Sou pé vermelho com muito orgulho. #AmoApucarana
Pé vermelho de Londrina
Sou de Cafeara
Sou Pé Vermelho de Colorado com muito orgulho.
Sou Pé vermelho" Ribeirão do Pinhal
Tenho muito orgulho de ser pé vermelho. Cambé minha cidade amada.
Jardim Alegre 🍷
Sou pé vermelho sim
Pé vermelho com muito orgulho. Saudade Londrina
Sou pé vermelho - Londrina minha paixão
De Telêmaco Borba para Curitiba... Mas meus pés continuam vermelhos
Sou de Maringá! A saudosa Cidade Canção!
Sou pé vermelho com muito orgulho, sou do noroeste, Loanda, mas moro em Maringá.
Sou de Rio Bom Paraná.
Sou pé vermelho com muito orgulho, sou de Palmital /PR .
Sou pé vermelho, de Bandeirantes
também sou pé vermelho com muito orgulho! Paranaense
Mauá Da Serra, Capital do Milho 🍷🍷🍷🍷🍷 Sou Pé Vermeio
Por hora estou VIP, mais sou pé vermelho Santa Terezinha de Itaipu
Amo ser pé vermelho
Pé vermelho
Saudades da minha Londrina querida!!!! Pé vermelho com orgulho!
Rolândia, Centenário do Sul, Lupionópolis!!! Pé vermelho de coração!
Sou Pé Vermelho porque sou Paranaense independente de política orgulho-me de ser paranaense
Paranaense de CORAÇÃO e de PÉ vermelho com orgulho.
Pé vermelho sim senhor, de Bom Sucesso
SOU PÉ VERMELHO COM MUITO ORGULHO PARANAENCE
Solo rojo, vermelho em espanhol, não tem lógica ser chamado de roxo!
sou pé vermelho com muito orgulho
Terra que me adotou
sou estrangeira e gosto da cor vermelho da terra por tanto andei com os Pés descalços, depois o cor não saio fácil de meus Pés.
Com muito orgulho
Sou pé vermelho e não nego. Platinense, para sempre Platinense...
SIM SOU "PÉ VERMELHO" E ME ORGULHO DISSO!
Orgulho de ser Paranaense, pé vermelho
Sou pé vermelho com muito orgulho.
E o meu filho é londrinense " Pé vermelho"
LONDRINA.....com um imenso orgulho.
Presidente Bernardes
interior de São Paulo, mas já me sinto pé vermelho tamanho o amor que sinto por ti, Londrina Linda

Nascida em Manaus-AM, já passei por outras cidades paranaenses, mas há 12 anos sou Pé Vermelho de coração!
Londrina. Pé vermelho com muito orgulho,!!! Meus 2 filhos também em.
Paulistana e agora pé vermelho (Londrinense)
Já estamos na terceira geração da família , nascida aqui em Londrina .
Você disse PÉ VERMELHO?
Iraí - RS... mas há muitos anos já sou "Paranaúcha"
Natural de Santa Amélia, londrinense de coração!
Hola , alguém por favor me diz que significa ter pé vermelho?
o Paraná possui em algumas áreas o solo com uma pigmentação avermelhada. Foi com base nisso que surgiu o apelido carinhoso de Pé Vermelho para quem nasce nessas regiões
Pé vermeio com muito orgulho
Sou do sul divisa com Santa Catarina, não temos terra roxa, ou vermelha aqui, mas tenho orgulho de ser paranaense.
E muito orgulho pé vermeio
Amo minha Terra, Amo meu Chão, Amo minha Cidade gravada em meu coração. Palmas do Pé Vermelho TE AMO DE MONTÃO. E em minhas pegadas fica a marca do meu Paranação.
Paraná, estado de belezas encantadoras, estado de gente humilde e trabalhadoras, Paraná estado magnifico, estado lindo , estado espetacular, Paraná terra rica de uma natureza surpreendente. Eu amo meu estado, eu amo ser pé vermelho, eu amo meu Paraná
Amo ser pé vermelho
Pé vermelha de coração
Sou pé vermeio
somos pé vermelhaço de coração
Também quero sou pé vermelho de coração
Pé vermelho de coração!
Quem bebe água de Londrina, não esquece jamais!
Amo ser pé vermelho.
Pé vermelho com muito orgulho! Muito amor
Sou pé vermelho de Mandaguari. Moro em Brasília. Sou apaixonada por Londrina. E às vezes que vou ao norte do Paraná, digo que é pra renovar o sotaque.
Sou de lá e sou daqui...meus pés sempre vermelhos
Muito amor pelo vermelho do meu pé
Pé vermelho sim com orgulho
Amo nossa terra.
Pé vermelho com orgulho.
terra muito fértil e agricultável
Com certeza, terra linda igual não existe!!
Arapongas! Com muito orgulho!!!
Eu morava no Marilu nos anos 73 até 79 morava perto da igreja evangélica perto da avenida principal
Com Certeza eu sou! Cianorte!
Pé vermelho de Santa Mariana.
Com muito orgulho sim senhor
Pé vermelho de Campina da Lagoa

ei Curitiba é Paraná também hoje deve ter mais gente do norte em Curitiba na época dá crise foram todos os pés vermelhos pra. Curitiba se acham superior porquê somos. todos. paranaense. e daí. ? sou dê Ribeirão do Pinhal. pé vermelho sim. !
Não só o pé, mas a alma também!!
Assis chateaubriand
Moro no Estado de São Paulo, mais sou pé vermeio com muito orgulho!
Sou pé vermelho com orgulho
Sou pé vermelho mas ultimamente está tão amarelo. Acho que estou precisando passear no Paraná
Eu sou um pé vermelho com muito prazer!
Sou pé vermelho Guairense com muito orgulho, que saudade do meu Paraná querido!!!
Sou de Ivaiporã pé vermelho sim com muito orgulho
Terra boa meu Paranazão
A terra aqui é vermelha também.
Com certeza. Pé vermelho
EU SOU PÉ VERMELHO COM MUITO AMOR... MAS É IMPORTANTE SEMPRE LEMBRAR QUE ACIMA DE TUDO SOMOS TODOS PARANAENSES, E QUAL A DIFERENÇA DE SER PÉ VERMELHO, OU BRANCO DA CAPITAL, DE AREIA DO NOSSO LINDO LITORAL OU DE QUALQUER OUTRA REGIÃO? SE ACIMA DE TUDO
Com certeza Florai PR
Tenho muito orgulho de dizer sou pé vermelho já viajei bastante e nunca vi tanta plantação maravilha como no Paraná rios cachoeiras
Terra roxa que vem de terra rossa (vermelho)
Sou pé vermelho com muito orgulho da minha cidade (Peabiru ) e desse estado que é maravilhoso. Parabéns a todos paranaenses, gente boa.
Sou de Santo Antônio do Paraíso terra querida que amo de paixão
Sou de Peabiru
Eu sou PÉ VERMELHO...com muito orgulho
Moro em Colorado mais não esqueço de Ivaiporã da terra vermelha de lá
Pé Vermelho, com muito orgulho!!!!
Morei 40 anos no norte do paraná , pé vermelho
Sou de Terra Boa, hoje moro em São Paulo capital, meu pai veio pra cá, quando tinha 1 ano mas o Paraná está no meu coração ..
Sou com muito orgulho!!!
Pé Vermelho de Barbosa em São João.
Barbosa Ferraz! Ô. ..Saudades.
Com orgulho!
Sim! Com muito orgulho de avós italianos e espanhóis que vieram cultivar essa terra fértil!
Sou latossolo roxo sou chique
Com muito orgulho , com muito amor
com certeza Londrinense com orgulho
Pé vermelho com muito orgulho!!!

Não sei bem se são as marcas de poeira que criou o epíteto. A água da chuva correndo pela terra daqui de Cornélio Procópio parecia tinta, de um vermelho forte, que "pintava" tudo: as calçadas, os automóveis, nossos pés 😊, a barra das calças. Era uma tinta forte que penetrava. Não sei se, nessa época, "o sabão que lava mais branco" conseguiria tirar o encardido das roupas claras. Mas, uma coisa é verdade, somos "pé vermelho" com muito orgulho.

Ser PÉ VERMELHO é orgulho de ter nascido em Siqueira Campos

NO MATO GROSSO DO SUL TAMBÉM É PÉ VERMELHO .....ONDE MORAMOS TUDO TERRA ROXA...

LONDRINA terra abençoada.

Eu sou um autêntico Pé vermelho

Pé Vermelho da Terra Bonita (Ibiporã): meu Paraná!

Agora sou pé vermelho ...com muito orgulho.....

Pé vermeio e chapéu tolado...

Sou pé vermelho com muita honra!

Estamos juntos....somente gente linda e inteligente...

Eu sou pé vermelho com muita honra

Eu sou pé vermelho e moro na terra vermelha!!

Sou pé vermelho com muito orgulho

Sou um pé vermelho de Jundiá do Sul depois passei por Ribeirão do Pinhal agora moro em Cambará

Sou pé vermelho!

Sou com muito orgulho !!!

Sou pé vermelho.

100 % pé vermelho do Norte pioneiro do meu querido Paraná!!!

Sim nasci no norte do Paraná

sou pé VERMEIIIOOOO

Pé vermelho.

Sou de Bandeirantes Norte Velho do PR, me orgulho muito pelo meu estado e pelos meus pés vermelhos.

E como sou pé vermelho

Sou pé vermelho

Sou pé vermelho de Astorga, cidade também de Chitãozinho e Xororó Paraná

Pé vermelho com orgulho

Sou filha de pé vermelho!

Primeiro registro de nascimento do cartório de Campina da Lagoa, adivinhem a sola do meu pé...

Com muito orgulho ,nasci no norte do Paraná ,terra boa e fértil TD que se planta dá !!!

Borrazópolis minha cidade natal

Me orgulho de ser Paranaense!!

Orgulho em ser pé vermelho!!

Sou pé vermelho, gente! Londrina!

Sou pé vermelho...

Sou PARANAENSE de nascimento e alma. Pé vermelho pra mim é elogio. Saudades de Cambará.

Sou pé vermelho com muito orgulho!
Sou pé vermelho com muito orgulho!!!!!!
Eu Amo meu Paraná... sou de Ibaiti PR moro em Ponta Grossa PR.
Nada de marcas de poeira, é de barro mesmo ( poeira com suor) e ainda não saiu o vermelho dos meus pés... . Nosso estado é maravilhoso e pra ficar perfeito só eliminando uns políticos vagabundos e corruptos...
Eu também Minha Terra querida e Ibaiti PR Norte Pioneiro.
Eu sou pé vermelho de Cambara , com muito orgulho !
Moro atualmente em Natal no Rio Grande do Norte mas sou legítima pá vermelho e me orgulho muito disso, CAMBARÁ minha cidade querida.
Nascido em Apucarana, com orgulho.
Somos pé vermeio
Hahaha sou pé vermelho e não nego
Pé vermelho de Cambará
Sou sapecado, sou pé vermelho
Eu sou, com muito orgulho.
Sou pé vermelho com muito orgulho. Amo minha cidade. Kaloré, Kaloré, minha cidade querida, Kaloré, Kaloré, meu amor, minha vida...
Que orgulho de ser Paranaense...Hoje moro em Guarulhos SP, mas morei em Jaguariaíva, Arapoti, Wenceslau Braz e Carambeí...Eu amava morar no Paraná oh Estado bonito e rico!!!
sou de São João do caiué mas morei em terra roxa por muito tempo agora estou em Palmas Tocantins, Paraná terra de gente trabalhadora. sou de São João do Caiuá, mas meu muitos anos em terra roxa e hoje moro em Palmas Tocantins, mas lembro muito e com saudades deste Paraná os pés vermelho tem muitas história
Eu sou com muito orgulho de Santa Rita D'Oeste
Sou pé vermelho com orgulho de Londrina cidade menina de 83 anos!!!
Eu sou pé vermelho!
Tenho orgulho de morar no Paraná ! Mas minha família morou em Jandaia do Sul, depois Curitiba , e moro em Londrina há muitos anos mas meu pais tiveram sempre casa em Jandaia do Sul onde faleceram e foram enterrados !
Eu também só paranaense que saudade
Sou pé vermelho de PORECATU...Amo!!!!!!!
Sou pé vermelho, mineira com muito orgulho.
Sou pé vermelho com muito orgulho....nasci em Porecatu.
Sou pé vermelho nascida em Cafeara, criada em Campo Mourão, moro a trinta e cinco anos em Boituva SP. Vou muito a Campo Mourão onde tenho família amo meu PR.
Sou de Congonhinhas, pensa numa terra vermelha e grudenta.
eu sou pé vermelho amo minha terra.
Pé "vermeio" com certeza!!
eu só pé vermelho com orgulho e muito amor
Nossa muito que saudade
Eu sou pé vermelho sim !! Com muito orgulho !!
Minha terra natal Wenceslau Braz, Joaquim Távora, Guapirama.... Onde passei minha infância.
Sou Terraboense e não nego minha origem. Tenho muito orgulho dessa terra
Eu também me sinto muito orgulhoso por ser pé vermelho

Viva ao Nosso Paraná lugar bom de morar
com muito orgulho
O nome terra roxa é um equívoco. Os imigrantes italianos referiam-se ao solo pelo nome terra rossa, já que rosso em italiano significa vermelho. Os brasileiros aportuguesaram o termo italiano, então, para terra roxa. Terra vermelha é o correto! EU SOU PÉ VERMELHO!!!!
Me orgulho de ser Pé Vermeio e Caipira NATO, já trabalhei e tudo na roça no tempo que não havia maquinários, tudo era no braço, inclusive as brigas quando raramente aconteciam...
Sou pé vermelho de Congonhinhas, mas moro em Londrina.
bem vermelho...
Moro no Rio Grande do Sul, mas morei tantos anos em Sertaneja que me considero pé vermelho de coração. Amo.
Eu sou pé vermelho gata
Sou nascido em Apucarana mais fui criado no Jardim Leonor em Londrina hoje moro em São José do Rio Preto, sou pé vermelho nato
Pé vermelho com orgulho !
Pé vermelho com muito orgulho.!!
Sou pé vermelho de coração, nascida na minha Terra Bonita chamada Ibiporã
Sou pé vermelho com muito orgulho, moro há 23 anos em Curitiba, mas não perdi as minhas raízes, estou sempre em Londrina, o que lá mora todos os meus familiares e muitos amigos. Amo Londrina.
Sou pé vermelho, com muito orgulho
Ibiporã (Terra Bonita).
Sou pé vermeio de Uraí.
Amo minha linda Londrina! Com muito orgulho.
Eu só pé vermelho de Uraí com muito orgulho lugar de fartura
Obrigado ao governo do Paraná por meu. Comentário amo minha terra
Eu sou pé vermelho com muito orgulho moro em Sumaré SP mas nasci e cresci em Mandaguari
Sou pé vermelho toda a vida, embora more em Cuiabá
Eu e a Prefeitura de Maringá somos pés vermelhos desde que nascemos! E adoramos café, que cresce tão bem por aqui!
Eu sou pé vermeio. é assim lá em Wenceslau Braz ..... não pé vermelho
É uma terra abençoada onde tudo que se planta dá. Gloria a Deus
também sou pé vermelho com Muito orgulho. Sou de Tomasina PR. Hoje moro em São José dos Campo SP. Sai de lá tinha 18 anos
Eu sou pé vermeio de Congonhinhas.
Pé vermelho , com muito orgulho! Wenceslau Braz.
Sou pé vermelho com muito orgulho ... nasci em São José da Boa Vista ...onde construí minha família ... amo esse lugar
É isso mesmo também sou pé vermelho.
Pé vermelho e barriga roxa
Sou de primeiro de maio pé vermelho mesmo mais sai daí com 19 anos
sou londrinense com muito orgulho
Estou morando em Ribeirão Preto e me sinto no meu Paraná. Terra vermelha!
É importante observar que está terra é de origem vulcânica.
Sou pé velho com muito orgulho



Somos pé vermelho de Cambará com muito orgulho da querida terrinha.
Pé vermelho casada com pé das águas . Virou um delicioso vinho.
Sou um pé vermelho de Londrina em New York.
Eu sou pé vermeinho...
Pé vermelhíssimo de Engenheiro Beltrão com muito orgulho!!
Eu sou pé vermelho! Natural de Cornélio Procópio! Hoje moro em Tibagi, terras dos diamantes!
Hoje Pé muito vermelho o dia todo...Com Orgulho.
Sou! E com muito orgulho.
Sou de Paranaguá, chega ser pé vermelho ?
Eu também sou com muito orgulho....
Sou Pé vermelho de Apucarana. Já amassei muito barro vermelho
Sou pé vermelho autêntico, nasci em Jaguapitã, bem no norte paranaense.
Sou Pé preto de Curitiba, e coração vermelho de Rolândia, casei com um alemão a 44 anos e hoje voltei a ser pé-preto em Köln...(Alemanha)
Com muito orgulho! Sou paranaense
Moro em São Paulo mas sou de Maringá, Pé Vermelho com muito orgulho.
sou pé vermelho de Maringá
Sou pé vermelho com muito orgulho de Ivaiporã.
Curiosidade: esse apelido surgiu em Curitiba quando os pés vermelhos chegavam na cidade e pegavam um taxi, os taxistas desonestos quando viam que o passageiro tinha os pés avermelhados rodavam bastante pela cidade, pois sabiam que eles não conheciam os trajeto
Eu sou pé vermelho de Ivaiporã.
Sou e com muito orgulho.
Convivi por 20 anos com os pés vermelhos do Paraná. Gente acolhedora de fácil relacionamento. Deus abençoe todos os paranaenses. Principalmente os pés vermelhos.
Eu sou pé vermelho com orgulho do meu antigo sapecadão e amado Ivaiporã
Com muito orgulho também sou.
aqui é Paraná! De Ivaiporã de tanto vermelho chega ser roxo.
Eu sou pé vermelho com muito orgulho. .
Minha terra querida!!!
Eu já, pois sou paranaense com muito orgulho! Viva o Paraná!!!
Sou de coração.. De SANTO ANTÔNIO DA PLATINA...
Sou pé vermelho com muita honra minha mãe que diga!
Eu já! Sou pé vermelho de coração!
Eu sou . pé . vermelho sou Paranaense
Sangue vermelho e coração colorado, Eu sou do sul, na minha terra tem o céu azul, e não o pé vermelho...brincadeira, lindo a pessoa ter orgulho de suas raízes eu amo o meu estado e minha linda cidade de Rio grande. Beijos amigo de pé vermelho.
Eu sou pé vermelho também.. Minha linda Maringá
Sou pé vermelho com muito orgulho lugar melhor não há
Eu também sou pé vermelho de Jandaia do Sul PR !
Sou pé vermelho e com muito amor a Mandaguari.
Sou pé vermelho de coração sou de Campo Mourão
Como se diz em Londrina, sou pé vermelho com mãos limpas!

Sou legitima pé vermelho de Londrina!
Sou pé vermelho de Peabiru...me orgulho disso...
Sou pé vermelho e tenho orgulho
Agora sou uma pé vermelho... Com muito orgulho terra boa
Sou e com muito orgulho!!!
Pé vermelho com orgulho São João do Ivaí PR.
Sou PÉ VERMELHO DE SANGUE.... Campo Mourão é minha terra natal...
Eu também, Ribeirão Preto! SAUDADES.....
Eu sou pé vermeio!! Interior do Paraná!!
Minha infância Guaíra
também sou pé vermelho e com muito orgulho.
Sou pé vermelho sim com muito orgulho. Eta Santo Antônio da Platina. Que saudade. Quatiguá. Tomasina. Muito bom
Sim pé vermelho com muito orgulho
Quem não teve o seu pé vermelho morando em Londrina? Ou no norte do Paraná!
Sou pé vermelho. Wenceslau Braz.
Sou de Santa Izabel do Oeste sou pé com muito orgulho
Cornélio Procópio norte velho do Paraná. Orgulho só....
Sou e com muito orgulho
Eu sou pé vermelho com orgulho...
Com muito orgulho nasci em Londrina e sou sim PÉ VERMELHO
Sou sim de Cambará....Paraná....com muito orgulho !!!!
Eu sou pé vermelho de Jandaia do Sul ,com muito orgulho
pé vermelho com muito orgulho.
Eu também sou pé vermeio com muito orgulho. Bandeirantes PR saudades.
Uraí...
Sim eu fico sempre com os pés vermelhos. Maringaense de nascimento e residência com muito orgulho! Amo minha cidade linda e ótima de viver!
O meu é vermelho. E sempre passo por aí.
Sou pé vermelho! Com muito orgulho! Paraná o celeiro do Brasil, terra abençoada! Sou Londrina e não, nascida e criada aqui! Não troco minha cidade por lugar nenhum! AMO LONDRINA!
Pé vermelho com orgulho!!! Voltando pra Maringá!!!
Já fiquei com os pés vermelhos, andando de sandália em uns trechos sem calçada em Londrina! Cidade linda, por sinal!
Eu sou pé vermelho e encardido.
Sou pé vermelho de nascimento e apesar de não morar mais aí há muitos anos eu amo o esse norte do Paraná e sinto muitas saudades !! Continuo sendo Pé vermelho demais da conta !!!!! Mais amo meu Minas Gerais também !!!
Nascido em Tomazina. Criado em Ibiporã. Pitanga primeiro trabalho da fase adulta. Sou com muito orgulho tri pé vermelho. E para quem gosta de futebol, sou Tubarão 76.
Saudades sou pé vermelho!
Londrina...
Aoh mundão. Pé vermelho com muito orgulho saudade da minha terra...

A vida me levou pra MT, mas jamais esqueço minhas origens PÉ VERMELHO de Rolândia e Jaguapitã
Jaguapitã, pena que não permaneci lá .
Sou pé vermelho de Cornélio Procópio, c muito orgulho!
O "roxo" é porque os italianos que colonizaram a região diziam que a terra era "roso" que é vermelha em italiano... as pessoas que viviam lá e não entendiam o idioma passar a chamar de roxo...
Maringá com muito orgulho.
Ibiporã na área de coração, pé e mãos vermelha
Também faço parte da família dos pé vermeio
"Pé vermêio", Londrina, de nascimento, malcriação e domicílio.
Sou pé vermelho por adoção, vim do Estado de São Paulo. Tenho orgulho em hoje ser um "Pé Vermelho".
Platinense de nascimento e de coração. Orgulho total!
Saudade da terrinha
Também sou com muito orgulho
Sou Platinense de Coração amo Paraná
Muito orgulho de ser pé vermeio.
Já fiquei e adorei morei 3 anos nessa linda terra!
Eu sou pé vermelho com orgulho terá abençoada por Deus
ABATIÁ!!!
Somos pé vermelho com muito carinho
Pé vermelho com muito orgulho , apesar de não morar no Paraná sou Paranaense de nascimento e de coração... Sou de Primeiro de Maio.
muitas vezes & amo "pé vermelho"!!!
já fui em Japurá, fiquei um mês com o pé vermelho, vocês lembram? ??
Pé vermelho de Guaíra
Não fujo minhas raízes. Paranaense com muito orgulho .....
Sou pé vermelho com muito orgulho da minha saudosa Pitanga ..
Pé vermelho de Guaíra
pé vermelho de Jaguariaíva PR
Eu também sou com muita honra. Amo meu Paraná !!!!
Sou pé vermelho de Inajá !!!
Pé vermelho de Palmas PR capital da maçã
Pé vermelho com muito orgulho ..
De Bandeirantes
Apenas nasci em Londrina, minha alma é paulistana, lamento muito!
De Ivaiporã com orgulho
agora o nome correto é Latossolo vermelho. Latossolo roxo não se usa mais.
Sou pé vermelho de roncador.
Também sou ,sou de Fernão dias com muito orgulho ..
Sou com muito orgulho..... Nasci em Marialva!!!
Nossa como sou pé roxo
eu sou pé vermelho de Jandaia do Sul.
Pé vermelho com muito Orgulho

Sou pé vermelho e tenho muito orgulho do meu Paraná
Com muito orgulho, de Apucarana.
Pé vermelho de Santo Antônio da Platina. Com muito orgulho.
Pé Vermeio de Andirá...
Eu sou pé vermelho com orgulho!
Pé vermelho Barra do Jacaré
Pé vermelho de Cornélio Procópio com orgulho saudades
Eu sou pé vermelho de Ivaiporã-PR, com muito orgulho!
E eu sou com muito orgulho
Pé vermelho, e bicho do Paraná
Sim amigo já fiquei muitas vezes com pé vermelho
Sou pé vermelho com muito orgulho
Não sou pé vermelho. Sou guarapuavano
Pé vermelho de Assis Chateaubriand!
Estou em SP mas sempre pé vermelho com muito orgulho
Marechal Cândido Rondon....apoiado
Eu também sou pé vermelho
Eu também de Jandaia que apesar de ser do Sul, fica no norte do Paraná
Já temos pé vermelho Figueira do Oeste. Adoro!
Eh Perobal querido que saudade
Pé vermelho de Mandaguaçu!!!!
Nasci no Sul do Paraná, mas, sou Pé Vermelho com orgulho! Te amo Maringá , onde moro há 49 anos. te amo Londrina onde fui criada , casei e tive Meus filhos e, também amo a cidade onde nasci, Paranaguá! mas, Maringá.....ah, Maringá....você é demais. !
Pé vermelho de Pitanga huhullll...
Eu sou pé vermelho de Londrina!
Eu sou pé vermelho de Porecatu, terra querida, com muito orgulho.
Pé vermelho com muito orgulho
Hoje estou em SP mas nasci e fui criada em Maringá só sai de lá aos 28 mas coração ainda Paranaense.
Pé vermelho com muito orgulho da bela MARINGÁ!
Eu sou e tenho enorme orgulho.
Pé vermelho de Jacarezinho sô...
Sou de Assaí. Mas vivi a maior parte da minha meninice e mocidade em Ivaiporã. Acho que também sou pé vermelho... Adoro essa terra maravilhosa !!!!
Sou pé vermelho, de Nova Fátima, com muito orgulho.
Sim também sou pé vermelho e me orgulho muito disso
Com muito orgulho somos !!!!
Amo ser pé vermelho!
Também sou da terrinha santa maria do rio do peixe região de Município Congonhinhas.
pé vermelho
Sim amo ir na casa de minha tia lá tem terra vermelha fico com os pés nessa cor quando vou lá e só gosto de anda descalça.
eu sou paranaense do pé vermelho
Eu sou de Ivaiporã , também me encaixo nessa com orgulho

Estou morando no RS, mas sou VIP "Vindo do Interior do Paraná" e "Pé Vermelho" com muito orgulho.
Paranaguá... Campo Mourão. Saudades de lá
Moro em Sinop-MT mais de 12 anos, mais sou pés vermelhos com muito orgulho!
Também sou pé vermeio, mas do lado de cá do rio Paranapanema, Cândido Mota, também conhecida como o 'Gigante Vermelho'!
Não sou , já fiquei e amo o Paraná.
Amo muito minha terra de nascença Toledo e também Aparecida do Oeste Tuneiras D'oste ..
Sou pé vermelho tenho muito orgulho de ser Paranaense .
Pé vermelho ou coxa branca o Paraná é maravilhoso!
Sou de Ubatã, paranaense com muito orgulho
Nova aurora com muito orgulho!
Sou pé vermelho de corpo e alma Goioerê com orgulho
Sou Município De Ubatã terra vermelha com muito orgulho.
Orgulho de ser pé vermelho.
Tenho orgulho dessa terra maravilhosa e produtiva sou de Maringá beijos meus amigos sou pé vermelho
Com muito orgulho de Porecatu
Eu já fiquei, mas em Campinas cuja terra também é vermelha... Legal saber!
Vermelho vermelhinho vermelhão com muito orgulho
Moro aqui em Itararé SP, mas sou pé vermelho nascido em Jandaia do Sul.
Muito da Hora! É Cultural ! É Poético ! É Raiz Do Brasil! Muito interessante!
Eu sou pé vermelho!!!
E Palotina...oeste o que eh???
Opa!!!! Paranaense com muito orgulho!
Eu sou pé. Vermelho sempre de Palmas PR
Esqueceram de contar na história que pé vermelho foi criado pra tirar saro do pessoal do Norte pelo pessoal da capital e hoje se tornou ícone do Nortista do PR. Sou Curitibaense mas Londrinense de Coração
pé vermelho. Amo a cidade que nasci, Bandeirantes
Tenho muito orgulho de ser pé vermelho
Embora distante do meu Paraná querido, trago com orgulho o vermelho nos pés, sou PARANAENSE sim.
Pé vermelho com orgulho
Nasci em Cambará. Terra vermelha.
Sou de Conselheiro Mairink PR. pé vermeio com orgulho ...
Também sou pé vermelho com orgulho , Maringá
Sou pé vermelho com orgulho de Maringá PR
Apesar de não ter nascido lá. Me considero pé vermelho pois vivi muito tempo lá, primeiro em Goioerê e depois Maringá.
Pé Vermelho de Maringá. Com muito orgulho!!!!
Eu sou pé vermelho com muito gosto lá de Porecatu
Sou, com muito orgulho.
Com muito orgulho!

É nós mesmo, sou pé vermelho, de Andirá, com muito orgulho, um abraço aos meus amigos, da Vila americana, saída da Barra, Santa Inês, ficam com Deus,
Sou pé Vermelho, sou de Barbosa Ferraz PR...
Orgulhoso de ser Pé Vermelho.
Muitíssimas vezes Londrina sempre Verrrrmeeeeiiiaa !!
eu também sou pé vermelho de Borrazópolis
Sou pé preto de Jaguariaíva. La a terra é preta.
Solo abençoado por Deus ! Sustenta boa parte deste País . Nós PRODUZIMOS ....
Com muito orgulho Abatiaense pé 100% vermeio !!!!!!!
Também sou paranaense com muito orgulho. Abraços.
Cianorte - PR , divisa da terra roxa e o arenito Caiuá. Na parte de transição encontramos terra mista. Aqui sim, tudo que se planta produz. Ótima região para a diversificação de culturas, porém ninguém aplica as tecnologias disponíveis. É frustrante!
Apucaranaense de coração tenho muito orgulho desta terra onde passei um infância maravilhosa e com o pé bem vermelho.
Sou pé vermelho com muito orgulho sou de céu azul Paranazão hehehe
Sou pé vermelho com muito orgulho, nasci em Nova Esperança, morei em Altônia e hoje moro em Jaguariúna sp...mas não esqueço minhas raízes!!!!
Eu sou pé vermelho
Sou pé vermelho de Campo Mourão com muito orgulho
Muitas vezes, pés, sapatos e até a roupa... Tudo vermelho de terra... Sou da roça... E que orgulho em dizer isso!!...
Eu também com muito orgulho.
Sou pé vermelho...me orgulho muito disso!! Londrina e saudades.
Sou pé vermelho e com muito orgulho !
Sou pé vermelho de Santo Antônio da Platina com muito orgulho
Cianorte... Amo ser pé vermelho...
Só por curiosidade mesmo, a terra roxa tem na região de Curitiba também, ou mais no interior!?
Verdade...também sou...
olha aí os Pés Vermelho!!! Sou da Rua Goiás!!!
Eu nasci em Bela Vista do Paraíso PR, terra roxa que é um verdadeiro adubo, tudo que se planta DÁ.. Nasci com asma (bronquite asmática) e meus pais nunca me deixaram andar descalços, por isso que não tinha o pé vermelho.
Já fiquei quando morei em Santa Helena de Goiás, a terra também era vermelha, dobrinhas dos pés e das mãos, roupas brancas, ficavam avermelhadas.
Bandeirantes Paraná.
Também sou da terra dos pés vermelho.
Eu também sou pé vermelho.
Com muito orgulho. Amo minha cidade... Maringá
Sim, lembro um dia, Armando e eu fomos a caminhar no parque, e quando voltamos para o hotel, nós entramos sem olhar que nossos tênis tinham muita terra, e todo o caminho para o quarto ficaram com nossas pisadas vermelhas, foi uma vergonha grande.
Conheço vários pés vermelhos e são todos muito trabalhadores
Eu amo meu Paraná... sou de Arapoti, saudade.

Sou pé vermelho com orgulho...Porecatu terra querida. Amo minha cidade...
Eu sou pé vermelho com muito orgulho!
Aqui Tatuí na minha cidade é conhecida com terra vermelha.
até morrer!!
Let's get this right: The soil in the north part of Paraná State is red. So why is it referred to as "roxo"? A large part of the immigrants that came to colonize the region where from Italy and obviously did not speak Portuguese. In the Italian language the color "red" is "rosso", thus the mispronouncing of "rosso" into roxo. So, the soil is definitely red. Hope this helps.
Morei quase 15 anos em Londrina. Tenho saudades e orgulho de lá, dos amigos e toda maravilha que é. Bão demais. Gostava quando jogava pedra no Lago Igapó ouvir o barulho tiburrr....tiburrr....tiburrr
Eu sou de Mandaguari, mas, minha infância foi em Bandeirantes PR
A terra roxa (vermelha) fica na região norte do Paraná
Sou pé encardido (vermelho) de Fênix PR. Depois de tantos anos em São Paulo já está branquinho.
Sua pé vermelho
Meus pés até hoje são vermelhos. Não a química no mundo que consiga tirar o vermelho dos pés ..nem venish poder 02 tira
Euuuu também... sou... pé vermelho!!!!
Eu sou com muito orgulho
Sou pé vermelho de coração!!! Amo minha terra .
Eu só pé vermelho com muito de Bandeirantes
Sou pé vermelho como muito orgulho de Jandaia do Sul
Sou pé vermelho de Curiúva, com muito orgulho.
eu fui e sempre serei pé vermelho me orgulho disso saudades da minha cidade querida que tanto amo .
Pé vermelho de São João do Caiuá...
O Nico é pé vermelho!!!
Ribeirão do Pinhal PR nunca te esqueci.
nascido em Ivaiporã e família toda de Ortigueira...
Também sou pé vermelho com muito orgulho.
Já sujei o pé em Cornélio Procópio, Primeiro de Maio, Londrina, de pó e de barro.....
Sou PÉ vermelho de CORAÇÃO... isso será q vale?
Nós somos pé vermelho né
Ivaiporã... Minha cidade amada...
Sou pé vermelho com muita orgulho...!!! infelizmente hoje moro em SP..
Sou pé vermelho com muito orgulho morava em nova prata do Iguaçu. agora estou em Santa Catarina!!!
sou pé vermelho de Pérola com muito orgulho
Pé vermelho com muito orgulho!!!!
pé vermelho ou lombo sujo de Campo Mourão...com orgulho.
Sou Pé Vermelho de Londrina, Cearense de coração!
O "roxo", na verdade, é vermelho. Em "italianês" ficou roxo.
Sou pé vermeio desde sempre....
Me considero pé roxo também



Não só no Norte, aqui no Oeste também.
Sou pé vermelho, de LUPIONÓPOLIS PR
Sou nascida em Londrina , uma cidade maravilhosa e linda tenho muito orgulho de ser pé vermelho de coração .
Eu sou pé vermelho roxa....e amo
Sou pé vermelho. Hoje comedor de queijo também
Sou de Nova Londrina com muito orgulho
Jardim alegre!!!
Adorei as cidades dessa região, e a paisagem do lugar, muito verde, plantações de soja dos dois lados da rodovia! Tudo lindo!
Sou paranaense com orgulho. Saudades.
pé vermelho de Siqueira Campos
Eu também sou e assumidíssima....com muito orgulho.
Paranaense com muito orgulho...PÉ VERMELHO SRMPRE
Eu sou pé vermelho com muito orgulho!
E eu também!!! de Tapira com muito orgulho !!!!
Sou pé vermelho
Wenceslau Braz pé vermelho sim
Sou de Rolândia norte do Paraná aqui é pé vermeio uai
Tenho orgulho desse chão
Eee saudade de Alto Paraná e de Paranavaí! "Pé vermeio" com orgulho!
Eu sou pé vermelho com muito orgulho
Eu não sou gato de Ipanema, sou Bicho do Paraná !
hehehe vixi tempo bom quando chovia ...
Não só o pé, mas o corpo inteiro...com orgulho Jandaia do Sul
De bandeirantes PR hoje na capital Curitiba mais sempre pé vermelho graças a Deus
Moro no Mato Grosso! Já tem mais de 20 anos, porem o pé continua vermelho!
Sou da divisa. Ourinhos: taca-lhe pé vermelho.
Adorei!!! Sou com orgulho da cidade de primeira CARLÓPOLIS....para quem não sabe perto de Jacarezinho...cidade da Grazi Massafera.
Nos EUA existe a expressão similar: red neck. No caso, a nuca é vermelha e também é uma expressão pejorativa. Eu também sou orgulhosamente pé vermelho.
Pé vermelho de Tapira
Eu também sou pé vermelho com muito orgulho .esta terra é o celeiro do Brasil
Hoje estou VIP no MT. Vim do Interior do Paraná.
Muito bom ver que os paranaense, são mesmo orgulhosos de sua terra, sou de Umuarama capital da amizade, mas pé vermelho é nossa marca.
E eu de Jandaia do Sul. Terra das mulheres lindas e homens inteligentes. Pés vermelho q fazem a diferença na grande Curitiba há 25 anos.
Com todo orgulho
Sou pé vermelho com muito orgulho!!!
Não sou, mas sempre que posso fico. Amo esta região.
Eu também sou pé vermelho com todo orgulho.
Eu também sou pé vermelho com muito orgulho
Agora também sou... Mas do latossolo de Ribeirão Preto!

Sou de Janiópolis do Sul...
Eu também sou pé vermelho com muita honra!!!
Eu sou com muito orgulho
Eu também sou pé vermelho nascida em Maringá e já morei também na cidade que se chama Terra Roxa perto de Guaíra.
Sou pé vermelho sim amo o Paraná
Sou de Santa Fé mas moro em Apucarana 30 anos pé vermelho com muito orgulho
Que Saudade da minha Sertaneja!!! Se Deus quiser logo estarei por lá!
Sou de Kaloré...pé vermelho mesmo.
Eu sou também pé vermelho
Sou pé vermelho com muita honra. Tô na minha terra e não saio daqui.
Pé Vermelho sim
Sou pé vermelho de Londrina
Sou pé vermelho de Paranavaí, moro há 8 anos em Lisboa. ...Saudade da minha terra
Mas é claro. Eu não sou gato de Ipanema, sou bicho do Paraná. Eita nós.
Sou de Faxinal
Sou pé vermelho com muito orgulho..
Sou pé vermelho de Marialva mais atualmente moro em Curitiba saudade da minha cidade
Sou PÉ VERMELHO de Faxinal, com muita honra. Amo.
Tenho orgulho de ser pé vermelho de nossa senhora das graças
Sou pé vermelho de Itambaracá, minha amada e saudosa cidadezinha do interior, mas morando 10 años na Espanha e cada vez que coloco meus pés neste chão vermelho como o sangue das minhas veias sinto uma grande nostalgia, sinto saudades do cheiro da terra mo...
Sou de Cambará, mais pé vermelho impossível. Estou em Londrina.
Sou pé vermelho de Arapongas morando em Barretos SP há 7 meses
Alto Piquiri...não sabia...saudades
Sim sou paranaense!!!!
Outro fato curioso. Italianos vindo de São Paulo para trabalhar no campo falavam da região (terra rossa) que significa terra vermelha . A Ferrari p ex. é máquina rossa, e assim permaneceu: Terra Roxa.
Sou do pé vermelho de Mandaguari e muito feliz.
sou de Arapongas pé vermelho com orgulho...é nós
Sou pé vermelho com muito orgulho.
Sou pé vermelho com orgulho.
Eba eu sou pé vermeio Adoro!
Saudades de ser pé vermelho...terrinhã muito boa...
Pé vermelho de Rolândia
Já e tenho muita saudade desse pedacinho de chão ....
Sou de Fênix,35 anos em São Paulo, mas quando tiro férias vou visitar minha família que mora aí nessa cidade maravilhosa. Passei minha infância aí muitas saudades.
Toledo , sim pé vermelho
Sou de Fênix...há 8 anos em Curitiba...
Sou pé vermelho de Faxinal. Estou no Pará há 17 anos
Sou de Londrina, saudades de minha terrinhã!!
Ribeirão do Pinhal ...

Peabiru, Campo Mourão, eita Nortão
Nasci, em Nova América da Colina, com trinta dias de vida me levaram para o mato em Ivaiporã - Jacutinga, vivi lá até 27 anos, gosto de tudo lá, vou lá até 3 vezes por ano. Mais se eu quis melhorar a situação tive que sair, moro em Sumaré SP.
Sou pé vermelho da cidade de Ribeirão do Pinhal, atualmente morando em Santa cruz do rio Pardo
Hoje no Acre mas sou de Faxinal.
Pé vermelho! De Maringá! Eita cidade bonita!!!! A terra é roxa! Roxa não é! Ela é vermelha e suja o pé!
Orgulho de ter vivido minha infância nessa terra maravilhosa !
Sou pé vermelho de coração!!!
pé vermelho de Arapongas..
Pé vermelho de Astorga!
Sim sou da terra
#CianortenseComOrgulho
Sou pé vermeio de Ribeirão do Pinhal!!
pé vermelho de Santa Amélia
Eu já até demais que saudades
pé vermelho de Alvorada do Sul, cresci em Goioerê.
pé vermelho de Ibiporã mas hoje moro em Porto Alegre
Quem já foi pé vermelho não esquece jamais. Sou com orgulho pé vermelho de Maringá morando em Curitiba.
sou do vale do Paranapanema...Alvorada Do Sul - PR. ..original.
Já morei em Cianorte hoje moro em Coxim
Moro em Itararé estado de São Paulo mas também sou pé vermelho cm orgulho
Pé vermelho nascido em Santo Antônio da platina cresci e tenho Jacarezinho como minha cidade do coração e moro em Indaiatuba há 20 anos. Sou pé vermelho com orgulho.
Amo saudades
Sempre com muito orgulho
Em Minas também tem essa expressão....
De Santa Cecilia do Pavão, agora em Curitiba
Cascavel
De Assai com muito orgulho. Hoje em São José dos Campos / SP
Maringá minha terra querida.
Pé vermelho de Bandeirantes
Pé vermelho de São Martinho...
Sou da capital do Norte!! Londrina! Pé Vermelho com orgulho!!
40.. anos atrás eu era pé vermelho.. adorar.. paraná.. agora estou em araras São Paulo
Sou de lá também, com muito orgulho
Somos pé vermelho com orgulho....
O termo surgiu quando José Richa, ex prefeito de Londrina foi eleito Governador do Estado. Diziam lá no sul que a gente iria "marcar" o palácio Iguazu com nossos pés sujos da terra roxa
Sou pé vermelho desde que nasci .
Andirá

Eu sou pé vermelho com orgulho, nasci em Telêmaco-Borba, cresci em Mauá Da Serra, depois fui embora pra Curitiba e hoje moro em Londres.
eu sou pé vermelho mais não sou PT
Adoro, pé no chão... pé vermelho!!!!
Eu sou pé vermelho do outro lado do Paranapanema.. . Ourinhos.
Eu sou pé vermelho.
Eu sou pé vermelho de nascença
Sou pé vermelho de Lobato.
Sou pé vermelho, de Londrina,
Orgulho de ser "pé vermeio "
orgulho de ser platinense! terra boa!
Pensei, que fosse só em Londrina. Morei lá em criança, e nunca esqueci a cor da terra.
Ei amigo por isso eu sou pé vermelho eu nasci em Terra Roxa. verdade.
pé vermelho com orgulho !
Uma vez pé vermelho, sempre pé vermelho!
Eu nasci em Borrazópolis, também sou pé vermelho!
Eu sou pé vermeio
Por pouco não nascemos pé vermelho, nosso irmão nasceu e morreu na boa terra!
Sou de Curitiba mas já fiquei de pé vermelho, terra boa de paranaenses que trabalham e lutam, que me fazem ter orgulho de ser deste estado.
muito interessante... eu sou pé vermeio e meus filhos também...
Sou mesmo com muito orgulho! !!
Sou pé vermelho.
Pé vermelho com orgulho
Palmital-SP também é pé vermeio!!!!
Sou Marianense de pé e sangue vermelho e Cuiabano de coração!
Sou pé vermelho com muito orgulho Porecatu e Bela Vista do Paraíso.....
Com orgulho!
Sou bicho do Paraná e pé vermelho de Londrina com orgulho.
Meu coração é vermelho!!!!
Município de Guaíra também é pé vermelho.
Sou pé vermelho de nascimento e barriga verde de coração.
Eu sou pé vermelho.
Que Legal! Finalmente descobri porque chamam esta região de pé vermelho, obrigada pela informação!
Sim pé vermelho com orgulho!!!
Nossa que saudade de correr nessa terra...
Eu também sou pé vermelho com muito orgulho.
Sou de primeiro de Maio. saudades? Sei não. Passear é bom mas não fico muito tempo longe das luzes da cidade é muito bom ne? Mas o não é sampa ainda temos muito mais aqui
Sou Pé Vermelho com muito Orgulho ..e sou da minha querida Sertanópolis
O roxa veio dos italianos. Com muito orgulho. Sou pé vermelho.
Bandeirantes e Andirá. Minha terra, muito orgulho de ter o pé vermelho
Sou filho dessa terra abençoada

Muito. Já brinquei muito descalça quando era menina e ainda hoje, menina há mais tempo, continuo ficando sempre que posso.
Os imigrantes italianos falavam que a terra era "rossa" em alusão à vermelho! Aí o caipira logo emendou um "roxa"!
Eu também, acabei de voltar, de Foz do Iguaçu, lavei todos os calçados vermelhos da terra roxa.
Amo meu Paraná!
Já pisei neste solo maravilhoso que tanta riqueza traz a esse país.
Sou de Borrazópolis.
Terrinha de Bandeirantes...com muito orgulho
Eu sou pé vermelho. ..
Eu também tenho orgulho de ser pé vermelho...Nortão do Paraná
Sou pé vermelho com muito orgulho, tenho muitas saudades de Londrina, do calor, dos meus parentes e de muitos amigos que lá deixei.
Com muito orgulho de ter os pés vermelhos!!!!
Meu Coração e vermelho porque não o pé muito orgulho de ser paranaense
Também sou pé vermelho. Nasci em Sertanópolis
Que lindo vermelho minha amiga no dia que passar no seu cantinho faço questão de pisar este chão com carinho descalço e ver meus pés bem Vermelhinho.
Sinto muita saudades e tenho vontade de ficar com o pé vermelho novamente. Sim muitas vezes já fiquei com o pé vermelho
Eu também sou pé vermelho
Sou pé vermelho de Assis Chateaubriand com muito amor
Eu sou pé vermelho de Itaguajé com muito orgulho...
Sou pé vermelho com muito orgulho, de Apucarana
Sou pé vermeio de bandeirantes com muito orgulho
Eu sou pé vermelho com muito orgulho.
Mauá da Serra no de coração. Pé vermeio com orgulho.
Eu também sou Alvoradense e do pé vermelho com muito orgulho.. ..
Sou pé vermelho e por isso um "VIP" (vim do interior do Paraná) Londrina capital do café...
Eu sou com muito orgulho
Só quem nasce nessa terra para saber os sabores de ser um legítimo "pé vermeio"...
Eu também sou pé vermelho, saudade da minha terra.
Muito e com orgulho também.
Eu sou da terra do pé vermelho.
Eu também, muitas vezes...pé vermelho com orgulho.
Sou com muito orgulho
Eu sou pé vermelho
Sou de Maringá...
Com muito orgulho!
Eu sou pé vermelho e gosto de leite quente
Sou pé vermelho até no nome , sou de Jandaia do Sul
Minha mulher é de Califórnia PR
Eu também sou pé vermelho de terra boa
Opa com muito orgulho

Moro em Goiás, mas nasci e vivi no norte do Paraná
Sou pé vermelho com muito orgulho. Londrina
Eu também com orgulho.
Eu também com muito orgulho.
Sou pé vermelho com orgulho.
Nasci em Apucarana mas me criei em Peabiru, eu sou pé "vermeio" com muito orgulho!
Leia-se Pé Vermelho mais fale o correto na região "PÉ VERRRRMEIO"
pé vermeio
Sou pé vermelho também apoio
Eu sou pé vermelho com muito orgulho, sou paranaense. Até a morte
Sou de Jandaia do Sul PR, com muito orgulho sim !!!
Eu sou ... Nasci em Jacarézinho PR.
Não sou pé vermelho, mais casei com um.
nasci em Sertanópolis
Muitas vezes , com muito orgulho
sou com muito orgulho .
Sou de ouro verde do oeste amo minha terra
Não sou pé vermelho, mas me sinto como se fosse com orgulho
Sou pé vermelho com muito orgulho!!!
Eu também com muito orgulho
Pé vermelho é para os fracos, eu sou é "pé vermeio".
pé vermeio de FAROL
Sou pé vermelho de poeira e verde e amarelo de coração.
O meu pé é Preto de Carvão. Já inúmeras vezes estive em cidades do Norte do Paraná
Eu também, sou natural de Paçandu mas nunca vivi lá, sou morador de Mandaguaçu e amo muito aquela cidade e sou PÉ VERMELHO SIM.
Eu sou Pé Vermelho com muito orgulho. Deus abençoe a todos.
Não só o meu pé fica vermelho como também o meu carro, as minhas roupas, quando vou para Faxinal - PR. Difícil de sair.
Sou de Cornélio Procopio
Com certeza sou de Ribeirão do Pinhal com muito orgulho no peito
Com muito orgulho...
Moro em Sorocaba atualmente e sou Vip
morei lá e minha mana nasceu lá também.
também é pé vermelho.
Muito orgulho de ser pé "vermeio" Campo Mourão.....
Sou bicho do Paraná , com orgulho da minha terra vermelha !
Este é meu mundo amo muito
Pé vermelho. Pó de uma terra rica e produtiva.
Eu também sou pé vermelho com muito orgulho!
Com muito orgulho
Sou pé vermelho... Porecatu... Amo!
Já ! Nasci em São Luiz Gonzaga terra vermelha ! Terra Boa! Moramos em Guarapuava Paraná terra vermelha! E gelada sou pé vermelho também.
Sou pé vermelho de Porecatu !

Pé vermelho de Foz do Iguaçu
Sou pé vermelho, nasci em Japira!
Sou pé vermelho de Arapongas
Eu sou com muito orgulho... Campo Mourão PR
Sou do Oeste e sou pé vermelho!!!!
Sou pé vermelho com muito orgulho
Sou Londrina. Nasci em Curitiba, e moro atualmente em Londrina.
SOU VIP!
Sou pé vermelho com muito orgulho sou de. BANDEIRANTES
Sou pé vermelho e me orgulho!!!
Sou 'Bicho do Paraná', um Pé-Vermelho de Londrina, e hoje moro em Macapá/AP, às margens do majestoso Rio Amazonas. Saudades da minha terra, minha gente, minhas raízes..
Também sou pé vermeio com orgulho
Sou londrinense... Com muito orgulho! A capital do interior do Paraná.
Sou pé vermelho de Ibiporã, com muito orgulho.
Eu sou pé vermelho com muito orgulho!
Sou pé vermelho de Maringá PR, e como diz a canção.... Eu não sou gato de Ipanema sou bicho do Paraná.
Os pés... Coração... Alma... Paranaense, sempre. Esteja onde estiver...
Quando você chega na praia e vê seu pé vermelho em contraste com a areia branca o efeito é revelador da presença do ferro na nossa terra rica ...
com muito orgulho somos pés vermelhos
Sou pé vermelho de Apucarana.
sou pé vermelho com orgulho.
pé vermelho
Eu não sou pé vermelho! Sou coxa branca!
Sou com muito orgulho!
Sou pé vermelho Tamarana PR.
Sou de Ivaiporã, Sou pé vermelho e amo meu Paraná!!!
Sou pé vermelho, Maringaense com orgulho!
nós também somos pé vermelho de Cambará
Pé vermeio com muito orgulho eu amo meu Paraná. Assaí terra gente boa
Sou pé vermelho de Boa Vista Da Aparecida, com muito orgulho...
Me orgulho de ser Pé Vermelho de Congonhinhas, cidade maravilhosa...Amo
Me orgulho de ser "Pé Vermelho"!
Somos pé vermelho do Norte pioneiro!
Eu sou pé vermelho de Assis Chateaubriand
Eu sou com muito orgulho!
Com muito orgulho.
Sim, passei muitas férias em Maringá onde as ruas eram de terra! Delícia!
Não é que São Paulo nossa capital, por ter muito paulista aqui e estamos mais perto do que Curitiba, acabamos pegando alguns costumes isso é. Normal....mas tenho muito orgulho do meu estado!!!
Nós de Goioerê somos Pé vermeio e pronto.
é pé vermelho!!!!

Tenho muito orgulho do norte da minha terra querida Paraná... Desde pequeno que meu pé fica vermelho, amo te Londrina
é pé VERMEIO
Quando o Zé Richa foi governador do PR. Ele levou para capital boa parte de seus assessores. E os curitibanos começaram fazer piadinhas com os "pé vermelho". "Aí vem mais uma turma de pés vermelho ". E assim ficamos cada vez mais orgulhosos de sermos PÉS VERMELHO.
Sou pé vermelho de Figueira PR. amo minha terrinha ainda volto pra lá.
VIP: Vim do Interior do Paraná
Também sou do pé vermelho. É a cor, do coração .
Adoro-o. ... Ibaiti. .. a rainha das colinas!
Sou e com muito orgulho
E faltou o adendo... Terra Roxa... porque os imigrantes italianos falavam terra rossa... Rosso em italiano é vermelho.
Sou pé vermelho de Santa Mariana
Eu sou pé "Vermeio".
Sou pé vermelho de Apucarana....pensa num lugar bom pra se viver.
já morei no sudoeste, lá também o solo é vermelho, mas os moradores não são "pé vermelhos"
Paraíso do Norte PR!
Não sou pé vermelho, sou Curitiba, mas amo o Paraná por igual. Já fui em muitos Municípios da região Norte e gosto muito!
Eu sou péssimo vermelho. ..de Londrina!
Sim, com muito orgulho.
Serve Pé vermelho de coração? não sou nascido aqui, mas amo demais esse lugar!
Sou pé VERMELHO porém de mãos limpas.
Sou também desse lugar.. adorava brincar no barro vermelho quando chovia. Atualmente vivo na bela Salvador.
Com muito orgulho
Sou pé vermelho sim.
Com muito orgulho
Sou pé vermelho sim
Eu sou de Palotina e moro atualmente em Paris France. Mas meus pais vivem em São José dos Pinhais e todo ano dou aí um pulinho , paranaense com orgulho
Sou gaúcha, morei em Curitiba e antes em Londrina. Lá fiquei grávida e sempre digo para minha filha que ela tem os pés vermelhos.
Sou pé vermelho londrina com orgulho
eu também sou o pé vermelho com orgulho !
Sou de Londrina e cresci em Assaí (terra do sol nascente) de imigrantes japoneses. Adoro este Nortão!!!
Não sabia sobre pé vermelho. Boa aula.
Eu sou pé vermelho Paraná com muita honra de Santa Amélia Paraná
com todo orgulho
Eu sou Pé Vermeio com certeza !
graças a deus, vivi muitos anos no norte do paraná, não moro mais há anos mas me considero pé vermelho ainda.



Londrina PR
Não sou pé vermelho. mas me sinto...pois quando criança vim morar em Cornélio Procópio e amassei muito barro e engoli muita poeira. Amo meu Paraná !!!
Totalmente vermelho de Bela Vista do Paraíso....
Sou avó de três pares de pés vermelhos, E meus pés também ficam vermelhos sempre que visito minha família em Londrina. Adoro os pés vermelhos !
Com muito orgulho, sou pé vermelho da Cidade do norte do Paraná chamada Primeiro de Maio!!!
Sou bicho do Paraná, nascido nas Terras das Cataratas e com muito orgulho pé vermelho.
E eu será que sou ? Nasci mais ãi cresci no Paraná dúvida .
Eu dou com muito orgulho
eu não sou pé vermelho, mas sou do interior também lá do sul, de União da Vitória
SAP Ivaiporã e Maringá... Agora em Curitiba, terra do leite quente... Paraná, sempre
Con mucho orgullo tambien yo lo soy
Quem cresceu em Londrina e não ficou de pés vermelhos?
Pé vermelho com muito orgulho e paixão pelo meu Paraná
Eu também sou do pé vermelho...Maringá...mas saí de lá a 20 anos. ...Maringá cidade maravilhosa.
Tive o pé vermelho por 18 anos !! E hoje e preto
Com muito orgulho quando vou para lá da vontade de vir embora mais
Com muito orgulho! Amo essa terra.
Maringá, Londrina. Já morei nas duas cidades! Adoro!
Eu também sou pé vermelho com muito orgulho. .
Foz do Iguaçu. Pé vermelho
Eu também sou pé vermelho roco com muito orgulho. ..
Hahaha...Eu sou pé vermelho sim senhor, e com muito orgulho....Nasci em Dois Vizinhos....Hehe gente boa...
Eu sou fiquei pé vermelho...
Eu sou de Corumbataí Do Sul Município, também sou pé vermelho com muito orgulho...
Orgulho puro ,sou pé, coração, alma, Londrinense sempre.
Eu sou pé vermelho
Eu amo meu Paraná!
Mesmo longe de minha terra natal me sinto um autêntico pé vermelho.
também somos pé vermelho.
Somos pé vermelho com muito orgulho....terra que faz milagres apesar do homem não respeitá-la como se deve.
Eu também sou pé (vermei) com orgulho
Sou pé vermelho e me orgulho. Terra fértil.
com muito orgulho né
Cascavel também....
Dependendo da região do estado, existem outras diversas classificações de solo, inclusive latossolo vermelho
Não posso ter nascido lá, mas sou uma pé vermelho, adoro
Santa Fé ... pé mais que vermelho! Graças a Deus!
Eu também sou com muito orgulho.

Guarapuava também é pé vermeio.
Pé vermelho sempre!
Eu sou pé vermelho!
saudade do meu amigo pé vermeio - Londrina
eu também sou com muito orgulho ..
Eu sou pé vermelho
pé vermelho com orgulho!